A. TAVARES DE LYRA

DOMINIO HOLLANDEZ NO BRASIL

ESPECIALMENTE NO

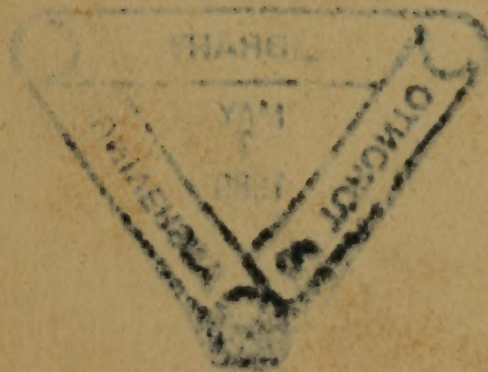
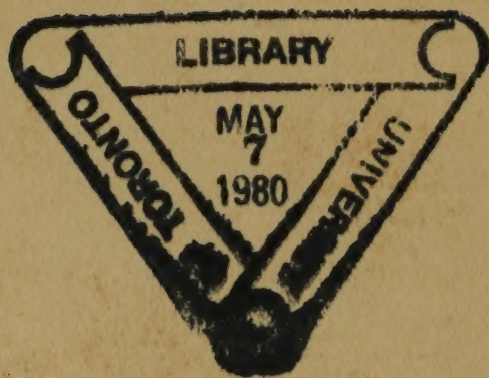
RIO GRANDE DO NORTE

RIO DE JANEIRO
Typ. do «Jornal do Commercio», de Rodrigues & C.
1915

Ao Dr. José Carlos Rodrigues
affectuosa lembrança
do
Autor

15/2/915

NOTA

A publicação deste trabalho foi autorizada pelo governo do Estado do Rio Grande do Norte, nos termos da lei n. 145, de 6 de Agosto de 1900.

A' Commissão Organizadora do Primeiro Congresso de Historia Nacional

Nomeado representante do Governo e do Instituto Historico do Rio Grande do Norte no Congresso de Historia, que deve realizar-se nesta Capital a 7 de Setembro proximo vindouro, entendi de corresponder a essa honrosa distincção escrevendo, embora apressadamente, este trabalho, como justa homenagem aos companheiros que, generosamente, me offereceram um logar no seio da Commissão organizadora do mesmo Congresso. E' natural que tenha erros e falhas; mas, convencido de que a indulgencia dos doutos não deixará de attender aos elevados intuitos que o ditaram, confio e espero que o julgarão com benevolencia. Outra coisa não peço.

Rio, 15 de Agosto de 1914.

A. Tavares de Lyra.

DOMINIO HOLLANDEZ NO BRASIL, ESPECIALMENTE NO RIO GRANDE DO NORTE

O abandono em que permaneceu o Brasil, logo após o seu descobrimento, desafiou a cobiça dos aventureiros e especuladores, que procuraram lucrativas vantagens no contrabando de madeiras nas costas. Sua acção foi, por vezes, damnosa; mas della resultaram alguns beneficios: foi-se conhecendo a terra, percorrendo o extenso littoral, praticando as barras e portos, obtendo roteiros seguros para a navegação.

Outro tanto não se póde dizer do corso, que, acompanhando as alternativas e vicissitudes da politica européa, foi tambem estabelecido desde o seculo XVI. Justificado então como medida de guerra, a que recorriam as nações que se achavam em luta no continente e que se disputavam o dominio dos mares, afim de ferirem o inimigo em seus interesses commerciaes, elle perdeu bem depressa esse caracter para ser uma ameaça constante ás colonias e fonte de sobresaltos e inquietações para os seus habitantes. Já não bastavam as prezas maritimas e as correrias no oceano. Os flibusteiros e piratas começaram a tentar a invasão do territorio, o assalto ás povoações desguarnecidas, o estabelecimento em pontos despo-

voados. Organizavam expedições para as depredações e para o roubo, promoviam a destruição e a pilhagem, pretendiam um quinhão na partilha da terra descoberta. E, nesse intuito, animava-os o apoio official, ostensivo ou discreto, de seus respectivos governos.

Toda a historia dos primeiros tempos attesta essa tendencia de varios povos, entre os quaes se destacaram os Inglezes, os Francezes e os Hollandezes.

Os Inglezes não chegaram a exercer jurisdicção territorial effectiva; mas de suas façanhas, que culminaram nas crueldades de Thomaz Cavendish, nos ficaram tristes e dolorosas recordações.

Com os Francezes, que chegaram a constituir perigo sério á consolidação do dominio portuguez, tivemos de medir as nossas armas, expulsando-os pela força, do sul e do norte. De todos, porém, os que mais fundamente perturbaram a obra da conquista foram os Hollandezes, em cuja expulsão se desenvolveram prodigios de valor e de coragem, em combates gloriosos e inolvidaveis. A luta foi desegual, porque, emquanto elles, á sombra de grandes recursos militares, arriscavam apenas o campo de que se haviam apossado para a exploração e para a rapinagem, os nossos antepassados tudo empenhavam — honra, familia, bens, vida e patria. Não temos, entretanto, o direito de maldizel-a, porque ao usurpador devemos o alvorecer, entre nós, do sentimento de nacionalidade, cuja primeira affirmação se fez, vivaz e indomita, nessa campanha longa, penosa, cheia de indiziveis sacrificios, que durou mais de vinte annos, e na qual os combatentes, confiados em si mesmos e constantes no infortunio, iam, de resolução propria, provocar os golpes e a reacção dos dominadores flamen-

gos, "sem imperio que os obrigasse, sem esperança que os persuadisse, sem premio que os dispozesse".

Com uma população de alguns milhões de habitantes, estendia-se pela região littoranea do Mar do Norte o territorio occupado pelos pequenos cantões e cidades que — regendo-se por leis e costumes particulares e contando numerosos principados e soberanias — constituiam os Paizes Baixos. Ligados sob o sceptro dos duques de Borgonha desde o seculo XIV, passaram, após a morte de Carlos, *o Temerario,* na batalha de Nancy (1477), a sua filha e herdeira unica, a duqueza Maria, que, para resistir aos poderosos inimigos de sua dynastia, procurou o amparo da casa d'Austria, casando-se com Maximiliano, que em 1493 subiu ao throno da Allemanha, onde veio a dar, no periodo que se caracteriza pela formação das grandes nacionalidades modernas, o impulso decisivo ao alargamento da autoridade real, para cuja defesa creou a milicia permanente.

Imperador da Allemanha, Maximiliano entregou o governo dos Estados, que sua mulher trouxera em dote, a seu filho Felippe, *o Bello*, que casou-se com a princeza Joanna, filha de Fernando e Isabel, soberanos de Aragão e Castella, os quaes, pela conquista de Navarra e Granada, tinham operado a unidade politica e territorial da Hespanha. Desse casamento nasceu Carlos V, que imperou na Allemanha, nos Paizes Baixos, nas Duas Sicilias e na Hespanha. Por occasião de sua abdicação, em 1556, quando recolheu-se ao convento de S. Justo, coube a seu irmão Fernando a corôa da Allemanha, ficando a seu filho Felippe II os demais Estados sobre que reinava.

As dissenções religiosas decorrentes da *Reforma* lavravam então por varios paizes da Europa; e nas Provincias Unidas a raça wallonica se conservou fiel

ás tradições catholicas, adoptando a germanica o culto reformado. A' rivalidade de egrejas trouxe os dissentimentos politicos; e a guerra da independencia neerlandeza, alimentada pela diversidade de crenças religiosas, se prolongou por dilatados annos, até que o tratado de Westphalia em 1648 veio sanccionar o desmembramento definitivo: uma parte constituiu as Provincias Unidas dos Paizes Baixos, e a outra só modernamente transformou-se no actual reino da Belgica (1) Foi durante essa guerra que os Hollandezes hostilizaram mais vivamente as possessões ultramarinas da Hespanha e Portugal, algumas das quaes foram por elles occupadas no todo ou em parte. O Brasil entrou no numero destas.

As suas aggressões visavam exclusivamente proventos materiaes immediatos; mas tanto se esforçaram para dissimular hypocritamente os seus fins, que ainda hoje ha escriptores nossos que lhes emprestam intuitos elevados, attribuindo a sua acção a um problematico amor á liberdade de commercio. Nada mais irritante e injusto, pois essa bandeira que desfraldaram quando outros eram os senhores da terra, desappareceu logo que a occuparam, para dar logar aos mesmos processos que condemnavam, levados a extremos vexatorios que ainda não haviam tido.

Rocha Pombo escreveu que, emquanto os Portuguezes creavam, como a causa suprema para a Europa naquelle instante, a expansão do espirito occidental por todo o mundo, a Hollanda cuidava, provida e assisada, de preparar a sua economia domestica, fazendo a sua lavoura e a sua pesca, fundando as suas officinas, as suas manufacturas, abrindo canaes, construindo diques e esperando o momento op-

(1) Para maior desenvolvimento, vide, entre outros, "O Principe de Nassau", por M. Thomaz Alves Nogueira.

portuno para disputar aos heróes do descobrimento as vantagens da obra realizada. E accrescentou: "O papel dos Hollandezes e dos outros concorrentes de Portugal e Hespanha foi o de simples instigados da fortuna, campeões retardatarios, que tinham de certo muito valor, mas que só chegaram depois de ferida a batalha e ganha a victoria, com o pensamento de recolher os despojos".

Não ha recusar esta verdade incontestavel para aquelles que estudam e comparam a obra dos Portuguezes com a dos seus competidores, mesmo os Hollandezes que, num crescendo admiravel, de pescadores fazem-se maritimos de alto mar; de simples mercantes passam ao corso; logo á pirataria; á flibustagem desenfreada, em todo o Atlantico, principalmente; e em breve, sentindo uma exaggerada confiança no destino, atiram-se á conquista das terras que outros haviam descoberto".

Confundindo actos isolados de um principe illustre com as normas de administração e de governo de uma companhia de piratas, organizada officialmente e com autonomia politica, não são poucos os que desculpam as calamidades da guerra, allegando que naquella época brilhou, pela primeira vez, em nossa Patria a luz da liberdade civil e do progresso intellectual; mas o facto é que jamais tiveram outros propositos que não fossem os de salvaguardar os seus interesses commerciaes. Era o espirito mercantil que os animava, era a elle que subordinavam todas as suas preoccupações, desde que, em 1581, após a incorporação de Portugal e suas colonias á corôa de Hespanha, volveram as vistas para o Oriente e para a America, especialmente para o Brasil, que, a começar d'ahi, teve de contar com os seus ataques, cada vez mais repetidos, cada vez mais violentos.

Em 1602, a Hollanda dava o seu assentimento á officialização do saque. Organizava-se a Companhia das Indias Orientaes, que, pela carta patente de sua creação, ficava autorizada a commerciar no Oriente, a concluir tratados de paz ou de alliança e a declarar guerra em nome dos Estados Geraes (2). Os lucros dessa empreza foram, como era de esperar, avultados, despertando o desejo da fundação de outra que lograsse identicas vantagens no Occidente. Essa idéa foi ardorosamente defendida por Guilherme Usselinex; mas encontrou — até que triumphasse — grande opposição e forte resistencia. Só em 3 de Junho de 1621 a nova companhia obteve o privilegio que ambicionava (3). O acto de sua outorga, precedido de considerandos justificativos, regulava, em quarenta e cinco clausulas, os auxilios, favores e assistencia do Estado, e bem assim os direitos e obsigações da sociedade, que gosaria por vinte e quatro annos o monopolio do commercio da America e Africa, com largas concessões e amplos poderes.

A organização da Companhia coincidiu com a terminação das tregoas de doze annos, assignadas entre a Hespanha e as Provincias Unidas em 1609; mas é sabido que, durante essas tregoas, os Hollandezes não se abstiveram de hostilidades contra as colonias da monarchia luso-hespanhola. Ao contrario, foi nessa época que se apoderaram de quasi todo o commercio do Oriente, e que recrudesceram as suas inves-

(2) "O Principe de Nassau", cit., pag. 84.

(3) Porto Seguro diz que a outorga da patente teve logar em 3 de Janeiro. Netscher, porém, fixou a data com exactidão, conforme se póde verificar no trabalho de Laet, publicado no vol. XXX dos "Annaes" da Bibliotheca Nacional. Ahi se encontram, na integra, não só o decreto concedendo o privilegio, como o acto de sua ampliação em 13 de Fevereiro de 1623, e o accôrdo firmado entre os directores e principaes accionistas da Companhia, feito com approvação dos Estados Geraes.

tidas contra o Brasil, de fórma tal que em 1616 aprezaram vinte e oito navios de sua carreira, e até 1623 já ascendia a setenta o numero dos que tinham sido tomados no mar e nos portos (4).

Na realidade, portanto, a Companhia das Indias Occidentaes vinha apenas unificar os esforços dos que sonhavam com a occupação de parte do extenso territorio brasileiro. Isto e a pirataria em larga escala; nada mais.

A Bahia, como capital da colonia e seu principal emporio commercial, foi o ponto preferido para a primeira aggressão; e, em fins de 1623, estava equipada a frota que devia leval-a a effeito, a qual se compunha de vinte e seis velas (vinte e tres navios grandes e tres hyates), com mais de quinhentas boccas de fogo e tres mil e tantos homens, entre marinheiros e soldados (5).

Essa frota, que teve por commandante o almirante Jacob Willekens e por immediato Pieter Heyn, começou a reunir-se em fins de Janeiro de 1624 na ilha de S. Vicente, do archipelago do Cabo Verde, sahindo d'ahi em 26 de Março do anno seguinte, com excepção do navio em que embarcava Johan van Dorth, chefe das tropas de desembarque—o *Hollandia*.

Mostrando-se á barra no dia 8 de Maio, a esquadra a transpunha no dia immediato, e, sem perda de tempo, atacava a cidade por terra e por mar. A defesa foi, a principio, ardorosa; mas a audacia do plano de combate dos atacantes e a presteza com que

(4) Porto Seguro, "Hollandezes no Brasil", pag. 9, e Rocha Pombo, "Historia do Brasil", vol. IV, pag. 61.

(5) Netscher, para dar idéa das forças que a Companhia punha em acção logo depois de creada, dá uma relação detalhada de tudo, relação muito generalizada hoje entre os nossos escriptores que se têm occupado deste assumpto. Convem consultar tambem Laet, vol. XXX dos "Annaes" da Bibliotheca Nacional, cit. E' minucioso e completo.

foi realizado quebrantaram as energias de alguns que, tomados de panico, arrastaram toda a população em sua fuga precipitada. Ao amanhecer do dia 10 tudo estava abandonado e o invasor, sem receios de resistencia, penetrava na capital, onde prendia, em seu proprio palacio, o governador geral, Diogo de Mendonça Furtado, acompanhado apenas de seu filho Antonio de Mendonça, do sargento mór Francisco de Almeida, do ouvidor Pedro Casqueiro e do capitão Lourenço de Britto.

Cahira a Bahia; mas, passada a illusão da victoria, que aproveitaram para recolher os melhores despojos, os conquistadores iam ter a prova de que era impossivel consolidar o seu ephemero poder. Aquelles mesmos, que haviam desertado do cumprimento do dever, seriam os primeiros — estimulados em seus brios pela grandeza moral e pela serena intrepidez com que Diogo de Mendonça, ficando até o fim no seu posto, soubera salvar naquella hora de amargura a sua honra de patriota e de homem de governo — a resgatar a culpa de sua fraqueza, sitiando-os dentro dos muros da cidade e impedindo, com a guerra de emboscadas, que alargassem os seus dominios.

Chegando no dia 11, van Dorth assumiu immediatamente o governo, tratando de atalhar os horrores que desde a vespera eram praticados, melhorando as condições de defesa da praça e espalhando proclamações em que promettia aos moradores a garantia de todos os seus direitos. Pequeno, porém, foi o numero dos que confiaram nessas promessas, e esses mesmos eram, em sua maioria, indios e africanos escravos (6). A grande massa continuou a sua retirada, procurando

(6) Rocha Pombo, obra citada, vol. IV, pag. 97.

asylo para as familias e creanças nas povoações, engenhos, fazendas e *reducções* proximas. Em uma destas — a aldeia do Espirito Santo, hoje cidade de Abrantes — concentraram-se para resistir os que podiam pegar em armas. Foi ahi, na presença do bispo, D. Marcos Teixeira, e de varios desembargadores, que se abriram as vias de successão, nas quaes vinha indicado para succeder a Diogo de Mendonça o capitão-mór de Pernambuco, Mathias de Albuquerque, a quem se transmittiu aviso, escolhendo-se para substituil-o, emquanto não accusava o recebimento da communicação, o desembargador Antão de Mesquita de Oliveira, que, velho e doente, teve depois por substituto, com o consenso dos officiaes da camara, o proprio bispo. Este foi a alma da reacção, iniciada sob os melhores auspicios e proseguida com desassombro e coragem taes que, dentro em pouco, o acampamento estava transferido para o Rio Vermelho, cerca de uma legua ao norte da cidade.

Mudam-se as perspectivas da luta: todos revoltam-se com a lembrança da cobardia da fuga e procuram reconquistar, em lances de audacia, o terreno perdido, que passa a ser disputado palmo a palmo. Crearam-se nessa occasião as famosas companhias de assaltos, que encurralavam os Hollandezes no ambito de suas fortificações, de que não podiam afastar-se sem o risco de pagar com a vida a sua temeridade, como succedeu ao governador Johan van Dorth, apanhado e morto, quando voltava de uma inspecção ás trincheiras de Monserrate, pelo capitão Francisco Padilha.

A repercussão que teve na metropole a noticia dos acontecimentos da Bahia foi extraordinaria; e o governo, tomado de apprehensões e ante as exigencias da opinião, apressou-se em aprestar uma esquadra po-

derosa que seguisse, quanto antes, para o Brasil. Fez mais. Enviou desde logo duas caravelas com soccorros; ordenou que Francisco Coelho, nomeado governador do Maranhão e já de viagem para alli, se dirigisse, com os recursos que levava, para a capital da colonia; determinou que de Pernambuco e Rio de Janeiro seguissem auxilios, e nomeou capitão-mór do Reconcavo a D. Francisco de Moura.

Mathias de Albuquerque agiu tambem sem demora, desde que recebeu o aviso do que occorrera; e, em começo de Setembro, já chefiava a resistencia, por delegação sua, Francisco Nunes Marinho, ex-capitão-mór da Parahyba, que, nos primeiros dias de Dezembro, entregava o mando a D. Francisco de Moura.

As mudanças na direcção da campanha eram de ordem a quebrar a unidade de vistas com que devia ser feita; mas nada amortecia agora o enthusiasmo daquella gente. Pouco se lhe dava de obedecer ao commando deste ou daquelle, avassalado como estava o seu espirito pelo decidido empenho de circumscrever as consequencias do desastre da retirada. Uma só era a sua aspiração: expellir o invasor. E, com essa nobre intuição das necessidades do momento, tudo levaria de vencida. Dentro de alguns mezes, os Hollandezes estavam isolados: falleciam-lhes os meios de communicar-se com o interior, e mesmo no mar já não era lisongeira a sua situação, que aggravou-se com a chegada, em Março de 1625, da poderosa armada de D. Fadrique de Toledo. Este não se enganou sobre o desfecho da luta. Viu que o triumpho era certo; e, pondo em terra as tropas de desembarque, apertou o cerco tomando a offensiva, cortou as communicações por mar e obrigou o inimigo, impotente deante da superioridade de suas forças, a ren-

der-se. A capitulação foi assignada e, a 1° de Maio, tremulavam victoriosas em toda a cidade as bandeiras portugueza e hespanhola.

Vencidos na Bahia, os Hollandezes iriam tentar melhor fortuna em Pernambuco e nas capitanias do norte. Alli continuariam a desenrolar-se, durante um quarto de seculo, mais tragicas e mais emocionantes, as scenas do grande drama da invasão. Antes, porém, elles teriam de assignalar, ainda uma vez, os seus inconfessaveis designios nas assaltadas do littoral e no roubo sobre aguas, em que se celebrizou Pieter Heyn, devastando o *Reconcavo* e apoderando-se dos galeões do Mexico, commandados por D. Juan Benevides, que transportavam para o reino riquezas e cargas de altissimo valor.

Cinco annos — tanto mediou entre a sua expulsão da Bahia e a tomada de Olinda e Recife — levaram a organizar a nova expedição, de que logo se teve conhecimento em Madrid e Lisbôa. Mas as providencias dadas pelos governantes, revelando descaso pela colonia, ou incredulidade quanto ao intento da Companhia das Indias Occidentaes, não foram além das recommendações ao governador geral para que estivesse vigilante, conservando em boas condições as guarnições e as fortalezas, e da nomeação de Mathias de Albuquerque para superintendente da guerra e fortificador das capitanias do norte. Deficientes e irrisorios foram os auxilios fornecidos a esse valente militar (7), que, tendo seguido para a Europa desde 1626, regressava com presteza ao Brasil, onde, em Outubro de 1629, substituia a André Dias de França no governo de Pernambuco, proseguindo nas obras de defesa da capitania, das quaes se achava incumbido o

(7) Porto Seguro, "Hollandezes no Brasil", cit., pag. 47, diz que foram 27 soldados e algumas munições.

sargento-mór Pedro Corrêa da Gama, anteriormente enviado da Bahia pelo governador geral Diogo Luiz de Oliveira; attendendo ao armamento e disciplina da milicia da terra, que constava de tres companhias de linha, com cento e trinta praças unicamente, e mais quatro companhias de milicias na villa (Olinda) e uma no Recife, todas com seiscentas e cincoenta praças; organizando mais duas companhias de gente do mar; recommendando, por toda a capitania e pelas visinhas, que os homens de armas e os indios amigos estivessem de sobreaviso, afim de acudirem onde se mostrasse o inimigo; mandando que pela costa se postassem atalaias para, por meio de fogueiras de distancia em distancia, darem signal dos navios que se avistassem; e, finalmente, ordenando ao sargento-mór das milicias, Ruy Calaza Borges, que fosse desalojar alguns hollandezes que estavam formando um estabelecimento na ilha de Fernando de Noronha (8).

A 14 de Fevereiro de 1630, a esquadra hollandeza estava deante do Recife; e, na tarde de 15, Weerdenburgh, com cerca de tres mil homens, desembarca nas praias de Pau Amarello, sem opposição do ex-capitão-mór Dias França, que, apezar de destacado para guardar, nessa parte, o littoral, retira-se para Olinda. Mathias de Albuquerque deixa então o Recife e corre ao encontro daquelle general, tentando deter-lhe a marcha, no dia 16, ás margens do rio Doce. E' inutil. A fuga de muitos desfalca as fileiras dos seus e elle se vê obrigado a ir recuando até Olinda, que — já abandonada pelos moradores e familias — é tomada nesse mesmo dia.

Mathias de Albuquerque, acompanhado dos poucos que não o desampararam, volta ao Recife, onde o

(8) Porto Seguro, "Hollandezes no Brasil", cit., pag. 49.

exodo se fazia atropeladamente, augmenta as guarnições dos dois fortes do Picão e de S. Jorge, manda recolher a elles a maior parte das munições, ordena que sejam incendiados os armazens e navios que estavam carregados, procura obstruir o canal da barra e organiza a resistencia. Tudo dealde. A 2 de Março, após a capitulação dos dois fortes, o Recife tinha a mesma sorte da capitania: era tomado e saqueado.

Mathias de Albuquerque, dando edificantes exemplos de sua fortaleza de animo, não se abate. Reune no *Arrail do Bom Jesus* os restos destroçados de suas forças, soccorre a população sem lares e sem viveres, apella para os moradores e para as capitanias visinhas, invoca o auxilio da metropole, pica a miudo o inimigo, vence-o em armadilhas, impede-lhe as sortidas ao campo, servindo-se das companhias de emboscada, isola-o, emfim, em Olinda e no Recife, cujas communicações, pelo isthmo que os liga na distancia de uma legua, tornam-se difficeis e perigosas.

Os Hollandezes resolvem-se a destruir o *Arraial.* Investem-n'o a 14 de Março; mas, envolvidos, rechassados e perseguidos, com grandes perdas, até as visinhanças de Olinda, acautelam-se e retraem-se. Nem assim podem ter tranquillidade e repouso. São incommodados em seus reductos. "Os Pernambucanos, na ancia do desforço, desvairam de colera", multiplicando as ciladas, as sorprezas, as escaramuças. A guerra continúa sem tregoas e toda a terra lhes é hostil. Resta-lhes, porém, o mar; e por ahi chegam sem cessar os soccorros de que precisam, augmentando sempre os seus elementos de resistencia. Mathias de Albuquerque escreve para o reino, pedindo, supplicando, implorando auxilio. Mandam-n-os: insignificantes e insufficientes. Os recursos que se lhe deparam são os que se encontram alli mesmo e nas capitanias pro-

ximas. E é com elles que os guerrilheiros proseguem o movimento de reacção, porque só ante informações positivas de que a Hollanda prepara uma nova esquadra que se destina a Pernambuco, é que o governo da Hespanha se decide a enviar algumas forças para o Brasil. Dois mil homens ao todo, sendo oitocentos para a Bahia, mil para Pernambuco e duzentos para a Parahyba (9). Essas forças, bem como doze peças de bronze e demais armamentos e munições para o *Arraial do Bom Jesus* e capitania da Parahyba, vieram em doze caravelas, comboiadas por uma esquadra de vinte navios de guerra, sob o commando de D. Antonio Oquendo, que a 13 de Julho de 1631 chegou á Bahia, onde demorou-se dando desembarque á gente, que para alli trouxera, e carregando os navios alliviados com productos coloniaes.

A 3 de Setembro Oquendo levantou ferro, sendo arrastado para o sul por fortes temporaes, e a 11 avistou a frota hollandeza que, composta de 16 velas e sob as ordens do almirante Adriaen Jansz Pater, partira de Pernambuco a 31 de Agosto afim de offerecer-lhe combate.

No dia seguinte, 12 de Setembro, encontraram-se as duas esquadras, travando-se a batalha, que foi um dos feitos navaes mais importantes da época. Alguns escriptores, nacionaes e estrangeiros, affirmam ter ficado indecisa; mas a verdade é que, na Hespanha, em cujo museu naval existe um quadro commemorativo da victoria, como na propria Hollanda, reconheceu-se e proclamou-se em documentos officiaes

---

(9) Com elles vieram o conde de Bagnuolo, que desempenhou, por vezes, papel importante na guerra, e Duarte de Albuquerque Coelho, 1° conde e 3° donatario de Pernambuco, irmão do general e governador Mathias de Albuquerque. Foi o autor das "Memorias Diarias", que abrangem os annos de 1630 a 1638 e são, ainda hoje, bom repositorio dos factos occorridos no primeiro periodo das lutas com os Hollandezes.

o triumpho obtido por Oquendo (10), que, além de privar o inimigo de um de seus mais bravos almirantes — Pater — que succumbira na luta (11), pôde depois, sem mais hostilidades, desembarcar os soccorros que trouxera para o *Arrail do Bom Jesus* e para a Parahyba.

O insuccesso desse combate — mais um revéz para suas armas que não conseguiam em terra vencer a teimosia dos patriotas e abrir caminho para o interior — levou os Hollandezes a abandonarem, em fins de Novembro, a villa de Olinda, onde só foram poupados os edificios e propriedades daquelles que os poderiam resgatar pelo preço que lhes arbitraram. Os demais desappareceram devorados pelas chammas, ou demolidos para que os materiaes fossem aproveitados em novas construcções no Recife. Ahi concentraram todas as suas forças (cerca de sete mil homens) e, não devendo, por prudencia, atacar o *Arraial*, que julgavam muito forte pelos reforços pouco antes recebidos, nem podendo permanecer encerrados no reducto de suas fortalezas, desviaram suas incursões para rumos differentes. Em principios de Dezembro dirigiram a primeira investida contra a Parahyba; mas, repellidos com perdas consideraveis, após numerosas refregas, embarcaram apressadamente para Pernambuco de onde dias depois — a 21 do mesmo mez — sahiu outra expedição, levando o chefe militar general Theodoro Weerdenburgh, para apoderar-se do

(10) Leia-se na "Revista do Instituto Historico Brasileiro", tomo LVIII, pags. 203 e seguintes o trabalho que o Dr. José Hygino escreveu sobre essa batalha.

(11) Alguns chronistas e historiadores dizem que o almirante Pater, vendo o seu navio perdido, envolveu-se no pavilhão de sua patria e, atirando-se ao mar, exclamou: "O oceano é o unico tumulo digno de um almirante batavo". Isto não passa de uma lenda, a que nem mesmo os Hollandezes deram curso. O Dr. José Hygino, no trabalho citado anteriormente, e Rocha Pombo, em nota á pag. 247 do vol. IV de sua obra, demonstram-n'o á saciedade.

Rio Grande do Norte. Ao chegar, porém, alli essa expedição já encontrou Mathias de Albuquerque Maranhão, pois este, informado do plano dos invasores ou suspeitando delle, seguira immediatamente da Parahyba á frente de tres companhias e duzentos indios em defesa daquella capitania, que, graças a esse soccorro opportuno, escapou do ataque que nem mesmo foi tentado (12).

Vem a proposito relembrar aqui alguns antecedentes que precipitaram a tentativa mallograda de que acabamos de fallar, e que contribuiram sem duvida para que a conquista fosse realizada dois annos depois.

Desde as suas primeiras viagens, os Hollandezes punham o maior empenho em obter, por intermedio dos indigenas e colonos, informações detalhadas da terra, que eram cuidadosamente escriptas e annotadas (13). Conheciam, por isso, muitos pontos do littoral e

---

(12) Sobre essa expedição ao Rio Grande do Norte cingimo-nos á opinião de Porto Seguro ("Hollandezes no Brasil", citado, pag. 89). Rocha Pombo (ob. cit., vol. IV, pags. 256 e 257) refere-se a ella nos seguintes termos: "... Uma semana depois de terem chegado da Parahyba, levantaram ferro outra vez, dirigindo-se agora mais para o norte, apresentando-se, a 27 de Dezembro, diante do Rio Grande. Elles tinham esperança de encontrar alli o concurso de Tapuias que lhes falhara na Parahyba. Levava agora o tenente-coronel Callenfels mais reforçadas as suas tropas. Apesar disso, ainda uma vez fracassou-lhes o plano: o forte dos Reis Magos estava muito bem guarnecido de gente que acudira da Parahyba com Mathias de Albuquerque Maranhão, e os assaltantes foram recebidos a tiros de canhões. Parte da gente desembarcou em uma enseada um pouco abaixo (enseada de Domingos Martins) e foi explorando a terra nas immediações. Certos da impossibilidade de conquistar de prompto aquella posição, contentaram-se os inimigos com recolher dos campos grande numero de bois, tomando novamente rumo do Recife (9 de Janeiro de 1862)".

(13) Muitas dellas são hoje conhecidas e, não ha ainda muito tempo, os "Annaes" da Bibliotheca nacional (vol XXIX, pag. 171 e seguintes) publicaram varias declarações tomadas em Março de 1628, em Amsterdam, sobre a costa septentrional do Brasil, constando de uma o numero de canhões (9) e dos soldados (40) existentes no forte dos Reis Magos.

das visinhanças dos portos em que se abrigavam, pois tinham por habito, sempre que podiam, fazer ligeiras excursões aos logares proximos.

Laet nos dá noticia de uma *entrada* ao *Cunhaú* em 1526 (14). Foi talvez a primeira que fizeram em territorio rio-grandense; mas, posteriormente, outras se succederam e com ellas foi augmentando o conhecimento da capitania que, em 20 de Maio de 1630, o brabantino Adriano Verdonck já descrevia com relativa precisão (15).

A 2 de Outubro de 1631, se lhes apresentou um indio, a quem os documentos do tempo chamam ora Marciliano, ora Marcial, dizendo-se enviado dos prin-

---

(14) A 19 de Julho o capitão Uzeel com uma partida de soldados e indigenas fez uma entrada, caminho do Rio Grande; encontrou um engenho com algumas tresentas caixas de assucar e mui numeroso gado, mas não pôde trazer este nem aquellas, por ter de fazer um longo caminho por mattas bastas, bem como durante duas ou tres horas por agua. Chegou ao quartel a 23 sem trazer coisa alguma, salvo os indigenas que trouxeram limões para os doentes ("Annaes" da Bibliotheca Nacional, vol. XXX, pag. 96).

(15) As informações de Adriano Verdonck estão publicadas no n. 55 da Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pern. O Dr. Vicente de Lemos resume-as assim em seu livro "Capitães-Móres e Governadores do Rio Grande do Norte": "Havia na Capitania cinco a seis aldeias, que, reunidas, podiam contar 700 a 750 indios flecheiros, e a principal dellas era chamada Mopibú, situada a sete milhas ao sul de Natal. A cidade contava de 35 a 40 casas de palha e barro. Os habitantes mais abastados viviam habitualmente nas suas fazendas e vinham apenas nos domingos e dias santificados a ouvir missa. Nesse raio de seis a nove milhas não residiam mais de 120 a 130 camponios, na sua maioria rusticos. Dois eram os engenhos existentes: um no Ferreiro Torto, de fogo morto pela ruindade das terras; e o outro na varzea do Cunhaú a 19 milhas ao sul de Natal. Safrejavam de seis a sete mil arrobas de assucar annualmente, e nessa zona moravam 60 a 70 colonos com suas familias. Creavam bastante gado, e exportavam farinha e milho para Pernambuco nos mesmos barcos em que seguiam as caixas de assucar, que não excediam em regra de cem a cento e dez. Esta exportação fazia-se na distancia de meia legua por um rio, onde chegavam os barcos. A sessenta milhas da fortaleza para o norte havia grandes e extensas salinas, creadas pela natureza, cujo sal extrahiam os colonos."

cipaes de sua nação — os *Janduys* — e promettendo-lhes alliança e amisade em nome das tribus inimigas dos Portuguezes. Do que foi apurado no interrogatorio a que o submetteram resultou a deliberação de ser mandada áquellas paragens uma expedição, que partiu de Pernambuco a 13 do mesmo mez e anno, levando, além do portuguez Samuel Cochin, aquelle indio e outros que tinham sido conduzidos para a Hollanda em 1626 pelo almirante Hendrikson (16). Compunha-se de um hyate e de uma grande chalupa, sendo seu commandante o capitão Albert Smient, e servindo de immediato Joost Closter. Era seu fim angariar o apoio dos naturaes e colher dados exactos sobre a situação e recursos da região que fosse costeada. Foi percorrido todo o littoral parahybano e depois o rio-grandense, sendo que, a algumas leguas além de Natal, o capitão Smient fez desembarcar (10 de Novembro) uma pequena força, que, durante a noite, guiada pelo clarão de uma fogueira, encontrou varios indigenas em companhia de 17 mulheres e crianças, que o portuguez João Pereira trazia para a cidade. Esse portuguez foi assassinado; e, verificando-se entre os papeis, que tinha em seu poder, alguns que continham informações pormenorizadas sobre o Ceará, resolveu o referido capitão Smient voltar com elles ao Recife na chalupa, continuando Closter a viagem de exploração no hyate.

Closter chegou a costear parte do territorio cearense, de onde seguiu para as Antilhas, procedimento que lhe valeu ser condemnado por conselho de guerra e expulso do serviço da Companhia, e Smient apor-

(16) Sobre a ida e permanencia desses indios na Hollanda, o Dr. Pedro Souto Maior publicou um interessante artigo no "Jornal do Commercio" (Rio), de 1° de Abril de 1912, sob a epigraphe "Dois indios notaveis e parentes proximos" (Pedro Poty e Felippe Camarão).

tou ao Recife em 25 de Novembro, dando conta ao Conselho Politico de tudo que observara e entregando-lhe os documentos que haviam pertencido a João Pereira (17). Em Dezembro fracassava, como vimos, o plano de assalto ao Rio Grande do Norte (18).

Embora reduzidos, os elementos com que contavam os defensores da colonia eram bastantes para ir impedindo que os invasores se estabelecessem calmamente na terra. Mais de dois annos se haviam passado, depois que della se tinham apoderado, sem que lhes sorrisse a fortuna das armas. Salteios e pilhagens, nem sempre sem lutas e sacrificios, eram os unicos frutos de sua conquista. E isto, comprehende-se bem, não satisfazia á sua desmedida ambição. Queriam lucros, vantagens, riquezas; mas a miragem, atraz de que haviam corrido, se desfazia rapidamente ante a resistencia que os assoberbava, tolhendo-lhes os movimentos, sitiando-os, obrigando-os a viver como em presidios, forçados a pedir e esperar auxilios, que só lhes poderiam vir pelo mar. Desanimavam; affrouxavam-se-lhes as energias; e, certo, teriam recuado da empreza, se a metropole houvesse amparado efficazmente a colonia, e a traição de Domingos Fernandes Calabar, que foi para elles guia experimentado e habilissimo, não transformasse a face dos acontecimen-

---

(17) Ao erudito Dr. Alfredo de Carvalho deve o "Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte" um bom estudo sobre a expedição de Smient, estudo que foi publicado no vol. IV, pags. 117 e seguintes de sua revista.

(18) Porto Seguro, Rocha Pombo e outros silenciam sobre a expedição de Smient, ao passo que o Dr. Alfredo de Carvalho fala desta, calando a que realizou-se em Dezembro. O que parece provavel é que a primeira tivesse sido de simples exploração, visando a segunda o assalto da capitania, que aliás só foi tomada dois annos depois.

tos (19). O ataque de Iguarassú foi então a sua primeira façanha arrojada e feliz, marcando o inicio das victorias que começam a acompanhar os seus passos nas emboscadas e assaltos que se succedem uns aos outros. Os Portuguezes lutam sempre, lutam com desespero, cobrindo-se ás vezes de glorias e louros immarcessiveis, como se deu no reducto de Rio Formoso, onde Pedro de Albuquerque, com vinte homens, resistiu heroicamente, só escapando da peleja elle, mortalmente ferido, e o seu parente Jeronymo de Albuquerque, tambem ferido, que fugiu a nado; mas a bravura nada vale contra o impossivel. A fatalidade esmaga-os, e têm de submetter-se a ella, perdendo uma a uma as principaes posições que occupam, até que, a 3 de Julho de 1635, chega o momento angustioso em que ao incançavel Mathias de Albuquerque só resta o recurso de garantir com forças dizimadas a retirada para Alagôas de um exercito de mulheres, crianças e invalidos, que, famintos e nús, fazem ainda o mais eloquente dos protestos contra o dominio do invasor, subtrahindo-se pela fuga ao seu jugo desapiedado e cruel.

Antes, porém, desse facto, já o Rio Grande do Norte fôra conquistado. A expedição que delle se apoderou sahiu do Recife a 5 de Dezembro de 1633, e compunha-se das seguintes embarcações:

Overyssel, capitão Joachim Cysen;
Ter Weer, capitão Cornelis Hendricksen Lucifer;

---

(19) Tem havido quem procure ver na defecção de Calabar um protesto contra o dominio portuguez, ao qual preferia, por elevados intuitos patrioticos, o dos Hollandezes. E' uma opinião errada. Mulato intelligente e audaz, mas sem moral e sem cultura, elle não agiu nem podia agir impulsionado por sentimentos nobres e por amor á grandeza de sua terra. Na melhor hypothese, era um aventureiro sem idéas e sem pincipios. Seu procedimento é injustificavel, porque, além do mais, era militar e desertou de sua bandeira, á sombra da qual servia já desde 1630.

De Vlaermuis, capitão Gersit Janse Westphalingh;

Campen, de Willem Rienwersse;

Pernambuco, capitão Jan Jansen Vos;

Naerden, cujo capitão ficou em terra, por doente;

Pegasus, capitão Jan Florissen Dolphyn;

De Leenwerick, capitão Dirk Cornelisse de Jonge;

De Spieringh, capitão Jan Jansen Noorman;

De Vos, capitão Focke Fockes;

Ceulen, capitão Jan Henricksen Schaep;

As forças de desembarque constavam de 808 homens, distribuidos por oito companhias. As munições de guerra estavam confiadas a Jacob Elbertsen Wissingh, como commissario, e a Jan Staes, como conductor. Não levavam artilharia, julgando sufficiente a dos navios e a que esperavam tomar no *Forte dos Reis Magos*. Dispunham de viveres para o abastecimento das forças, tanto de desembarque como de guarnição dos navios, durante nove semanas.

Na frota, sob o commando de Lichthardt, almirante da costa, embarcaram o delegado Van Ceulen (um dos dois directores da Companhia — elle e Gysselingh — que tinham vindo da Hollanda com os ultimos reforços enviados para Pernambuco), o conselheiro Carpentier e o tenente-coronel Byma, que commandava as oito companhias — quatro de fuzileiros e quatro de mosqueteiros.

A expedição, recebidas as despedidas do director Gysselingh e do coronel Sigemundt von Schkoppe (20), fez-se ao mar por volta das sete horas da

(20) Na organização do exercito dos invasores o posto de coronel correspondia ao de general, actualmente. Em virtude desta designação é que na historia do Brasil neerlandez figuram os coroneis á frente de corpos expedicionarios, não cabendo o titulo de general, quer na America, quer na Europa, sinão ao commandante em chefe de t das as forças militares. ("O Principe de Nassau" citado, pag. 71).

noite. Até o fim do dia seguinte pouco avançou e a 7, pela manhã, estava na altura de Mamanguape, onde se lhe encorporou um dos cruzeiros que vigiavam o littoral parahybano, o do commando de Albert Smient, que tomara parte na viagem de exploração realizada havia dois annos. Nesse mesmo dia reuniu-se o conselho de officiaes, discutindo e resolvendo o plano de ataque do forte dos Reis Magos que defendia a cidade de Natal. Ficou assentado que as tropas atacantes desembarcassem duas a tres leguas ao sul, em Ponta Negra, marchando por terra contra o forte, e que algumas embarcações (*Overyssel*, *Ter Veer*, *De Vlaermuis*, *Campen*, *Pernambuco*, *De Leenwerick*, *De Spieringh* e *Ceulen*) forçassem a barra, subindo o rio Potengy, afim de apoiar por esse lado a sua acção.

Adoptadas estas e outras providencias complementares, dissolveu-se o conselso, tendo o tenente-coronel, chefe das forças, expedido aos seus capitães as seguintes ordens:

"Quando se houver de operar o desembarque, farão proferir pelos seus soldados uma prece, implorando ardentemente ao Senhor a sua graça para a empreza que iam commetter, e em seguida animal-os corajosamente a se portarem na occasião imminente como leaes e valorosos soldados, de accôrdo com a sua honra e juramento.

Deverão mais fornecer á sua gente pão para tres dias e dois martellos de vinho antes de sahir de bordo, e verificar que todas as bolsas e patronas estejam bem fornecidas.

Uma vez em terra, marcharão na ordem seguinte:

As companhias do tenente-coronel e do capitão Maulpas formarão a vanguarda; as do nobre Sr. Delegado e do capitão Garstmann, a batalha; as do ma-

jor Cloppenburch e do capitão Teller, a retaguarda. Sendo as duas primeiras companhias apertadas pelo inimigo, devem as duas immediatas secundal-as sem aguardar ordens" (21).

Pelas sete horas da manhã de 8, a esquadrilha confrontava Ponta Negra e, aproando á terra, deixava nas proximidades da pequena angra que alli existe os navios para os quaes, de vespera, haviam sido transportadas as tropas de desembarque, indo em seguida transpôr a barra de Natal, junto ao forte, cuja artilharia tentou inutilmente impedir-lhe a entrada. Duas caravelas portuguezas, abandonadas pelas guarnições, foram tomadas sem difficuldades pelo almirante Lichthardt (22), que mandou occupar as dunas, entre a povoação e o forte, por uma companhia commandada pelo major Vries (no dia anterior fôra combinado que essa companhia acampasse na margem esquerda do rio, perto de um pequeno riacho de agua doce (23), onde os colonos costumavam fazer aguada, o que Lichthardt julgou desnecessario) e mais 150 marinheiros armados de mosquetes e sabres. Feito

---

(21) Estamos seguindo nesta parte as informações constantes do "Diario da jornada ou expedição ao Rio Grande", existente nos archivos da Hollanda, e, por cópia, que se deve ao zelo e dedicação do Dr. José Hygino Duarte Pereira, no "Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano". Foi traduzido pelo illustrado Dr. Alfredo de Carvalho, e está publicado no vol. IV da "Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte".

(22) Essas caravelas deviam pertencer á infortunada expedição de Francisco de Vasconcellos da Cunha, completamente destroçada na Parahyba e no Rio Grande, e da qual — trazendo 600 homens — apenas 180 chegaram ao "Arraial do Bom Jesus". Vide, entre outros, Rocha Pombo (ob. cit., vol. IV, notas ás pags. 275 a 278) e P. Raphael Galanti ("Compendio de Historia do Brasil", tomo II, pags. 74 e 75). Galanti diz que foram tres as caravelas que cahiram em poder dos Hollandezes.

(23) Provavelmente o rio *Redinha*.

isto, aguardou a chegada das forças que ficaram desembarcando em Ponta Negra (24). Diz o *Diario da Expedição* (25) :" Eram cerca de onze horas quando terminou o desembarque e iniciámos a marcha. Antes de desembarcar avistamos dois os tres portuguezes a cavallo, com alguns negros, que nos vendo saltar em terra, pozeram-se logo em fuga: proseguimos avançando sem encontrar resistencia nem alma viva; mas inferimos estar o inimigo informado de que pretendiamos desembarcar naquelle sitio e disposto a resistir-nos, porquanto em volta de toda a angra estava levantada uma trincheira, assente no topo de um renque de collinas muito ingremes, de dois piques de altura, que a desembarcar debaixo della e flanqueal-a na marcha, ninguem nella se apresentou.

Continuando a marchar na ordem prescripta, na distancia de dois tiros de mosquete da praia, e sendo informados de que a mesma, além de muito estreita, na preamar ficava alagada, nos dirigimos para o interior por um passo, que tambem èstava entrincheirado. Chegados ao planalto, divisamos ao largo uma vela aproando para os nossos navios ancorados na angra, e logo presumimos fosse o *Pegasus* com a companhia de Mansvelt; mas não esperamos por ella e proseguimos na marcha.

O dia era extremamente calido, caminho muito penoso, devido á areia solta, e na maior parte conduzindo através de um valle fechado de altas dunas de areia, que impediam fosse ventilado pela aragem maritima, de sorte que no decurso das duas primeiras horas de marcha em parte nenhuma encontramos agua

(24) As embarcações que transportaram essas forças deviam ficar cruzando fóra da barra, para evitar que o forte fosse soccorrido por mar.

(25) Citado em uma das notas anteriores.

potavel. Isto, porém, não obstou avançassemos celeremente, si bem que alguns ficaram muito fatigados e abatidos, sendo recolhidos pela retaguarda, o que não desanimou aos demais, que adiantando-se sem encontrar alguem, chegaram até proximos á pequena povoação, onde havia uma casa sobre uma eminencia, da qual nos fizeram alguns tiros, para desgraça sua, pois se não nos houvessem aggredido teriamos passado avante sem atacal-a. A' vista da offensiva, porém, foi mandada atacar por um sargento á frente de 20 ou 30 soldados, que a tomaram e fizeram boa preza, não tendo os portuguezes tido tempo de retirar os seus bens.

Em seguida, pelas tres horas da tarde, chegamos á povoação ou aldeia de Natal, onde o tenente-coronel deixou parte da força, seguindo com o resto em direcção ao forte, ainda distante uma hora de marcha. Em caminho, passamos uma ponte lançada sobre um riacho, a qual o tenente-coronel mandou occupar, e continuou avançando até avistar a nossa gente acampada junto ás dunas proximas ao forte, que primeiro tomamos por inimigos; mas, verificando serem dos nossos, o tenente-coronel fez alto junto á duna e ordenou á gente que ficara na povoação que a elle se reunisse, e, realizando-se isto com promptidão, ao pôr do sol acampamos todos. Entrementes o tenente-coronel examinou de perto o forte e a situação das suas adjacencias O acampamento estava situado á distancia de um tiro de fuzil do forte; mas abrigado do fogo do mesmo por uma duna; o inimigo atirava sem descanço com mosquetes e canhões, ao que correspondiam os nossos mosqueteiros de detraz da collina.

A' tarde transportou-se o Sr. van Ceulen para bordo do *Overyssel*, fazendo o inimigo alguns tiros, indo cahir uma das balas junto á prôa do *Overyssel*, o que Joachim Gysen não quiz deixar passar sem

resposta, e fez quatro ou cinco disparos contra o forte com pontaria tão certeira que varou algumas das casas. Retorquindo, os contrarios lançaram uma palanqueta na camara do *Overyssel*, fazendo voar estilhaços e uma tina de agua sobre o Sr. van Ceulen e os outros capitães que com elle estavam jantando, sem comtudo molestar ou ferir a ninguem; mas, acertasse o tiro um pouco mais acima, e teria levado ao Sr. van Ceulen ambas as pernas.

Nesta tarde se deu ordem para pôr em terra os morteiros, granadas, balas ardentes e mais munições de guerra, porquanto o Sr. tenente-coronel tencionava servir-se dellas no dia seguinte, pelo que determinou o Sr. van Ceulen que tudo o que fosse de primeira necessidade se aprestasse sem demora e com zelo."

Os dias 9 e 10 foram consumidos no desembarque de artilharia, na construcção de trincheiras e approxes, no reconhecimento do terreno, em explorações ao longo do rio, na expedição de recados aos indios inimigos dos Portuguezes para que viessem, com a sua gente, ajudar o sitio e firmar alliança, em uma ligeira escaramuça na *Ponta do Morcego*, na batida dos arredores, na busca de informações seguras sobre o estado do forte, onde, segundo o sargento-mór, que fôra feito prisioneiro, escasseiavam os viveres, não havendo mais do que farinha e agua e um pouco de vinho.

A 11, a situação caminhava para o seu desenlace. Os Hollandezes, com forças muitas vezes superiores— em terra, onde, além do mais, haviam conseguido montar baterias nas colinas e dunas proximas ao forte, e sobre aguas, onde dispunham de uma esquadrilha relativamente poderosa — estavam preparados para precipital-o, a salvo de desastres, no momento em que quizessem. Entenderam, porém — para aparentar uma

correcção e lealdade militares, que raramente deixaram de desmentir no curso da longa campanha que sustentaram nas capitanias do norte, — de dirigir uma carta ao capitão-mór, Pedro Mendes de Gouveia, ponderando-lhe que, embora alli estivessem para se apoderar da fortaleza e contassem com elementos sufficientes para fazel-o, não queriam proseguir nas operações de guerra sem primeiro offerecer-lhe as melhores condições, caso se resolvesse a entregal-a desde logo, accrescentando que, não aceitando, não poderia mais esperar obtel-as, quando as cousas chegassem ao extremo. Essa carta foi enviada por um tambor e recebida do alto das muralhas do forte. Eis a resposta do capitão-mór: "Estou em certo das boas disposições e cortezia de V. Ex., como bom soldado que é, em todos os assumptos e principalmente nos negocios da guerra; mas V. Ex. deve saber que este forte foi confiado á minha guarda por S. M. Catholica, e só a ella ou a alguem de sua ordem o posso entregar e a mais ninguem, preferindo perder mil vidas a fazel-o, e do mesmo espirito se acham animados todos os meus companheiros, achando-nos bem providos de todo o necessario". Pouco depois rompia o fogo entre o forte e as baterias de terra, secundadas pelos canhões dos vasos de guerra, fogo que foi sustentado com vigor de parte a parte, durante tres horas, quando houve uma pequena tregoa, par recomeçar em seguida com a mesma intensidade. Os estragos no forte foram grandes, sendo demolidos parapeitos e bastiões, descobertas e desmontadas diversas peças. Algumas granadas produziram damno consideravel. A's seis horas da tarde, enfraquecida a resistencia, os sitiantes suspenderam o bombardeio, levando toda a noite a construir mais uma trincheira, para a qual transportaram artilharia de bordo, desembarcando armamentos e munições, reforçando com marinheiros as tropas de terra

e alarmando o inimigo com gritos e toques de corneta, ao mesmo tempo que simulavam avançadas para escalar o forte. Lê-se no *Diario da Expedição*: "Ao amanhecer o dia, vimos fluctuando sobre os muros do forte uma bandeira branca, que, porém, foi logo retirada. Pouco depois veio um homem trazendo uma carta em que os do forte pediam para parlamentar, solicitando para esse fim um armisticio. A carta não era assignada pelo capitão-mór, pelo que o Sr. tenente-coronel quiz fazel-a voltar pelo portador; mas este allegou que, si o capitão-mór não tinha assignado, os que a haviam feito se compromettiam, depois do accôrdo feito, a nos entregar o forte. Foi-lhes, portanto, concedido o armisticio pedido, e mandou-se-lhes como resposta um salvo-conducto para que resolvessem designar para comnosco parlamentar, sendo enviado o capitão Maulpas como refem.

Emquanto isso se passava os Srs. van Ceulen e Carpentier vieram a terra e communicaram ao Sr. tenente-coronel o occorrido, e chegando logo depois do forte o capitão e um ajudante, após breve debate foi concluido o seguinte accôrdo: — Seria permittido a todos os soldados sahirem com as suas armas e bagagens, dando-lhes embarcações que os transportassem rio acima para Potigi, ou outro logar que escolhessem, sob a condição de entregarem o forte com todas as suas munições, artilharia, polvora e o mais que nelle houvesse, devendo tambem deixar a sua bandeira, e accrescentou-se mais a seu pedido: "Declaro que este contracto é feito por todos os officiaes e soldados do forte, porquanto o capitão-mór jaz demasiado gravemente ferido para fazel-o". Estava assignado: Cap. *Sebastiam Vinhero Coelho* (26), que com elle voltou ao forte afim de mostral-o aos outros. Regressando, apresentou o ca-

(26) Sebastião Pinheiro Coelho.

pitão mais os seguintes additamentos: que a pessoa do capitão-mór, seus criados, bagagem, prata, dinheiro e armas, e com elle o capitão P. Vaz Pinto, provedor da Fazenda Real, fossem tratados da mesma sorte, concedendo-se-lhes demorarem-se seis dias, tempo de que haviam necessidade afim de mandar buscar cavallos e criados que os acompanhassem, para poderem viajar com segurança, e que com elles sahissem o Sr. Manuel Pita Ortigueira, seus criados e a bandeira, não sendo justo que isto lhes recusassem, porquanto o pediam para se garantirem dos habitantes do paiz ou selvagens, e que aos mencionados capitães fosse permittido sahirem e voltarem com licença do general. Tudo lhes foi concedido, com excepção da sahida da bandeira e da ida e volta dos mencionados capitães.

Assim que foi firmada a capitulação, logo se deu ordem aos navios para se approximarem do forte, afim de receberem os soldados inimigos e as suas bagagens e transportal-as, e deliberou-se que o Sr. director delegado, em companhia do Sr. tenente-coronel e do major Cloppenburch, se apromptassem para serem os primeiros a entrar no forte. Entrementes os Srs. van Ceulen, tenente-coronel commandante e Carpentier deram uma volta por fóra do forte e encontraram, ao lado do oeste, ao pé da muralha, cahido por terra, um brasiliense todo coberto de sangue. Muito nos sorprehendeu isto, mas pensamos que talvez houvesse sido morto na vespera e passamos adiante.

Concluida a volta, penetrámos no forte á frente de nossa gente e nos dirigimos a visitar o capitão-mór, que jazia ferido e muito se nos queixou de haverem os seus soldados assim entregue o forte contra a sua vontade, retirando furitivamente á noite as respectivas chaves de debaixo da sua cabeceira, estando elle resolvido a morrer ao serviço do seu rei.

Em seguida nos foram entregues as chaves do forte e de todos os armazens, que examinámos rapidamente, devendo ser amanhã o seu conteudo devidamente inventariado.

Na occasião em que a gente ou soldados do inimigo deviam partir e se dispunham a sahir, notamos que todos conduziam um sacco com polvora, que lhes fizemos tomar, dando-lhes em compensação quantidade razoavel e proporcional ás suas necessidades, feito o que embarcaram todos nos botes.

Dentro do forte ficaram do inimigo cinco ou seis feridos, entre os quaes o condestable, a quem uma bala arrancara o braço e que nem siquer ainda fôra pensado, e o mesmo succedia ao proprio capitão-mór, por não terem nem cirurgião nem medicamentos, pelo que logo se determinou fosse chamado um dos nossos cirurgiões, de nome Mister Nicolaes, afim de tratar do capitão-mór e dos demais feridos. Ficaram ainda 10 ou 12 dos soldados inimigos aprisionados nas caravelas, que haviam sido recrutados á força em Portugal, e pediam passagem para sahir do Brasil: distribuimol-os pelos navios, afim de mandal-os para o Recife e na primeira occasião fazel-os seguir para a Europa.

Soubemos tambem que a ultima granada que cahiu dentro do forte fez em quatro pedaços a um cavallo, comquanto não podessemos nos informar do estrago que fizeram entre a gente; mas ouvimos dizer que muito se temiam os defensores do forte das granadas. Com relação a viveres nada encontrámos além de um paiol de farinha, algumas pipas de agua e cerca de uma e meia pipa de vinho. Havia abundancia de munições de guerra.

O brasiliense que encontrámos ao pé da muralha soubemos ser o chefe de uma aldeia dos mesmos, e que havia muito tempo estava preso por se suspei-

tar que era inclinado aos Hollandezes. Os Portuguezes, certos de que, após a entrega do forte, elle se passaria para o nosso lado, o estrangularam e lançaram por cima da muralha.

A guarnição do forte montava a cerca de 80 homens (27)"

Attendendo a que o prolongamento da resistencia daria logar á chegada das forças de soccorro que já haviam seguido da Parahyba, impedindo talvez a capitulação (28), alguns escriptores são de parecer que houve traição por parte dos defensores do forte. Desta opinião é Southey, quando diz que Calabar fez trato com dois prisioneiros que seduziram a guarnição e venderam a praça, depois de ferido o capitão-mór.

Não ha provas desse facto de que falam tambem outros historiadores; mas não é impossivel que seja verdadeiro. porque, ao tempo, correu como certo que tinha havido *maranha* na entrega do forte (29). Si

---

(27) Não combinam os autores sobre o effectivo da guarnição, indo desde 40 até 90 homens. O mesmo succede quanto ao numero de peças encontradas, que para alguns foi de 13, para outros de 9 canhões fundidos e 22 de ferro, etc.

(28) Essas forças compunham-se de 500 homens e eram commandados por Bagnuolo. Segundo o P. Raphael Galanti, chegaram no dia immediato á capitulação. Lê-se em Porto Seguro ("Hollandezes no Brazil", citado) que "Bagnuolo achava-se na Parahyba, activando a construcção do forte ao norte da barra, e poz-se em marcha, mas com tal lentidão que chegou tarde"; e accrescenta (em nota á pag. 107): "Não é exacta a asserção de Southey de que tambem Albuquerque estava então na Parahyba ; seu irmão diz mui claramente que no dia 13 soube o general, pela Parahyba, que o soccorro havia dali partido, e que só cinco dias depois tivera noticia da perda do forte".

(29) "Historia da Guerra de Pernambuco e Feitos Memoraveis do Mestre de Campo João Fernandes Vieira" por Diogo Lopes de Santiago. Esse trabalho está publicado nos tomos XXXVIII a XLIII da "Revista do Instituto Historico Brasileiro" e é, como o "Valeroso Lucideno", de Fr. Manoel Calado, o "Castrioto Luzitano", de Fr. Raphael de Jesus, as "Memorias Diarias", de Duarte Coelho, etc. uma excellente fonte de informações sobre os successos occorridos durante o dominio hollandez.

houve, entretanto, a traição, não foi por certo do capitão-mór Pedro Mendes de Gouveia, que, segundo documentos insuspeitos, de origem hollandeza, estava gravemente ferido (30).

Foi nessa occasião, quando os Hollandezes occuparam o *Forte dos Reis Magos*, que a chronica registrou e a historia nos tem transmittido o exemplo de fidelidade dado por Jaguarary, mantendo-se leal aos Portuguezes, de quem recebera as maiores injurias e

---

(30) Rocha Pombo julga "um tanto inversomil esta historia que no tempo deu muito que fallar" (obra citada, vol. IV, nota á pag. 285); e Porto Seguro ("Hollandezes no Brasil", citado, nota á pag. 107) diz: "Escreve o donatario (*Duarte Coelho*) da capitania (de *Pernambuco*) que para essa entrega concorreu o sargento do forte, de accôrdo com um preso, e que ambos haviam de noite furtado ao capitão (como si se tratasse de algum dispenseiro) as chaves do forte, entregando-as ao inimigo. Entendemos, porém, que, si o capitão estava impedido, bem poderia o mando competir ao sargento, não havendo na praça outros mais graduados; e não foi a rendição tão vergonhosa, quando se fez depois de aberta a brecha. Em todo o caso, não ha fundamento para se dizer (como na traducção de Southey, tom. 2º, pag. 225) que houvera venda da praça e barganha com o Calabar". A presumpção de Porto Seguro, no que respeita ao sargento, baseia-se no que affirma, entre outros, Fr. Raphael de Jesus (obra cit., pag. 88): "A fraqueza e a infidelidade se uniram nestes dias para nos magoar. Sahio o inimigo no mez de Dezembro, e com grande poder de gente e de navios, sobre a nossa fortaleza do Rio Grande. A negociação tinha comprado a contingencia da batalha. Rendeo-a o flamengo com a vista. Supposto que o Capitão Pedro Mendes, ferido d'uma bala, deo a vida pela defesa. Com pretexto de cobarde a entregou o tenente governador: pareceo-lhe a fraqueza menos feia que a traição; facilmente cae na villeza quem se delibera a viver da infamia..." Procurando conciliar as opiniões, observa o P. Raphael Galanti (obra citada, pag. 76): "Affirmam diversos de nossos historiadores e chronistas que o Calabar se entendeu com um desertor da Bahia e um prisioneiro que tinham a fortaleza por menagem, os quaes, além de influirem na guarnição, abriram as portas aos inimigos. Diz-nos, todavia, Varnhagen, com ar de negar esse facto, que da participação official do inimigo não apparece ter havido o menor assomo de traição. Não comprehendemos porque não poderia ser uma e outra coisa; porquanto julgamos que os neerlandezes em seus despachos officiaes nem sempre expunham os meios empregados para conseguir suas victorias, principalmente quando elles eram inconfessaveis."

affrontas: "Oito annos jazia alli em ferros (desde 1625) um indio, chamado pelos seus Jaguarary, e Simão Soares pelos Portuguezes. Accusavam-n-o do crime de haver naquella época (*quando os invasores estiveram na Bahia da Traição*) desertado para os Hollandezes; mas o chefe selvagem protestava contra a accusação, asseverando ter ido unicamente buscar sua mulher e filho, que tinham cahido nas mãos do inimigo. Aos juizes faltava virtude propria para acreditar na alheia, e, apezar de ser o indio tio de Camarão, o melhor alliado dos Portuguezes, tinham-n-o estes conservado oito annos em carcere tão duro. Os Hollandezes puzeram-n-o em liberdade. Immediatamente foi elle ter com a sua tribu: "Sangram ainda, disse, os signaes das minhas cadeias; mas é a culpa, não o castigo, que infama. Quanto peior me trataram os Portuguezes, tanto maior será o vosso e o meu merecimento conservando-nos fieis ao serviço delles, especialmente quando o inimigo os aperta". Ouviram-lhe os seus as razões, e elle levou aos seus oppressores um corpo de alliados constantes, com os quaes os serviu tão bem que mereceu na historia menção honrosa".

Porto Seguro não dá inteiro credito a essa narração. Certifica, porém, a firmeza com que varios chefes indigenas identificaram-se com a causa dos colonizadores, apezar da sua vloubilidade; e, quanto a Jaguarary, pensa que não deve ter influido pouco par o seu procedimento a circumstancia de ser tio de Camarão, já agraciado com brazão de armas e quarenta mil réis de soldo, e feito capitão-mór dos indios do Brasil (carta regia de 14 de Maio de 1633). Fosse por que fosse, o que é incontestavel é que elle, pelos seus serviços, veio a receber mais tarde, pela carta regia de 14 de Setembro de 1638, uma pensão de cento e cincoenta réis de soldo.

Tomado o forte, trataram os invasores de conquistar a capitania, o que lhes foi facil, pobre e quasi despovoada como era.

No dia seguinte á capitulação (13 de Dezembro) mandaram duas companhias — as dos capitães Maulpas e Hendrick Frederick — acompanhadas de sessenta marinheiros, a *Genipabú* (31), de onde, sem opposição de quem quer que fosse, trouxeram no dia immediato 35 cabeças de gado para abastecimento das forças. O exito dessa empreza levou-os a organizar, ainda a 14, uma expedição ao interior, "devendo ir ao logar onde constava possuir o inimigo um povoado ou, pelo menos, um engenho e roças, accommettendo-o e dispersando-o". Para essa expedição foram escalados 30 homens de cada companhia. Commandava-a o major Cloppenburch, com quem seguiram tambem o capitão Falior e o capitão-tenente Cornelio van Uxsel.

Embarcando-se em tres grandes botes de vela e tres botes dos navios, seguiu rio acima até o *Passo do Potigi*, donde continuou a marcha por terra. Sabido que na Capitania só havia então dois engenhos (32) — o *Ferreiro Torto* e o *Cunhaú* — e só tendo sido este ultimo assaltado posteriormente, é fóra de duvida que os expedicionarios dirigiram-se ao primeiro. A descripção do que succedeu indica-o claramente:

"Esta tarde (de 15) regressou a expedição sahida hontem, referindo que, logo que hontem desembaracaram na passagem de Potigi, foram descobertos por alguns dos inimigos alli de vigia, dos quaes mataram alguns e fizeram prisioneiro a um velho que aliás não pertencia á referida guarda; avançando, por espaço de tres leguas para o interior do paiz, até

---

(31) E' ainda hoje um logarejo na costa, a duas leguas, mais ou menos, ao norte de Natal.

(32) Vide nota 15.

chegarem a um estreito passo em cuja extremidade havia uma planicie, onde os esperava o inimigo, derribando logo com a primeira descarga a quatro ou cinco dos nossos; mas, accommettidos com resolução, pozeram-se em fuga, apezar de numerosos, constando principalmente dos soldados e moradores sahidos do forte e de muitos brasilienses, que pouco os secundaram; proseguindo na marcha por algum tempo, chegaram a um pantano que teriam de atravessar para alcançar o engenho, e, como fossem diminutas as nossas forças e ignoradas as do inimigo, foi deliberado bater em retirada, tanto mais quanto o velho prisioneiro declarou que da Parahyba era esperado um soccorro de 300 soldados, que estavam já em caminho e deviam chegar a qualquer hora; trouxeram o referido prisioneiro e affirmaram terem ficado mortos varios dos inimigos; o seu chefe parece ser P. Vaz Pinto, que ausentou-se do forte sem licença, apezar de ter pedido para ficar com o capitão-mór e poder sahir e voltar, afim de obter gallinhas e outros viveres para o mesmo, sendo-lhe permittido ficar, mas não sahir e voltar, pelo que de uma feita se ausentou, não regressando mais. O seu intento está agora patente (33)".

Esse engenho pertencia a Francisco Coelho (34) e a elle se haviam recolhido P. Vaz Pinto, provedor da Fazenda Real, moradores de Natal e dos logares proximos e diversas pessoas que, depois da capitulação, abandonaram o forte, todos naturalmente emba-

---

(33) "Diario da Expedição", citado.

(34) *Ferreiro Torto* é ainda hoje um engenho nas proximidades da cidade de Macahyba, á margem direita do rio Jundiahy, affluente do Potengy. E' possivel que o primitivo engenho não tivesse sido construido no mesmo logar em que está situado o actual. Devia ser, porém, nas suas immediações. (Vide as sesmarias concedidas a Francisco Coelho, de 1602 a 1611, no vol VII da Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Norte. Têm os ns. 42, 104, 143 e 171).

lados pela illusão de que auxilios valiosos lhes seriam enviados da Parahyba e Pernambuco. Aguardava-os, como aconteceu aos habitantes das outras capitanias, a mais dolorosa decepção, porque, repellidos a principio, os Hollandezes, sem desistir de seus sombrios e tenebrosos planos de dominação, voltariam, como voltaram, a esmagal-os com a mais revoltante crueldade, secundados pelos tapuias das ferozes tribus dos *Janduys*, cujo concurso invocaram. Estes, que viviam nas ribeiras do Assú e Jaguaribe, buscando os sertões de Pernambuco (35) desceram ao seu primeiro chamado, em numero de tresentos, e, nos impulsos de sua barbaria, estimulada pela perversidade de Calabar, cahiram sobre o engenho, onde victimaram o capitão Francisco Coelho, toda sua familia (mulher e cinco filhos) e sessenta pessoas que nelle se haviam refugiado. praticando alli, e em toda parte por onde passaram depois, actos de requintada selvageria, que, conforme pondera o P. Raphael Galanti, nem sempre

---

(35) "Memoria sobre os indios no Brasil por Pedro Carrilho de Andrade", publicada no vol. VII pags. 133 e seg. da Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Norte. Os tapuias inimigos das tribus que dominavam o nordeste brasileiro, proximo ao littoral, alliaram-se aos Hollandezes, depois da invasão, ajudando-os na guerra contra os Portuguezes e aquellas tribus. *Jandovi* é como os autores chamam, em geral, o maioral delles. Nassau, entretanto, chamava-o *Jan de wy* em suas cartas aos Estados Geraes, como se póde verificar, entre outros, em Netscher. Em um artigo publicado na revista allemã *Globus* por Paul Ehrenreich, artigo que é uma valiosa contribuição para a nossa historia etnographica, lê-se o seguinte (trad. de Oliveira Lima, no n. 65, pag. 38, da Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pern.): "Este *Janduy*, como correctamente se deve escrever o nome, desempenhou outr'ora papel importante nas lutas contra os Portuguezes, e acha-se citado em todas as relações como amigo dos Hollandezes, que em 1634 com elle celebraram uma alliança formal."

Por esse artigo se vê quaes as tribus tapuias que fizeram causa commum com os invasores, e bem assim que territorio occupavam: o interior do Rio Grande e Ceará. O nome do principal desses indios generalizou-se a todos elles, que se ficaram chamando *janduys*.

a decencia permitte referir, e que lhes grangearam maior fama do que aquella de que gosavam os proprios invasores, abominados pelas suas conhecidas atrocidades

Na capital os Hollandezes não ficaram inactivos.

A 13 despachavam o hyate *Den Spieringh* para levar ao Recife a noticia de seu triumpho, desmontavam as baterias de terra, reembarcavam os canhões, arrazavam as trincheiras construidas nas dunas, iniciavam o inventario do que fôra encontrado no forte, retirando para bordo o que pareceu dispensavel, e inspeccionavam cuidadosamente as forças. A 14 faziam descarregar as caravelas que Lichthardt apprehendera ao chegar, continuavam o inventario começado na vespera, transferiam o seu acampamento para Natal, ponto que julgaram preferivel para melhor vigiar a terra, e deixavam no forte apenas uma companhia para guarnecel-o. A 15 continuavam o serviço de descarga das caravelas, orçavam as munições de bocca e de guerra que convinha deixar no forte, para o qual nomeavam commandante o capitão Gartsmann e sargento Willen Coek, designavam os officiaes subalternos que com elles deviam ficar, determinavam que a guarnição da praça seria de 140 soldados, que, além de mosquetes, disporiam tambem de escopetas, arma mais propria para as batidas ao interior, resolviam apressar a volta da esquadra e das forças desnecessarias para Pernambuco, e tinham conhecimento do insuccesso da expedição ao *Ferreiro Torto*. A 16 concluiam o inventario iniciado dois dias antes, e interrogavam o velho que os expedicionarios haviam feito prisioneiro, pondo-o em liberdade e permittindo que ficasse morando na capitania, sob a promessa de que moveria outros moradores a submetter-se aos novos senhores, que lhes escreveram nos seguintes

termos: "Saibam os habitantes deste paiz que tomamos á viva força o forte e que o abastecemos de todo o necessario afim de manter a nossa conquista; e saibam mais todos aquelles que desejarem ficar pacificamente morando nas suas casas que devem vir declaral-o no prazo de tres dias; do contrario se usará contra elles todo o rigor, tratando-os como nossos inimigos, incendiando as suas habitações e destruindo os seus bens". A 17 retiravam duas peças de bronze ainda existentes em uma das caravelas e os mastros de ambas, levantavam a planta da entrada da barra e do rio, e concediam licença a um dos Portuguezes que estavam em companhia do capitão-mór para que, livre e sem ser molestado, permanecesse numa casinha que tinha nas visinhanças da cidade, dizendo-lhe que, não só elle, como os que quizessem prestar juramento de de fidelidade e pagar todos os tributos costumados até então, não seriam incommodados. A 18 ordenavam que todos os botes fossem fazer aguada para o forte, enchendo as pipas, barris e potes que fossem encontrados, ouviam a primeira predica que o seu pastor fazia na egrejinha que servia de matriz, e convidavam o capellão-mór a adeantar a sua partida. A 19 completavam a provisão de agua de que precisava o forte, e deliberavam embarcar o capitão-mór na *Den Phenix*, que devia seguir, como de facto seguiu, no dia immediato para o Recife, com a communicação do regresso da frota. A 20 ultimavam os preparativos da viagem, davam ao forte o nome de *Ceulen*, faziam marchar as tropas de seu acampamento para o porto de embarque e recebiam-nas a bordo. A 21, finalmente, transpunham a barra, chegando a Pernambuco a 27.

A conquista estava feita e sobre a capitania ia pesar agora, intolerante e deshumana, a tyrannia militar que devia opprimir mais tarde a pequena popu-

lação de colonos existentes, dizimando-a em horriveis carnificinas, depois de despojal-a, pelo saque e pelo roubo, de seus poucos haveres. Para estas emprezas, contava o capitão Gartsmann, commandante do forte, com o auxilio valioso dos indigenas alliados, cujas proezas ficaram assignaladas, em surtos de inenarravel vandalismo, no segundo assalto do *Ferreiro Torto*. A este seguiu-se, nos primeiros mezes de 1634, o ataque de *Cuanhú*, onde, sorprehendido durante a noite por tropas regulares e tapuias, o capitão Alvaro Fragoso perdeu onze dos defensores das fortificações, ficando prisioneiros elle e mais trese companheiros (36). O resto da guarnição conseguiu evadir-se, escapando assim, juntamente com os moradores que fugiram a tempo, "ás horrendas e execraveis crueldades que alli exercitou a barbaridade e o odio, apostados em excederem-se o herege e o gentio". "Não perdoou a espada nem o sexo, nem a idade; não respeitou a rapacidade nem o sagrado, nem o profano. . A ferro e a fogo perderam a vida perto de cincoenta pessoas.... (37)".

Senhores de Natal e destruidos os nucleos principaes de população, que eram os dois engenhos — *Ferreiro Torto* e *Cunhaú* — os invasores poderam impor, sem contrastes, o seu inexoravel jugo, e os que não quizeram submetter-se ou pagaram com a vida a sua rebeldia, ou foram procurar abrigo no *Arraial do Bom Jesus*, onde Mathias de Albuquerque ainda se mantinha firme e inabalavel na defesa da terra, diri-

---

(36) Rocha Pombo (obra citada, vol. IV, nota á pag. 286), P. Raphael Galanti (obra citada, tomo II, pag. 78), etc.

(37) Diogo Lopes de Santiago, citado (pag. 320 do tomo XXXVIII da Revista do Instituto Hist. Bras.); Fr. Raphael de Jesus (Castrioto Luzitano, citado, pags. 92 e 93), etc.

gindo as companhias de bravos que, alternando o serviço das armas com o da agricultura, assediavam o Recife, impedindo as communicações com o interior.

De algumas centenas de colonos que havia na capitania pequeno foi o numero dos que nella se conservaram, supportando resignadamente a sua triste sorte: a grande maioria foi dispersada pela morte ou pela fuga. Mas esta não seria solução para o seu desespero, porque já então descambava para o occaso o sol que illuminara os dias gloriosos da primeira phase da luta com os flamengos, e os successos iam desdobrar-se mais rapidamente. Ao abandono do Rio Grande do Norte seguir-se-ia mezes depois a capitulação da Parahyba, e os repetidos desastres dos Pernambucanos forçariam todos, de derrota em derrota, a emprehender, em Julho de 1635, a retirada para Alagôas, através de mil perigos e difficuldades, por caminhos que eram abertos na occasião e que jamais haviam sido trilhados. A marcha operou-se lentamente, e só dez dias depois chegava o immenso comboio ás immediações de Porto Calvo, onde o combate se tornou inevitavel. Guardavam essas paragens fortes e aguerridos contingentes de forças hollandezas, sob o commando de Picard, achando-se entre ellas Domingos Calabar. Escaramuças e refregas sangrentas, em que foi decisivo o auxilio de Sebastião de Souto, foram o inicio da luta, que só terminou a 19 de Julho, quando o major Picard, forçado pelas circumstancias, propôz a capitulação, que lhe foi concedida com a condição de seguir com a sua gente e bagagens para a Bahia, de onde seriam todos conduzidos á Hollanda. Dessa capitulação foi excluido Calabar, condemnado a "morrer enforcado e esquartejado, por traidor e aleivoso á sua Patria e ao seu Rei e Senhor, e por os muitos males, agravos, furtos e extorsões que havia feito e

foi causa de se fazerem aos moradores de Pernambuco (38)"... Ao cahir da noite de 22 era a sentença executada, dando-se a Calabar morte de garrote e esquartejando-se o seu corpo, que nem enterrado foi. Em seguida os restos das forças de Mathias de Albuquerque deixaram Porto Calvo, procurando Alagoas, e 3 dias depois aquella villa, que a Duarte de Albuquerque approuve denominar de *Bom Successo*, nome que não conservou, era occupada novamente pelos Hollandezes, que se entrincheiraram alli, em Pirapueira e em outros pontos, obstando as communicações com Pernambuco pela costa.

A metropole, reconhecendo a ameaça que a occupação estrangeira representa para a integridade do dominio luso-hespanhol, parece resolver-se, por fim, a enviar auxilios poderosos para a colonia; mas, ainda desta vez, as suas intenções não se traduzem por factos. E, ás exigencias de D. Fadrique de Toledo, que, "só com 12.000 homens e o trem bellico, de terra e mar, correspondente, acceitaria a incumbencia de vir expulsar os Hollandezes", responde o autoritario ministro conde-duque de Olivares, mandando encerral-o numa prisão onde morre. Offerece-se o commando da expedição a D. Felippe da Silveira, que recusa, e vai buscar-se, entre os aulicos, D. Antonio d'Avila e Toledo, marquez de Velada, que não chega a partir, porque não se consegue organizar a annunciada expedição, reduzida afinal a um soccorro de mil e setecentos homens, sob o commando de D. Luiz de Rojas e Borba, das nobres casas ducaes de Gandia

(38) Frei Manoel Calado ("Valeroso Lucideno"). No correr do livro, Calado figura com o nome de Fr. Manoel do Salvador. Sobre elle ha, entre outros, um interessante estudo de Capistrano de Abreu, publicado no "Jornal do Commercio", do Rio de 1° e 16 de Junho e 1° de Julho de 1899 estudo que foi transcripto no vol. XII da "Revista do Instituto Archeologico de Pernambuco" pags. 47 e seguintes.

e Lerma, o qual, com o posto de mestre de campo, devia substituir Mathias de Albuquerque como governador e superintendente na guerra. Esse soccorro desembarcou a 28 de Novembro de 1635 em Jaraguá (Alagoas), de onde a esquadra que o trouxe seguiu para a Bahia, conduzindo o novo governador geral Pedro da Silva, depois conde de S. Lourenço, nomeado para succeder a Diogo Luiz de Oliveira.

A 16 de Dezembro Mathias de Albuquerque, que na vespera entregara o commando, deixava o exercito afim de retirar-se para a Europa, em cumprimento das ordens que recebera do governo. Batera-se com desassombro e firmeza durante quasi seis annos, alliando ás suas excepcionaes qualidades de commando a energia, a constancia, a prudencia e a mais justa e merecida reputação de honradez, o que lhe valeu na hora da separação ser acompanhado por um sentimento geral de saudade, unica homenagem que lhe podiam prestar naquelle instante os seus companheiros de armas e os emigrados, que, ainda em meio dos tocantes episodios da retirada, iam dispersar-se agora em procura de refugio na Bahia e no Rio. Ao menos, essa carinhosa despedida seria lenitivo e consolo nas agruras da prisão que o aguardava no castello de S. Jorge, de Lisboa, agruras que só teriam termo após a restauração, em 1640, quando se lhe offereceu o ensejo de vingar-se das injustiças e ingratidões da côrte de Madrid, derrotando os Hespanhoes em varias pelejas e na batalha de Montijo (26 de Maio de 1644), depois da qual foi feito conde de Alegrete.

D. Luiz de Rojas, ardoroso e destimido, desembarcando em Jaraguá, marchou para a villa de Porto Calvo, que, á sua approximação, foi evacuada por Sigemundt von Schkoppe, e, tomando a offensiva, dirigiu-se para Pirapueira, que não alcançou, porque em *Matta Redonda* se encontraram as suas e as forças

de Artichofsky, que dalli se retiravam em soccorro de Schkoppe, ignorando que elle houvesse abandonado aquella villa. Esse encontro (18 de Janeiro de 1636) foi um desastre: morto em combate o brioso fidalgo, as suas tropas pozeram-se em desordenada fuga, sendo em grande parte desbaratadas.

A D. Luiz de Rojas substituiu o conde de Bagnuolo, que impulsionou a guerra de recursos pela qual bandos armados, dirigidos, entre outros, por Felippe Camarão, Henrique Dias, Francisco Rebello, Estevam Tavora, Sebastião Souto e Vidal de Negreiros, mantinham em desassocego os moradores dos campos, levando as suas incursões a Serinhaem, Ipojuca, Cabo, S. Lourenço, Muribeca, Itamaracá, Goyana e demais povoados da região entre Parahyba e Alagoas. Taes guerrilhas demonstravam bem a fé inquebrantavel daquelles combatentes. Foram, porém, uma causa a mais para a inquietação dos colonos, porque, organizada a reacção pelos Hollandezes, começaram a ser perseguidos, ora pelos terços de emboscada como traidores á Patria, ora pelos invasores, perversos e ferteis nos processos de tortura que inventaram para trucidal-os, quando não por uns e outros, o que era mais commum. "Cessara toda a segurança individual, em toda parte grassava o terror; a carnificina e o incendio eram o unico expoente da raiva e da vingança". E a população, cançada de tantos martyrios, oscillava indecisa entre os dois partidos em luta, porque, se de um lado "as legiões que têm o seu quartel em Porto Calvo fazem correrias, dão assaltos, espalham o panico, e fogem e desapparecem", de outro os intrusos estão, de facto, senhores das terras.

A situação toca assim ao seu extremo: a victoria inclinar-se-ia, forçosamente, para os que interviessem com elementos decisivos para dominal-a. O governo da metropole não quiz, não pôde ou não soube cum-

prir o seu dever; e os flamengos "mudando a orientação da conquista, de modo a tornal-a compativel e conciliavel com os sentimentos das populações conquistadas", conseguem, emfim, consolidar a occupação. Encerra-se o cyclo da resistencia opposta a esta, e só mais tarde, annos decorridos, se renovará numa constancia que assombra e numa abnegação que não tem limites, a nova cruzada para a libertação das capitanias, onde a Companhia das Indias Occidentaes se transformara de sociedade mercantil em soberana territorial; mas até lá que serie de soffrimentos e decepções, que longa agonia de esperanças e enthusiasmos!...

Oliveira Lima (39) diz que a historia do Brasil hollandez principia verdadeiramente nesse momento, e póde dividir-se em tres periodos: o da conquista, que começa em 1630 com a tomada de Olinda e do Recife e termina em 1637 com a chegada de Mauricio de Nassau, já então ganha toda a costa do Rio Grande do Norte ao Rio Formoso; o da administração, de 1637 a 1642, sob o influxo do illustre principe, o qual ainda alargou a esphera de seu governo, para o norte até o Maranhão, e para o sul até Sergipe; e o da resistencia, encetada em 1642 pela sublevação do Maranhão, e que foi adquirindo consistencia com a retirada do conde, até as victorias dos montes Guararapes e a final expulsão do inimigo, em 1654. Ao abrir-se o segundo periodo do dominio hollandez, tudo era desolação e miseria nas zonas conquistadas. "Não se encontra mais alli uma sociedade normal, nem mesmo das de organização rudimentar ou de incipiente cultura. Ao cabo de sete annos de lutas, aquella população se sente exhausta de recursos, a terra completamente arruinada e numa immensa

(39) "Historia de Pernambuco", pag. 63.

anarchia. Chega o momento em que a vida se torna impossivel. Todos os lares estão varridos das refregas; as familias debandadas. Entre os vencedores inclementes e os vencidos em delirio, anda, em grande canceira, uma população que suspira pela paz, tentando conciliar o amor da terra com a submissão aos novos senhores. Na extremidade a que se chega, começa-se a renunciar a todos os estimulos da antiga existencia moral. O soffrimento humilha a misera gente. Naquella desgraça, que tem ares de fim de mundo, o seu instincto de viver cede á fatalidade das coisas, dispõe-se a abdicar de tudo mais, e mesmo os mais dignos anceiam por salvar ao menos, daquelle cataclysmo, o direito de viver da tolerancia e da piedade dos mais fortes. Mais de piedade que de tolerancia, pois nas tyranias que devastam a terra e laceram as almas a propria misericordia vai muito cara. Compram-se vidas a dinheiro; e a clemencia dos que mandam não se move sinão a custo de fartos lucros. Os que têm meios de sahir daquelle inferno dão graças de poderem exilar-se. Isso mesmo é, no entanto, difficil pelos grandes perigos a que se arriscam os que fogem. Organizam-se vastas caravanas de emigrantes, associando-se na fuga um grande numero de familias, de modo a conjurar assaltos dos bandidos que infestam os caminhos. Ainda assim, só dizimados pelas quadrilhas conseguem sahir daquella terra devastada... Mas, por sua parte, não se sentem menos fatigados os Hollandezes. Fóra dos bandos, que já se viciaram da vida aventurosa dos assaltos e vivem do roubo e do massacre, ha já do lado dos intrusos muita gente que clama pela paz. Entre os que vêm de Hollanda encontram-se muitos que atravessaram o mar á procura de fortuna legitima fundada no trabalho: muitos verdadeiros colonos — operarios agricolas, artifices, negociantes, industriaes —; e todos estes re-

querem a ordem, a vida pacifica que se lhes promettera. Mesmo os bandidos cançam, porque têm o seu quinhão de soffrimentos. A guerra tem destruido tudo. Os engenhos estão queimados. As plantações, antes que fructifiquem, são varridas de vandalicos furores. As fazendas de criação despovoam-se: os rebanhos, mesmo quando não se aproveitam, são destruidos ou fogem para o interior dos sertões; e campos e campos, desertos agora, infundem uma impressão de exterminio. No Recife mesmo ha carestia. Daquellas terras tão fecundas passam-se ás vezes semanas e semanas sem que venha coisa alguma: o que se pilha a custo, em algum sitio mais desolado e esquecido dos bandos depredadores, é pouco para a soldadesca faminta. Por isso imagina-se como se mantem na villa a população que não vai á campanha. O commercio está tolhido: não se compra nem se vende numa terra onde só se rouba e se mata. D'ahi a impossibilidade de crear industrias. Nem se comprehende como possa viver alli a multidão dos que da Europa trouxeram instrumentos em vez de armas. Como é que só de guerra se havia de viver por tantos annos? E' porventura ainda mais difficil e penosa que a dos vencidos a situação dos vencedores no Recife. Os patriotas têm ainda a terra toda, fóra da zona onde lavra o incendio; conseguem ainda soccorros dos irmãos de outras capitanias; e sempre contam com as vantagens de serem aggressores agora (40)".

E' nessa occasião — quando até as prezas maritimas vão diminuindo gradualmente, depois de terem sido a mais importante fonte de renda da Companhia, avaliadas, como foram, em mais de sessenta milhões de florins, dos quaes a metade entrou para os seus cofres — que surge a necessidade de concentrar a administração em mãos de governante intelligente,

(40) Rocha Pombo, obra citada, vol. IV, pags. 335 a 338.

"severo para cohibir os abusos, habil para acalmar os espiritos, energico para restabelecer a ordem no serviço militar e civil".

A escolha recae em João Mauricio, conde e depois principe de Nassau (41), que inicia no Brasil uma éra de desenvolvimento material e reconstrucção politica, e a cuja alta capacidade e superior descortino se devem, por excepção, durante o dominio hollandez, serviços realmente valiosos. Nascido em 17 de Junho de 1604 e nomeado governador em 1636, o conde de Nassau — que partiu de Texel a 25 de Outubro desse anno, chegando ao Recife em 23 de Janeiro de 1637, após uma demora forçada em Portsmouth, onde teve de abrigar-se a esquadra em que viajava, apanhada por violento temporal — assumiu o governo contando pouco mais de 32 annos. Moço, enthusiasta, "educado, como todos os Nassaus, nas universidades hollandezas e suissas, fócos de intensa cultura intellectual e da maxima liberdade scientifica, onde bebera o leite fecundo, revolucionario e sensualista da Renascença", guerreiro que se fizera illustre na longa campanha dos Paizes Baixos, ambicioso de gloria, de poder e de fortuna, o governador, a quem fôra dada a ardua incumbencia de encaminhar com prudencia a solução do problema da colonização flamenga na America, não se podia adstrin-

(41) Conde-soberano, por nascimento, e principe, por munificiencia imperial, em reconhecimento de relevantes serviços que prestou á sua Patria. Existe certa differença nesta dupla designação, porquanto, na organização social de então, a propriedade territorial envolvia prerogativas de senhorio. Na realidade, o titulo de conde exprimia elevada categoria feudal, ao passo que os brazões de principe, sem lhe augmentarem a somma das attribuições politicas, assignalavam sómente distincção honorifica, util em questões de precedencia e de etiqueta, mas de nenhum valor pratico, por não ser inherente a seu patrimonio hereditario. (O Principe de Nassau, citado, pag. VI).

gir ás conveniencias e interesses de uma empreza commercial. Com as notaveis aptidões administrativas que revelou e com a sua incontestavel visão de homem de Estado, tinha que pairar, fatalmente, em plano mais elevado, para não ser no Novo Mundo — onde sua acção despertaria a idéa da fundação de uma *monarchia particular,* no dizer expressivo dos representantes da Camara de Olinda — um simples procurador de negociantes, para quem o lucro era a preoccupação unica, absorvente, exclusivista. O dissidio entre a sua e a orientação dos directores da Companhia seria, pois, inevitavel, e nelle se encontra, na maioria dos casos, a explicação de erros e desvios que commetteu algumas vezes, deslustrando a nobreza de seus sentimentos e a intuição que tinha do cumprimento do dever. Mesmo assim, o seu governo foi um clarão de aurora na noite de despotismo e anarchia que pesava sobre o Brasil hollandez, entregue ás explorações e instinctos mercantilistas de dominadores tyranos (42).

Nassau acceitara a nomeação com amplos poderes, sendo, para isto, necessario que se modificasse de modo sensivel a organização que prevalecera anteriormente na administração colonial, conferindo-se-lhe, como *governador, capitão* e *almirante general*, la-

---

(42) Na historia da dominação hollandeza no Brasil, o governo do conde João, desde 1637 até 1644, representa um breve parenthesis glorioso no baixo regimen de vil traficancia e de cruel pirataria, estabelecido nas relações politicas da Hollanda com a America do Sul pela famosa Companhia das Indias Occidentaes. O principe era um politico instruido e generoso. A companhia era uma simples liga de exploradores mesquinhos.

Todo o bem que se fez durante o seu governo, fez-se a despeito da companhia; todo o mal foi feito pela companhia, apezar do principe.

A vergonha lastimavel da politica hollandeza na governação do Brasil é que, no conflicto levantado entre as idéas do governador e os interesses da companhia, o vencido foi o governador (Ramalho Ortigão "A Hollanda", pag. 138).

tas attribuições que foram consignadas em um regimento especial de 99 artigos (23 de Agosto de 1636).

Chefe das forças de terra e mar, podendo decidir da paz e da guerra, e cabendo-lhe nomear commandantes de fortalezas e governadores de provincias, superintender todos os negocios da justiça, da fazenda e do culto, administrar as rendas da companhia, distribuir empregos civis, prover, em campanha, todos os cargos militares, elle tinha, de facto, uma esphera de acção, sinão illimitada — porque, além da directoria da companhia com séde na Europa, existia ao seu lado um conselho supremo que com elle collaborava — todavia bastante larga para permittir-lhe accentuar, como accentuou, em traços vivos, com iniciativa propria e autoridade irrecusavel, a sua individualidade sympathica e empolgante. Inspirava-o um alto pensamento politico; e, para demonstrar os generosos intuitos a que obedecia, fez-se acompanhar de uma comitiva de intellectuaes, só capazes de emprehendimentos fecundos, que falam ao espirito e ao coração, dentro da ordem e no remanso da paz. O restabelecimento desta seria, portanto, o objecto de seus primeiros esforços. E eis porque, sem perder tempo, dirige-se para o sul, logo depois de chegar ao Recife, indo, em pessoa, bater as forças inimigas, que, apoiando-se nas fortes posições mantidas no actual Estado de Alagôas, continuavam, pelas partidas de bravos caudilhos, a perturbar a obra dos invasores. Leva-as de vencida; e, ao approximar-se de Porto Calvo, em cujas immediações pelejam com denodo, entre outros, Henrique Dias e Camarão, este acompanhado de sua mulher, a heroina Clara Camarão, e aquelle combatendo ainda depois de ter amputado uma das mãos em consequencia de ferimento que recebera—consegue espalhar a desordem em suas fileiras. A defesa da villa é confiada a Miguel Giber-

ton, que capitula em breve; e Bagnuolo, com o melhor do seu exercito, busca a salvação numa fuga inexplicavel. Os Flamengos dominam por toda parte e, tomado Porto Calvo, sacodem para a margem direita do S. Francisco as tropas desbaratadas de Bagnuolo, que se detem em Sergipe, donde só mais tarde segue com os seus para a Bahia, intervindo decisivamente para evitar a quéda daquella capital, ensejo em que reconquista os seus fóros de militar brioso e valente, perdidos na sua infeliz retirada. Nassau persegue-o até o grande rio, que fica então assignalando o limite do Brasil hollandez, ao sul. Em Penedo manda construir um forte, cujo commando entrega a Sigemundt von Schkoppe, encarregado tambem de vigiar a linha fronteiriça, e, em Junho de 1637, volta ao Recife, onde a falta de energia das autoridades permittia que se relaxassem e corrompessem os costumes, generalizando-se a impunidade para todos os delictos. As proprias tropas, segundo reconhece Barlœus, haviam se desmoralizado pela prilhagem, pela impiedade, pelo roubo, pelo assassinato e pela licença. Nassau age sem vacillações, castigando os criminosos, demittindo os funccionarios que não correspondiam ás vistas da administração pela sua desidia, obrigando alguns a regressar á Hollanda, refreando os abusos, corrigindo os excessos de seus subordinados, despertando, emfim, uma relativa confiança no imperio da justiça.

Em meio deste trabalho, molestia pertinaz força-o a mudar de ares e aproveita a viagem para conhecer o norte, até o Rio Grande. Sua demora é, entretanto, pequena. Noticias seguras o informavam de uma possivel reacção por parte do governador geral da Bahia, Pedro da Silva, para a reconquista de Pernambuco, e, por isto, retorna á séde do seu governo. Dahi faz seguir uma expedição contra S. João

da Mina (Guiné), cuja posse lhe garantiu a imporção em larga escala de braços escravos, faz occupar o Ceará e manda invadir Sergipe. O exito dessas emprezas resolve-o a tentar, de accôrdo com instrucções instantes que recebera, a tomada da Bahia, em Abril de 1638.

A expedição, de cerca de 40 velas e perto de cinco mil homens, parte do Recife a 8 daquelle mez e a 14 confronta a barra, que só a 16 transpõe, indo fundear ao norte da cidade, além de Itapagipe. No outro dia começam as peripecias da luta, que se prolonga até fins de Maio, quando, humilhados e abatidos, os Hollandezes se retiram, depois de praticarem, no *Reconcavo,* as costumadas crueldades contra os que não podiam oppôr-lhes resistencia. Foi nessa occasião que, conforme referem Southey e outros, assassinaram friamente a João de Mattos Cardoso, que tão brilhantemente defendera o forte de Cabedello, na Parahyba, e que, com mais de 80 annos de edade, vivia em seu retiro.

Adiando para mais tarde a realização de seus planos sobre o alargamento do dominio batavo em terras da America, o conde volve ás suas cogitações de administrador e, rodeando-se do fausto que podia ostentar com as grandes vantagens pecuniarias que o cargo lhe assegurava (43), começa a dar effectivi-

---

(43) Foi-lhe assignada a dotação annual de 18.000 florins e mais 2 % sobre o valor das prezas de guerra. Teve mais 6.000 florins de ajuda de custo, medico, capellão, secretario e pessoal necessario ao serviço de palacio, tudo por conta da companhia. O total das prezas durante o governo de Nassau foi de 2.017.578 florins.

Para facilitar a comprehensão destes algarismos, lembramos que no seculo XVII o dinheiro valia oito vezes mais do que hoje... o florim corresponde hoje a 753 réis ao cambio de 27. Assim, por exemplo, a dotação annual do conde de Nassau era de 18.000 florins no seculo XVII ou de réis 108:432$000 em moeda brasileira, ao cambio de 27, no seculo XX. Esta somma resulta da multiplicação de 18.000 florins peloo producto de 753 × 8". ("O Principe de Nassu", citado, pag. 134).

dade pratica ao seu programma de governo, apenas delineado em seus primeiros actos.

Ninguem em melhores condições para realizar as reformas liberaes que projectava, porque, além do mais, a sua autoridade moral e politica a todos se impunha, enfraquecendo, si não anullando, as possiveis resistencias dos differentes orgãos da administração. Destes os principaes eram o Conselho Supremo e o Conselho Politico: o primeiro, presidido por elle mesmo que, na qualidade de governador, tinha voto duplo, era destinado a coadjuval-o na deliberação e execução de quaesquer providencias de ordem administrativa e, ao mesmo tempo, constituia uma especie de tribunal de appellação para o qual podiam recorrer todos os habitantes da colonia; o segundo, exercendo, a principio, a jurisdicção civil e criminal, segundo o direito romano e o direito consuetudinario das Provincias Unidas, e quasi reduzido, por fim, ás attribuições de Camara Municipal do Recife.

Os membros desses dois conselhos eram nomeados e demittidos pelos directores da companhia. Percebiam vencimentos fixos, o que não se dava com os representantes do governo municipal, que não recebiam ordenados. As Camaras municipaes eram compostas de um certo numero de escabinos (vereadores) tirados indistinctamente da população neerlandeza ou portugueza, sendo neerlandez, quasi sempre, o presidente que tinha o nome de *esculteto* e desempenhava as funcções de autoridade executiva (44).

---

(44) Os escabinos eram eleitos annualmente por uma eleição de tres gráos. O Conselho de justiça elegia os eleitores, estes organizavam as listas dos individuos aptos para serem membros das Camaras e sobre essa lista o Supremo Conselho escolhia os escabinos (Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano — numero especial com o relatorio do Dr. José Hygino — Recife, 1886).

Schout, significa *bailio*. Os nossos, aportuguezados esta

Um Tribunal de Contas, com cinco membros, escolhidos dentre os conselheiros politicos que se retiravam, administrava as rendas da companhia: dois membros desse tribunal revesavam-se annualmente no cargo de thesoureiro geral.

Commandantes militares, na direcção das forças e encarregados de fortalezas, um vice-almirante á frente da esquadra, um conselho naval, superintendendo os negocios da marinha, os synodos, as classes e os presbyteros em assumptos ecclesiasticos, funccionarios subalternos para os varios encargos da administração, eis, em resumo, a organização politica que, na época, teve a colonia.

Foi dentro della que se desenvolveu a acção de Nassau, reorganizando o exercito, distribuindo convenientemente as forças e assegurando-lhes abastecimento de viveres e munições de guerra, melhorando as fortificações existentes e construindo outras, creando as companhias de milicias, regulando os casamentos mixtos quanto á nacionalidade e religião, procurando normalizar o exercicio do culto e resolver todas as questões relativas á legislação e á lingua, preoccupando-se com a escravidão dos negros e dos indios, esforçando-se por incorporar estes ultimos á sociedade e eleval-os moral e intellectualmente, lançando suas vistas para o povoamento do solo e para a liberdade de commercio, precipitando a solução do

---

palavra, a converteram em *esculteto* (Rev. do Inst. Hist e Geog. Bras. vol. 40, pag. 29).

O esculteto era a autoridade executiva, ou delegado da administração e promotor publico do logar e, ao mesmo tempo, exactor da fazenda (Porto Seguro "Hollandezes no Brasil" citado, pag. 177).

O terror dos moradores portuguezes eram as autoridades locaes denominadas *escultetos*. O proprio governo colonial tomou a iniciativa das medidas as mais severas para reprimir os desmandos desses tyrannos de aldeia. (Dr. José Hygino, relatorio acima citado).

problema economico, abrindo estradas, unificando o systema de pesos e medidas, interessando os Portuguezes na solução dos problemas coloniaes e ensaiando o regimen das assembléas, promovendo explorações e entradas ao interior, cuidando da assistencia e da instrucção, contemporizando tolerantemente com os usos e costumes do povo, realizando grandes melhoramentos materiaes, estudando o littoral e os portos, as zonas proximas aos nucleos de população, mais ou menos fixa, e o sertão, agindo, finalmente, com superior elevação de vistas, em todos os departamentos do governo, e não desdenhando mesmo de aproveitar o concurso dos que o cercavam para accumular um patrimonio de grandes conquistas em favor das sciencias e artes.

Ha na simples enumeração que acabamos de fazer uma prova inequivoca da capacidade dirigente de Nassau, que, em outro meio, dadas outras condições e livre de factores diversos que sobre elle actuavam, teria sido, sem duvida, um grande estadista. Entre nós, porém, muito se tem a oppôr aos incondicionaes louvores com que alguns, fascinados pelo seu genio politico, encarecem os seus actos, que, estudados á luz dos documentos que hoje conhecemos, nem sempre reflectem as suas rectas intenções e a sua acção civilizadora.

Como administrador, a sua obra por excellencia, aquella que lhe deu fama e renome, foi *Mauritsstad* (a cidade Mauricia), que se estendia pela ilha de Antonio Vaz (actual bairro de Santo Antonio, no Recife), ligada á antiga povoação e ao continente por pontes, embellezada, com edificios grandiosos para o tempo, fortificada, saneada, ajardinada, e offerecendo, já então, um relativo conforto. Afóra isto, o que realça o seu governo é a sua tendencia liberal, o feitio de seu espirito, sempre propenso ás

coisas da intelligencia, o seu culto pela natureza, o seu sentimento do bello, o seu amor apaixonado pelos mais elevados ideaes da humanidade. Elle era, sobretudo, um temperamento delicado de artista e é essa feição pessoal o que nelle mais attrae e seduz.

A tentativa frustrada da tomada da Bahia alarma a côrte de Madrid, que apressa a organização de uma poderosa esquadra, conduzindo forças portuguezas e hespanholas, sob as ordens do novo governador geral, D. Fernando Mascarenhas, conde da Torre. Essa esquadra passa, a 23 de Janeiro de 1639, á vista do Recife, que, si atacado, não dispunha de elementos de resistencia, nem em terra nem no mar, e teria, necessariamente, capitulado. O conde da Torre, porém, perde esse ensejo favoravel e dirige-se primeiramente á Bahia, onde, á espera de navios retardatarios, de reforços que deviam vir das capitanias do sul e da provisão de viveres, demora-se até 19 de Novembro, dando tempo a que Nassau concentre em Pernambuco as embarcações com que contava, arme as que vão chegando da Europa, appelle para os indios alliados, que, ás centenas, accorrem pressurosos ao seu chamado, reforce as guarnições dos fortes, consiga, em summa, pôr em ordem os recursos ao seu alcance, na contingencia em que se depara.

O conde da Torre, por seu lado, procura realizar o plano que traçara: manda que os chefes de emboscadas transponham os limites dos dominios dos intrusos, invadam e devastem os campos e os povoados, generalizem o ataque e as hostilidades, provoquem o levantamento das populações, que, no momento opportuno, teriam para apoial-as as tropas de desembarque que iam na esquadra, tropas essas que, uma vez em terra, dariam o ultimo golpe. Mesmo no Recife, tudo estava preparado para o movimento de revolta. Mas a esquadra, arrastada por ventos con-

trarios, só a 13 de Dezembro póde avisinhar-se de Alagôas, onde, informado o seu chefe do que se passa em terra, levanta ferros novamente em direcção ao Norte. Nas proximidades de Olinda, com diversos navios de vigia ao largo, concentra o almirante hollandez, Corneliszoon Loos, as suas forças navaes; e a 11 de Janeiro recebe a noticia de que o conde da Torre estava, desde 8, entre Itamaracá e Parahyba, tentando desembarque de tropas e mantendo communicações com os intrepidos caudilhos, que, em phantasticas correrias, depredavam o interior. Segue no mesmo rumo e a 12 encontram-se, pela primeira vez, as duas esquadras — a hollandeza de 41 velas e a luzo-hespanhola de 86 — em Ponta de Pedras, pouco além de Itamaracá. Ahi perde a vida o almirante hollandez, que é substituido pelo vice-almirante Jacob Huyghens. A 13 renova-se o combate, ao norte de Goyana; a 14, nas costas da Parahyba; e a 17, da altura do Cunhaú até á confrontação da Ponta da Pipa, batendo-se todos com valor e denodo.

Depois disto, o conde da Torre, apezar de não ter havido victorias decisivas, abandona o inimigo, deixa o littoral e faz-se ao mar (45).

Em Touros desembarcaram nessa occasião mil e tantos homens, sob o commando do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, destimido cabo de guerra que ia agora, numa travessia de centenas de leguas em busca da Bahia — por caminhos desconhecidos,

(45) Os Hollandezes não conseguiram vencer; mas evitaram que forças superiores desembarcassem em Pernambuco e os expellissem de seus dominios. Isto e a victoria era quasi a mesma cousa. Não é portanto, de admirar que, sem se attribuirem um triumpho decisivo, tenham mandado cunhar mais tarde em medalha com esta inscripção: "*Deus abateu o orgulho dos inimigos* aos 12, 13, 14 e 17 de Janeiro de 1640".

Sobre esses combates e o que occorreu posteriormente vide a carta do Supremo Conselho aos Directores da Companhia. ((Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 58).

em territorio occupado por conquistadores desalmados e barbaras gentes, sem recurso de qualquer natureza, forçado pela necessidade e estimulado pelo patriotismo — escrever uma das paginas mais gloriosas da historia da luta com os invasores. "Esta retirada é uma das calamidades mais commoventes daquella guerra, e dá, só por si, uma perfeita idéa de quanto custa aos intrusos conservar semelhante conquista, violentando figuras de tal grandeza. Mal se póde imaginar o que devia ser aquella jornada de famintos, enfermos, feridos e extenuados, através de quatrocentas leguas, vencendo mil entraves, eliminando ou prevenindo todos os perigos, travando combate dia e noite, espreitados pela morte em todos os caminhos, refugiando-se, hoje, nos ermos das feras e, amanhã, no desespero e na damnação, sahindo nas estradas e acampando no alto das montanhas; hoje em sitio e amanhã sitiando, hostilizados por legiões que partem do Recife, dizimando-se n'uma peleja continua".

A primeira resistencia encontrada por Barbalho é a que, no Potengy, lhe oppõe Gartsmann, que, á frente de 60 soldados e 200 tapuias, tenta impedir a sua marcha, sendo derrotado e conduzido preso á Bahia. A seguir redobram os obstaculos; mas elle vence sempre, e, a exemplo do que fizera Mathias de Albuquerque, arrasta todos os que, cançados de oppressão e desilludidos de promessas enganadoras, querem correr os riscos da retirada, mais contentes nos perigos, com o amparo dos seus, do que na situação em que vivem, no meio dos vencedores. Refregas e combates se succedem, especialmente em Goyana e Serinhaem, onde, com as suas armas, vai vingando, em trucidações tão crueis como as dos occupantes do solo, as perversidades inominaveis que soffreram os colonos. E, por fim, consegue atravessar o S. Francisco,

deixando na margem contraria as expedições que o perseguiam, e levar o reforço efficaz das forças sob seu commando á Bahia, que, muito provavelmente graças a elle, não é atacada e tomada pelo vice-almirante Lichthardt e coronel Carlos Tourlon, para alli enviados por Nassau, com vinte navios e 2.500 homens, no intuito de devastar tudo a ferro e fogo.

Bem se póde avaliar, após os desastres que se seguiram ao fracasso da missão do conde da Torre, o desanimo e as amarguras que a todos affligiam, por entre as destruições que assignalavam o dominio dos invasores ao norte e as suas incursões em outros pontos do nosso territorio. E, ao mesmo tempo que para os nossos era triste e sombrio o alvorecer de um novo dia, aos inimigos acalentavam as alegrias e esperanças com que, já agora, contavam consolidar de vez o seu jugo prepotente e despotico. A illusão, porém, havia de desvanecer-se; e elles mesmos — resistindo heroicamente á poderosa Hespanha, em uma guerra de dezenas e dezenas de annos, para manter a independencia nacional e a liberdade de consciencia em sua patria — davam na Europa um exemplo de quanto podem os ardores da fé e a energia sempre renascente de um povo, que, entregue a si mesmo, já experimentava, no meio daquelle tragico desdobrar de acontecimentos, o valor com que affirmaria sempre o seu espirito de nacionalidade (46).

---

(46) Entre outros estudos sobre este ponto, é digno de leitura o notavel discurso proferido pelo Dr. Annibal Falcão, em Pernambuco (27 de Janeiro de 1883), demonstrando a these de que "terminada a luta hollandeza, o Brasil tinha reunido os elementos de uma verdadeira patria, de sorte que poderiamos conceber a sua emancipação politica desde logo, se, por um lado, não devesse ser simultaneo o impulso de desaggregação do systema colonial americano, e se, por outro lado, a immensa extensão do paiz não houvesse disposto desegualmente as condições locaes, sendo preciso uniformisal-as previamente para que tivesse um verdadeiro caracter nacional a nova patria que se formava" (Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pern. vol. XII pag. 444).

Nassau é que não confiava na calma apparente daquella situação: ou a colonia, exgottada, deixaria de ser o campo de exploração em que se transformava, ou se libertaria, num esforço supremo, do poder dos que não haviam sabido identificar-se com a sua sorte por uma politica generosa e fecunda. A sua linguagem, na propria carta em que, com os membros do conselho supremo, communica, a 2 de Março, aos directores da companhia os ultimos successos occorridos, é de maxima franqueza: narra de modo a impressionar a ruina geral dos moradores, insiste pela vinda de maiores forças para *expurgar a terra de tropas contrarias* e mostra a necessidade de levar a guerra ao territorio inimigo, sob pena (textual) *de não vivermos nunca aqui tranquillos* (47).

Nem sempre ou quasi nunca querem attendel-o, não porque julguem exageradas as suas informações, mas sim por procurarem calculadamente desgostal-o para que abandone o seu posto, desejo que alimenta desde que, com o mallogro da expedição contra a Bahia, começou a sentir-se impotente para triumphar da cega obstinação dos gananciosos negociantes de quem era delegado.

A 5 de Junho assume o cargo de *vice-rei e capitão-general de mar e terra, empreza e restauração da Bahia* D. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão, o ultimo dos governantes nomeados para o Brasil por Felippe IV. O marquez era um homem de valor e, reconhecendo a impossibilidade de auxiliar efficazmente os colonos de Pernambuco, dá o seu assentimento ás treguas que Nassau insinuava aos padres e moradores catholicos, para tornar a guerra mais humana e attenuar o seu cortejo de miserias. Essas treguas, porém, mal encobriam o estado de

(47) Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras. tomo 58 cit., pagina 40.

hostilidade latente entre as duas partes contendoras, e as suas negociações, em consequencia de desconfianças reciprocas, prolongavam-se ainda quando, a 15 de Fevereiro de 1641, chega a noticia da restauração de Portugal.

Esse facto produziu impressões bem diversas.

Aos Hollandezes se afigurou que delle resultaria ou o reconhecimento da legitimidade de seu dominio, ou a facilidade de uma victoria definitiva, porque o novo reino — fraco e a lutar com a Hespanha para consolidar a ordem de coisas que se estabelecia — não estava em condições de enfrental-os com successo; aos Portuguezes violentados ou insubmissos das capitanias conquistadas trouxe alentos confortadores pela esperança de uma assistencia prompta, e aos das demais capitanias apprehensões e receios bem fundados. Sentimentos desencontrados agitavam, pois, a alma de todos; mas a poucos deixou de alegrar o acontecimento, que, entre os invasores, foi pretexto para estrepitosas manifestações de regosijo no Recife.

A acclamação de D. João VI, realizada discreta e prudentemente na Bahia, teve adhesões geraes em toda a colonia, que, sem exceptuar o Rio de Janeiro e S. Paulo, onde houve passageiras vacillações, se manteve fiel á antiga metropole.

A posição de Mascarenhas, que antes da restauração permittira, apezar de ter entrado em *ententes* com o principe de Nassau, que continuassem as incursões de caudilhos em terras do norte, o que lhe valeu ser accusado de simulado e perfido, tornou-se, depois della, embaraçosa e critica, porque, desconhecendo a orientação que na Europa dictaria os actos do novo governo, fôra muito longe em suas expansões epistolares com o mesmo principe, acreditando talvez que a Hollanda abriria mão de suas pretenções

na America, para ter em Portugal mais um alliado contra o inimigo commum, que era a Hespanha.

A condemnação de seu procedimento teve-a elle no desagrado com que aquelles que, acima de tudo, aspiravam a expulsão dos Flamengos, promoveram a sua substituição por uma junta composta do bispo, D. Pedro da Silva e Sampaio, do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra e do provedor-mór Lourenço de Britto Corrêa, baseando-se, para isto, em instrucções que de Lisboa vieram pelo jesuita Francisco de Vilhena, instrucções que não tinham mais razão de ser, uma vez que o marquez se apressara em acatar a autoridade de D. João VI, proclamando-o solemnemente na capital do vice-reinado e esforçando-se pela sua acclamação nas capitanias mais proximas.

A deposição do vice-rei foi, no entanto, um desafogo de pequena duração, porque o governo portuguez precisava contemporizar com a Hollanda, cujo interesse maximo era tirar proveito da situação e não restituir possessões que, naquella hora, não poderiam ser reivindicadas pelas armas. O mais que obteve foi o armisticio por dez annos, com o reconhecimento das conquistas feitas pelos Hollandezes, que, valendo-se de pretextos varios e de razões capciosas, sophismaram o espirito e a lettra do tratado, tomando Sergipe, levando ao Maranhão sua fronteira septentrional e assenhoreando-se de Loanda e da ilha de S. Thomé, sob allegações tão improcedentes que ao proprio Nassau repugnou acceital-as, apresentando outras que não eram egualmente isentas de duplicidade e má fé (48).

Com essa expansão territorial, o poder do invasor attingira ao seu apogeu: ia começar o declinio. Portugal, premido pela necessidade de grangear apoio na Europa, cedera tudo, mas não demoraria em tirar

---

(48) Até Netscher viu-se obrigado a confessal-o (obra citada, paginas 118 a 120).

a desforra, insuflando a insurreição, ou melhor, deixando que explodissem as impaciencias longamente contidas. Dir-se-á que faltava assim á lealdade no cumprimento do pacto firmado em 12 de Junho de 1641, como si ainda hoje os povos não tivessem para seu uso uma moral que perdôa deslizes que seriam imperdoaveis no individuo: a de que os fins justificam os meios. Sua politica póde ter sido insidiosa: a do ininigo não o foi menos, e, em relação a elle, não militavam motivos ponderosos.

A 26 de Agosto de 1642, chegava á Bahia, escolhido, após a restauração, para primeiro governador-geral Antonio Telles da Silva, que exerceu o cargo até 22 de Dezembro de 1647, revelando grandes meritos pessoaes.

No ponto de vista portuguez, seu procedimento foi de uma rara habilidade e, para realçal-o, succedeu que, pouco depois de sua posse, a autoridade superior da colonia hollandeza passasse a uma junta incapaz, composta de Hamel, van Bullestraten e Pieter Bas (49), junta que teria de ser envolvida pelo tufão da revolta que se approximava, e que destruiria afinal o edificio a cuja construcção dedicara Nassau o melhor das suas energias. Este — o principe eminente na guerra e na paz — depoz os poderes nas mãos de seus successores em 6 de Maio de 1644 e a 11 seguiu, por terra, para a Parahyba, onde — depois de uma viagem triumphal, em cujo percurso recebeu o testemunho carinhoso do apreço e da affeição, do respeito e do reconhecimento de todos, sem distincções de classes e nacionalidades — pernoitou a 22, embarcando no dia immediato para a Hollanda. O conde estava convencido da decadencia da con-

(49) Segundo alguns, este substituiu van der Burgh, que logo ausentou-se ou morreu.

quista e, como ultima homenagem aos que não o haviam querido ouvir, assignalou-o em documento de notavel previsão que, sob o titulo de *testamento politico,* é hoje geralmente conhecido (50).

Entrava-se francamente no periodo da resistencia e o primeiro grito de guerra parte do Maranhão, que é reconquistado pelos moradores, ainda antes da retirada de Nassau. Depois disto inflammam-se todos, em vibrações de colera e enthusiasmo. Urge passar ao terreno da acção e apparece em scena Vidal de Negreiros, que prepara o movimento de que Telles da Silva é o inspirador e Fernandes Vieira será, a principio, o braço forte e depois uma das figuras primaciaes (51).

---

(50) foi trazido pelo Dr. Hygino e está publicado nas paginas 223 e seguintes da Revista do Instituto Historico Brasileiro, vol. LVIII, citado.

(51) Porto Seguro foi quem quebrou a unanimidade com que historiadores e chronistas davam a Fernades Vieira o primeiro logar na insurreição de que resultou a expulsão dos Hollandezes, para conferil-o a Vidal de Negreiros, cujo prefil é, realmente, superior ao daquelle madeirense. Sua opinião veio a prevalecer; e varios foram, depois disto, os escriptos, estudos e apreciações sobre este interessante ponto de nossa historia. Não ha ainda muito tempo que o illustrado Dr. Pereira da Costa publicou no n. 67, vol. XII da Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pern. um importante trabalho critico a respeito, trabalho que, embora apaixonado, é ezhaustivo. Nesse debate, a opinião mais acceitavel é a de Capistrano de Abreu; os feitos de Vieira foram valiosissimos, cabendo-lhe, sem duvida, o direito de ter o seu nome inscripto na historia do Brasil unido, e explicando-se algumas de suas vacillações pelas difficuldades da empreza, dadas as condições do meio em que tinha de agir (Rev. do Inst. Hist. Arch. e Geog. Pern. n. 65, vol. XII, pag. 79). Oliveira Lima pensa do mesmo modo e nestas palavras retrata, com verdade, o personagem: "João Fernades Vieira valia provavelmente mais do que o fazem crer os libellos anonymos, que visavam desconceitual-o, por maior porção de verdade que estes contenham. Valia, porém, com certeza menos do que o apregoavam seus encomiastas. Deve ter sido enfatuado, ganancioso, ambicioso, deshumano, se bem que valente, perspicaz, activo e perseverante. Como instrumento de guerra foi optimo, e com os resultados colhidos resgatou muitas faltas e mesmo crimes. Como instrumento de paz refinou-se nas provações e acryso-

No Recife conspira-se ás escancaras em seguida á segunda viagem de Negreiros em 1644, e Vieira accumula armas, munições e viveres nos arredores da cidade. A gente do governo — com extremos de rigor contraproducentes, porque indicam receio, em logar de intimidar — tudo envida para atalhar a reacção; mas ella é caudal avassaladora e cresce e avoluma-se e alastra-se, impetuosa e irresistivel.

A conspiração é denunciada e os seus chefes, Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanti, com outros occultam-se, proclamando, a 13 de Junho de 1645, a sublevação, combinada para 24 do mesmo mez. Nas mattas existentes nas visinhanças de Apipucos, Varzea, S. Lourenço, vão se reunindo os que a ella adherem e ahi, aguardando a chegada dos negros de Henrique Dias e dos indios de Camarão, recebem instrucções de Antonio Dias Cardoso, que viera do rio Real para dar organização militar aos voluntarios que se concentram naquelles recantos, acompanhado de sessenta homens "que não eram simples soldados, mas todos verdadeiros capitães, praticos da guerra e conhecedores do paiz, cada um capaz de tomar o commando de forças e leval-as á victoria". E tudo isto fôra assentado por Vidal, de accôrdo com o governador Telles da Silva, que, no entanto, acha sempre modos de illudir as embaixadas que lhe são enviadas, e, o que é mais, serve-se dellas como justificativa para suas resoluções, afim de apparentar respeito ás clausulas do tratado de armisticio.

A junta do Recife, manifestados os primeiros symptomas da tormenta, expede forças sob o commando do major Blaer para a Varzea e, informada

---

lou-se nos perigos, acabando por ser deveras nobre quem não passava de um bastardo de côr, concebido por uma meretriz do amplexo de um deportado (Rev do Inst. Hist. Brasileiro, vol. LXXV, parte 2ª, pag. 24).

de um conflicto que occorreu em Ipojuca, onde foram mortos alguns soldados, permittindo a Amador de Araujo, proprietario do engenho Tabatinga, armar uma companhia, faz seguir para alli e immediações Hendrick van Hans, á frente de fortes contingentes (52).

Para a Parahyba e Rio Grande parte tambem Paul de Linge, encarregado de manter o districto em paz (53).

Os insurgentes, recuando para o interior, fixam-se nos engenhos Camaragibe e Borralho, depois em Massiape, em seguida atravessam o Capibaribe, passam no engenho S. João, de Arnaldo de Hollanda, demoram no engenho Covas, onde Dias Cardoso conjura competições e dissentimentos pessoaes entre os chefes mais prestigiosos, e marcham para o monte das Tabocas (municipio da Victoria), onde, a 3 de Agosto, fere-se o primeiro combate entre o seu e o exercito de Hans, este calculado em 1.000 homens, afóra os indios, e aquelle, talvez maior, "composto em

(52) No "Diario" de Matheus van den Broeck, traduzido pelo Dr. José Hygino e publicado no tomo XL da Rev. do Instit. Hist. Bras., encontra-se noticia do que succedeu no começo da insurreição. E' documento curioso para confrontar com a versão dos chronistas portuguezes.

(53) Em carta de 2 de Março de 1640, o supremo conselho justificou a divisão da colonia em quatro districtos, constituindo a Parahyba e o Rio Grande do Norte um delles. Disse elle: "Como o littoral do Brasil conquistado pela companhia estende-se por mais de 100 leguas, a experiencia tem mostrado que nos logares longinquos as nossas ordens e recommendações não são tão promptamente executadas como o bom governo e a prosperidade da companhia o exigem: pelo que julgamos necessario collocar em differentes logares como directores alguns dos conselheiros politicos, para que executem pontualmente as nossas ordens, nos informem acerca do estado e das necessidades dos respectivos districtos, bem como contenham os moradores no seu dever. Os districtos creados são quatro: Parahyba, Itamaracá, Serinhaen, ou Porto Calvo, e Rio S. Francisco".

(Revista do Instituto Historico Brasileiro, tomo LVIII, citado, pag. 43).

grande parte de gente bisonha, sem disciplina e mal armada, não tendo alguns mais que um zaguncho e outros uma simples faca de ponta atada em um pau".

Durante horas successivas, luta-se, de parte a parte, com desespero e furia, e só a noite — uma noite escura e tempestuosa — aparta os combatentes. No dia immediato, porém, já alli não está o inimigo para recomeçar o duello tremendo: fugira do campo que, coberto de mortos e feridos, com preciosos despojos de armas e munições (54), attesta a sua estrepitosa derrota.

---

(54) As armas de fogo (*dos insurgentes*) não passavam de duzentas espingardas, feitas mais para a caça que para a peleja, algumas espadas que a prohibição tinha escondidas, e com a ferrugem tão gastadas que poderão magoar, mas não ferir. As mais armas erão cutelos do monte e páos tostados; as munições tão escassas que as negava a penuria, ainda á maior necessidade... Não houve soldado que se não armasse com escolha, nem indio que se não vestisse com vaidade" (Castrioto Luzitano, citado, pags. 277 e 279).

Os Hollandezes, nas lutas contra os Hespanhoes, foram-lhes superiores no mar e inferiores em terra. Nas guerras luzo-americanas a situação foi, quasi sempre, a mesma.

As armas brancas que usavam eram os piques (pequenas lanças que só desappareceram no fim do seculo XVII, substituidas pelas baionetas) e os terçados (espadas curtas). As espingardas eram ou de mecha (mosquete), ou de pederneira (arcabuz). Os mosquetes tornavam-se inuteis quando chovia, por se apagarem as mechas com a humidade, facto este que succedeu varias vezes aos Hollandezes em Pernambuco, que assim ficavam desarmados ante os indios, cujas armas (arco e flecha) por aquella circumstancia não deixavam de os hostilizar. (Vide a respeito os "Factos Pernambucanos", pelo Dr. Pedro Souto Maior, na Rev. do Inst. Hist. Brasileiro, tomo LXXV, 1ª parte, pags. 265 e seguintes).

Para o indio mereciam muito mais confiança o arco e a flecha do que as espingardas imperfeitas daquelle tempo; mas era muito mais commodo obter dos mercadores polvora e chumbo a troco de pelles, do que dedicar-se ao trabalho penoso do fabrico do arco e das flechas.

Os tapuias costumavam segurar as flechas na mão esquerda e combatiam deitados em linhas de atiradores. Com a rapidez do raio, o archeiro erguia-se para desfechar uma flecha certeira e com a mesma celeridade desapparecia deitando-se de novo no sólo. A's vezes, esfregavam com areia os dedos sua-

Aquella victoria foi de consequencias incalculaveis para os patriotas. Das causas multiplas que tinham impulsionado o movimento — differença de raça, diversidade de religião, questões economicas, crise financeira, interesses de toda ordem — só uma prevalecia agora: o sentimento da desoffronta nacional. E este, unificando esforços e vontades, ao serviço de uma mesma aspiração, desperta a confiança e assegura o apoio de toda a colonia.

A 10 de Agosto, deixa Vieira o monte das Tabocas, onde chegam logo depois Henrique Dias e Camarão, que a elle se reunem em Gurjaú (riacho e povoação no municipio de Jaboatão). E' dahi que seguem 150 homens em soccorro de Iguarassú e Goyana, ás ordens de Antonio Cavalcanti, cuja morte dentro em dias ficou envolvida em mysterio (55), marchando o grosso das forças para o sul, afim de encontrarem os mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, que, á frente de seus terços, haviam desembarcado em Tamandaré a 28 de Julho, acampando no engenho "Rio Formoso" e fazendo capitular o forte de Serinhaem, cuja guarnição retirou-se com todas as honras da guerra, exceptuados os indios que foram enforcados (56).

Vieira occupa a fortaleza de Santo Antonio do Cabo, que estava quasi abandonada por haver o seu commandante, Gaspar van der Ley, ido reforçar a

---

dos e escorregadios pelo constante entezamento da corda. Nos ultimos annos, grande numero já combatia armado de clavinas ou mosquetes. ("Efficacia do arco dos Indios", pelo Dr. Georg Friederici, publicada nas pags. 477 e seguintes da Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pernamb. vol XII, citado).

(56) Porto Seguro, "Hollandezes no Brasil" citado, pag. 289.

(56) Ha sobre esse facto, como a respeito de outros que os precederam e seguiram, curiosos documentos na Rev. da Inst. Arch. e Geog. Pernamb., especialmente a de n. 34, de 1887.

defesa da do Pontal de Nazareth, e aguarda que as forças de Vidal e Moreno se approximem para, reunidas todas, darem direcção definitiva á marcha da campanha.

A 16, combinado que Moreno ficasse investindo contra essa ultima fortaleza, partem Vidal e Vieira para o Recife, em busca das forças de Hans e Blaer, que são batidas e anniquiladas em *Casa Forte,* onde a 17 se travara o segundo combate entre os Hollandezes e os insurgentes.

A luta agora é bem diversa das anteriores: "os Pernambucanos foram conquistando o terreno aos invasores, não em guerrilhas, como no primeiro periodo da invasão, mas em assedios regulares, assaltos e batalhas campaes". E é por isto que, vencido o inimigo em Casa Forte, Vieira é encarregado de senhorear a Varzea, formando um novo arraial e "predispondo tudo para no momento opportuno estabelecer o cerco apertado do Recife", emquanto Vidal corre a secundar a acção de Moreno na tomada do Pontal, que a 3 de Setembro, um mez justamente depois do feito de Tabocas, capitula e entrega-se.

A 15 do mesmo mez é tomado o forte de Porto Calvo, que foi arrazado, e a 19, em Penedo, o forte Mauricio.

Todo o sul da colonia está revoltado, e a serie de desventuras que alli experimentam os Hollandezes só é interrompida pela repulsa do ataque a Itamaracá e pelo desastre soffrido em Tamandaré por Serrão de Paiva, que, sorprehendido a 9 daquelle mez pelo almirante Lichthardt, perde todos os seus navios, que são incendiados, com excepção de quatro — um que consegue escapar-se e tres, os melhores, que o vencedor aprisionou.

No norte, porém, a adversidade esmaga, em penosas provações, os Portuguezes.

Paul de Linge, para conservar em obediencia o districto cujo governo lhe foi confiado, chama em seu auxilio os indios alliados e estes, ao descerem do Rio Grande do Norte, iniciam as suas ferozes tropelias pela matança de Cunhaú, que Fr. Raphael de Jesus assim descreve (57):

"Com grande numero de indios selvagens (mortaes inimigos dos portuguezes) chegou Jacobo (um hollandez a quem a semelhança de costumes fez superior daquelles barbaros) á povoação de Cunhaú um sabbado de tarde. Não foi a vinda nem o intento escolha, senão obediencia. Tinhão-lhe remettido do Arrecife os do governo as ordens e instrucções de tudo o que havia de obrar, quando e como. Forão avisados os moradores da marcha e do poder; a experiencia os ensinou a suspeitar mal de tudo: pozerão-se em cobro. Entrou na povoação o inimigo com simulada paz; mandou deitar bando, e fixar nas portas da igreja um edital assignado pelos do conselho supremo, e jurado pelo dito Jacobo, ordenando aos visinhos do logar que debaixo de seguro se achassem na igreja ao outro dia, que era domingo, para que depois da missa conferissem certo negocio, que os Senhores Estados lhes mandavão communicar, desenganando-os de que a pessoa alguma se faria o menor aggravo. Obedecerão os moradores, chamados a um mesmo tempo do preceito da igreja e do bando do hereje, ou porque não duvidarão do seguro, ou porque não temerão o perigo. A maior parte entrou para a igreja; outra menos confiada se deixou ficar nas casas do engenho. Os que entrarão no templo encostarão ás paredes do portico os bordões que levavam (armas que lhes permittia o governo hollandez). Vestio-se o sacerdote, poz-se no altar, começou a missa, e, ao tempo em que chegou a levantar a Deos, se fizerão

(57) "Castrioto Luzitano", citado, pag. 163.

os indios senhores da porta do templo, o que advertido dos moradores conhecerão o erro e o perigo a tempo que se valerão do ultimo remedio, que foi pedirem ao céo perdão de seus peccados, tão faltos de tempo que se encontravão nas gargantas de todos a oração e a espada, sem que a dos barbaros deixasse pessoa com vida. Pela mesma sorte passarão os que se recolherão nas casas do engenho, senão que irritados do sacrilegio e da perfidia, com as mãos e com os dentes avançarão ao gentio, e buscando a vingança se mettião pelas armas, aonde juntamente achavão a morte e a satisfação, porque abraçados com os inimigos matavão e morrião".

Dos homens que alli estavam apenas tres (58) poderam fugir por cima dos telhados, ficando mortos alguns sessenta e nove, inclusive o Padre André de Soveral, venerando e querido sacerdote de noventa annos de edade (59); mas as mulheres e creanças, que foram em parte poupadas, espalharam a noticia do morticinio e, na Parahyba, os moradores, receiosos da mesma sorte, pegaram em armas, sob a direcção de Lopo Curado Garro, Francisco Gomes Muniz e Jeronymo Cadena, chefes nomeados pelos *governadores da guerra,* aos quaes se juntaram mais tarde, tambem nomeados por estes, Antonio Vidal, Simão Soares, Cosme da Rocha e Francisco Leitão, assim como o capitão Couto, do terço de Camarão, e Henrique de Mendonça, do de Henrique Dias, todos incumbidos de organizar os sublevados em forças regulares, fornecendo-lhes armas e munições, que haviam levado de Pernambuco.

---

(58) Gonçalo de Oliveira e dois ou tres criados, diz um documento publicado na Revista do Instituto Historico Brasileiro, tomo LXXV, parte segunda, pag. 42.

(59) Santiago, cit. Rev. do Inst. Hist. Bras., tomo XXXIX, pag. 404 e seguintes.

Isto feito, os Hollandezes começam a ser hostilizados pelo lado do norte, recolhendo-se Paul de Linge com suas tropas á fortaleza de Cabedello, e tendo os indios alliados, antes de atacar Goyana, retrocedido em sua marcha e voltado ao Rio Grande, onde, em começo de Outubro, renovam-se, em iras sangrentas, os seus feitos de inominavel perversidade.

A matança de Cunhaú atterrorizara todos os moradores, e os que não procuraram abrigo na Parahyba e em Pernambuco refugiaram-se no engenho de João Lostau Navarro (60) e cerca de setenta entrincheiraram-se na distancia de seis leguas pelo rio acima, construindo uma especie de arraial cercado de palissadas, para onde levaram suas familias, mantimentos e provisões em abundancia. Poucas eram as armas de fogo — dezesete ao todo —; mas suppriam-nas as facas, os dardos, as flechas e os paus tostados.

Alarmaram-se os Flamengos ante a possibilidade de virem a ser aquelles logares centros perigosos de resistencia, e trataram de bater os miseros colonos. O engenho foi logo assaltado, sendo mortos muitos dos que nelle se achavam, e conduzido preso para o forte *Ceulen* o seu infeliz proprietario. Em relação, porém, ao arraial, as coisas não eram tão faceis, e Jacob Rabbi com os seus indios tiveram de recorrer inutilmente a todos os ardis até que, sempre repellidos, assestaram duas peças de artilharia contra a cerca, apertaram o sitio e se dispuzeram a tudo destruir. Só então, e com a promessa de serem respeitadas as suas vidas e fazendas, capitularam os sitiados, recebendo salvo-conductos e entregando as armas que tinham... Os sitiantes deixaram dez soldados em salvaguarda da cerca e gente, levando, para a fortaleza, como refens, Estevão Machado de Miranda,

---

(60) Vide nota 68.

Francisco Mendes Pereira, Vicente de Souza Pereira, João da Silveira e Simão Corrêa.

"Achavam-se na mesma fortaleza do Rio Grande diversos moradores distinctos, entre os quaes se contavam o padre vigario Ambrosio Francisco Ferro, Antonio Villela Junior, Francisco de Bastos, José do Porto, Diogo Pereira, João Lostau Navarro e Antonio Villela Cid. Estes dois ultimos estavam presos; os mais eram hospedes que alli tinham procurado um asylo contra a ferocidade dos indios.

A 3 de Outubro de 1645, por ordem de João Bullestrade, membro do supremo conselho, que no dia precedente chegara do Recife em uma lancha, foram todos estes moradores pacificos enviados em bateis rio acima, dizendo-se-lhes que eram levados para a cerca, onde sob a protecção hollandeza passariam bem juntamente com os outros. Accrescentavam que nada deviam recear dos indios, porque já se tinham retirado todos para o sertão. De facto, porém, levaram a estes infelizes para um logar conhecido com o nome de *Uruassú* (61), a meia legua da cerca, onde estavam passante de duzentos indios, entre petyguares e tapuyas. Logo que chegaram receberam a ordem de se despir e pôr-se de joelhos. Comprehendendo, então, estes martyres ter chegado o seu fim, obedeceram com grande paciencia e resignação, erguendo os olhos ao céo, despedindo-se mutuamente, fazendo actos de devoção, declarando morrerem todos na fé catholica, apostolica, romana, e recusando com firmeza o ministerio de um predicante heretico que se apresentou. Indignados com isto, os protes-

---

(61) *Uruassú* é hoje uma povoação com 30 fogos e 180 habitantes, no municipio de Macahyba. Existe ali uma lagôa piscosa, com duzentos metros de extensão e cento e vinte de largura (Relatorio apresentado ao Governador do Rio Grande do Norte, em 1905, pelo Secretario do Governo Dr. Henrique Castriciano de Souza, parte relativa aos municipios).

tantes deram a todos taes tormentos que, para os padecentes, a morte já era mercê.

Entregaram-n'os por ultimo aos barbaros "que ainda vivos os foram fazendo em pedaços, e nos corpos fizeram taes anatomias, que são incriveis, arrancando a uns os olhos e tirando a outros as linguas... (62)".

Acabado este primeiro morticinio (63), passaram os Hollandezes á cerca dizendo aos moradores que o governador da fortaleza os mandava chamar para tornar a assignar certos papeis, por assim ter vindo ordem do Recife dos do supremo conselho. Como, porém, estes homens tivessem um presentimento de que iam morrer, despediram-se de suas mulheres e filhos com muitas lagrimas, fazendo pelo caminho os mesmos actos de religião que já relatámos dos outros, redobrando o fervor ao serem cercados pelos indios e ao verem os corpos de seus companheiros e visinhos que ainda palpitavam com as feridas.

"Os opprobios que nestas mortes houve não são criveis, nem para contar-se sem faltar ás leis da pudicicia, vergonha e modestia; e foi que a um mancebo, chamado Antonio Baracho, casado, homem bizarro, amarraram a uma arvore e lhe arrancaram os mesmos Hollandezes, estando vivo, a lingua, pondolhe na bocca, em logar della... e, depois de lhe darem muitos açoutes, queimando-o juntamente com ferros

---

(62) Santiago é mais explicito na descripção; mas o P. Raphael Galanti, que o segue na narração que transcrevemos, abstem-se de reproduzil-o integralmente, dizendo, em nota, *veda-nos a decencia referir tudo*.

(63) Este morticinio foi presenciado por dois homens que, ao tempo em que elle se realizava, chegaram áquelle sitio e, não sendo vistos, se esconderam no matto, de onde observaram o que se passou (Santiago, cit. "Revista do Inst. Hist. Bras., tomo XLI, parte 1ª, pag. 172).

que ardiam em braza, lhe arrancaram pelas costas o coração.

A Mathias Moreira o abriram tambem e lhe tiraram o coração, e as ultimas palavras que, estando neste momento, proferiu foram louvar a Deus, dizendo: *Louvado seja o S.S. Sacramento.* Os corações que a estes e aos mais arrancaram penduraram em estacas.

Ao padre vigario Ambrosio Francisco Ferro fizeram taes anatomias e coisas, estando ainda vivo, que tenho pejo de escrevel-as, e bem se póde colligir o que fariam herejes a um sacerdote tão honrado e virtuoso, em odio e opprobio da religião catholica romana.

Mataram duas filhas do morto Estevam Machado de Miranda, que o seguia sua mulher com ellas, de que uma era menina de edade de dois mezes; e outra que era uma galharda donzella, que deixaram com vida, havendo morto as suas duas irmãs, venderam aos indios por um cão de caça... Mataram tambem uma filha de Antonio Villela, o moço, sendo creança pequena, e dando-lhe com a cabeça em um pau a fizeram em dois pedaços; e a outra filha de Francisco Dias, o moço, mataram tambem e a abriram em duas partes com um alfange; e a uma mulher casada com Manoel Rodrigues Moura, depois do marido morto, lhe cortaram as mãos e os pés, e esteve esta mulher tres dias naturaes no chão viva, e acabou dando a alma ao Creador.

Ficavam ainda com vida oito mancebos que os proprios selvagens tentaram salvar, pedindo aos batavos que os deixassem viver no meio delles lá pelo matto. Disseram-lhes, porém, os Hollandezes, esses homens que se davam por christãos e civilisados, dos quaes ainda hoje alguns mal avisados patriotas teem saudades, que, si quizessem assentar praça e tomar

armas contra os Portuguezes, lhes concederiam as vidas. Responderam os moços que já essas vidas lhes aborreciam e que não queriam viver, quando, sem lhes poderem valer, viram com seus proprios olhos tão cruelmente matar seus pais, parentes e amigos, e que as armas tomariam por seu Deus e por seu rei e patria contra elles tyrannos; que por menos mal escolhiam a morte com todos os tormentos do que fazer tal maldade, qual elles a troco das vidas lhes commettiam que fizessem. Ouvindo isto, com odio mortifero e grande iracundia deram aos moços tão graves tormentos e martyrios que nelles acabaram as vidas; e um, chamado João Martins, tornando-o a commetter que tomasse as armas contra sua nação portugueza, que lhe dariam a vida, respondeu com alegre rosto: *Não me desampara Deus dessa maneira! Essas tomei sempre contra tyrannos, e não contra minha patria e rei!* e que o matassem logo, que estava invejando as mortes de seus companheiros e a gloria que tinham recebido.

Dois mancebos casados, um chamado Manoel Alvares Ilha e outro Antonio Bernardes, depois de estarem em terra cheios de feridas e nús da cinta para cima, metteram as mãos nas algibeiras, e puxando cada um por sua faca, e investindo com os indios, mataram logo a tres delles, e feriram a quatro ou cinco, fazendo isto com as ancias da morte.

Julgue-se tambem que affrontas e vituperios fariam estes tyrannos e barbaros ás miseraveis viuvas e donzellas, que mais são para se passar em silencio, que para se escreverem (64)".

---

(64) Pe. Raphael Galanti, obra citada, vol. II, pags. 307 e seguintes. Vide tambem Porto Seguro, Rocha Pombo, Santiago, Pe. Raphael de Jesus, Loreto Couto (Annaes da Bibliotheca Nacional, tomo XXIV), Lopes Machado (Historia da Provincia da Parahyba), etc.

Além do odio com que os invasores costumavam castigar a rebeldia do colono, havia uma razão a mais para estas horriveis carnificinas do Rio Grande, tão atrozes agora como logo depois da occupação. E' que só no S. Francisco e naquella capitania existiam campos de criação e — sabido que já não dominavam no sul de Alagôas e que a fome batia ás portas do Recife — comprehende-se o interesse que tinham em defender, custasse o que custasse, as campinas rio-grandenses, povoadas de cerca de 20.000 cabeças de gado (65), das possiveis incursões dos insurgentes. E, por isto, para que não deparassem nenhum ponto de apoio, procuravam apavorar, com exemplos de crueldade sem egual, os restos de Portuguezes, reinoes ou não, que por alli viviam. Seriam assim senhores daquellas paragens e ficariam livres, embora por algum tempo, de uma concurrencia impertinente e incommoda.

Tanto esta supposição é verdadeira que, apezar da distancia que separava do Recife aquella região, foi ella incessantemente talada, durante a guerra, por uns e outros combatentes, todos solicitos em tel-a sob seu poder (66).

Ainda mais: foi alli que os Hollandezes fizeram permanecer, de preferencia, os indios inimigos dos primitivos conquistadores da terra, provavelmente para afugentar de vez a grande maioria dos poty-

---

(65) Documento publicado na Rev. do Inst. Hist. Bras. tomo LXXV, segunda parte, pag. 35.

(66) Os chronistas portuguezes dão noticia de que as diversas expedições que alli foram, sob o pretexto de vingar selvagerias dos indios e hollandezes, traziam sempre, em seu regresso, maior ou menor quantidade de gado. E de um "Diario ou Breve Discurso ácerca da rebillião", escripto por um hollandez e publicado, depois de traduzido, no n. 32 da Revista do Inst. Arch. e Geog. Pern. pags. 121 e seguintes, verifica-se que do Rio Grande iam para Pernambuco barcos carregados de gado e viveres.

guares que acompanhou Camarão, mas tambem com certeza para aproveital-os na criação, na pesca e no plantio das roças.

Nem se explicaria por outra fórma que, ao mesmo tempo que anniquilavam uma população que começava a desenvolver-se, mantivessem fortes elementos de resistencia na capitania, cujo estado, em 14 de Janeiro de 1638, Nassau e o supremo conselho informavam ser este (67):

"Ao sul fica-lhe a capitania de Parahyba, como já dissemos, e ao noroeste a do Ceará. Tem vastas e dilatadas terras que pela maior parte se acham inhabitadas e desertas, pois que o Rio Grande não tem povoados mais do que dez ou doze leguas ao norte do rio Potengy ou rio Grande, d'onde esta capitania tira o seu nome. Está elle dividido em quatro freguezias, a saber: a de Cunhaú, a de Goyanna, a de Potingy e... (em branco). Tem sómente uma cidade denominada Natal, sita a legua e meia do castello Ceulen, rio acima, a qual agora se acha mui decahida.

A camara desta capitania está em Potingy com licença de S. Ex. e dos supremos conselheiros, trabalhando por aggregar ahi uma população que dê começo a uma cidade; dará ahi suas audiencias, e para este fim levantará uma casa publica, contribuindo os moradores cada um conforme suas posses.

Até onde é povoada, terá esta capitania cerca de 25 a 30 leguas de littoral... Na capitania ha os dois seguintes engenhos:

1.º Engenho Cunhaú, que pertenceu a Antonio de Albuquerque. Foi confiscado e vendido ao sargento-mór Jorge Gartsman e ao Sr. Balthazar Wyntges; moe.

---

(67) Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pern. n. 34, pags. 139 e seguintes.

2.° Engenho Potingy, decahido ha longos annos, e diz-se que não tem terras capazes (68).

Nesta capitania os moradores se occupam principalmente com a criação do gado que ahi existia em abundancia; a guerra o reduziu muito e fel-o selvagem, mas trata-se de amançal-o com toda a diligencia e de leval-o aos curraes. O Rio Grande já está dando muito gado, que é conduzido para a Parahyba, Itamaracá e Pernambuco, onde serve, quer para o córte, quer para trabalharem nos carros e nos engenhos.

O principal porto desta capitania é o mesmo Rio Grande, e depois a barra de Cunhaú. Tem ainda alguns arrecifes e pequenas bahias que servem para os navios e embarcações de pouco porte, como a bahia Formosa, ponta da Pipa, ponta dos Buzios, ponta Negra, a bahia de Marten Tysson, ao norte do Rio Grande.

...Nos districtos de Olinda, Itamaracá e Parahyba o collegio dos escabinos se compõe de cinco membros, e em Serinhaem, Iguarassú e Rio Grande de tres, e não são mais numerosos porque os mesmos moradores nol-o pediram, allegando que, como são poucos, não devem ser muito sobrecarregados com o serviço até que os Hollandezes ahi se estabeleçam, e se ache gente apta que sirva com os Portuguezes...

...Aos fortes da Parahyba segue-se, para o norte, o *castello Ceulen* do Rio Grande, situado sobre o arrecife de pedra na entrada da barra. Con-

---

(68) Segundo Verdonck (nota 15), existiam na capitania em 1630 dois engenhos: o *Cunhaú* e o *Ferreiro Torto*. Por esta transcripção, vê-se que dois continuavam a existir: o Cunhaú e o Potengy, de onde se segue que ou o Potengy é o mesmo Ferreiro Torto, cujo nome foi mudado, ou este foi destruido e fundado outro com aquelle nome. Havia no Estado uma tradição de que no engenho que foi do Cel. João Pinheiro ou nas suas proximidades, junto á actual villa de S. Gonçalo, existira outro no tempo dos Hollandezes.

struido de pedra de cantaria, é mui elevado, e tem mui grossas e fortes muralhas. Na frente, para o lado de terra, tem uma especie de hornaveque, isto é, uma cortina com dois meios bastiões, providos, segundo o velho estylo, de orelhões e casamatas. Deante dos outros tres lados ha tenalhas. Este forte está sujeito ás altas dunas que lhe ficam a tiro de arcabuz, e são tão elevadas que dellas se póde ver pelas canhoneiras e terrapleno, e d'ahi fusilar os do castello, que se dirigem para as muralhas. Quando nós o cercámos, assentamos a nossa artilharia sobre as dunas, e fizemos um fogo tal que ninguem podia permanecer na muralha. Mas este defeito foi remediado, levantando-se sobre a muralha da frente, contra o parapeito de pedra, um outro de terra á prova de canhão, e com isto todo o forte, da parte de cima, está coberto e resguardado. E, como de maré cheia este forte fica cercado d'agua e tem de resistir ao embate do mar, está um pouco damnificado na parte inferior, o que se reparará construindo de pedra e cal um novo sopé.

O forte *Ceulen* está bem provido de artilharia: além das peças que nelle foram tomadas, pozeram-lhe mais duas de calibre 4, que estavam nas caravelas que achamos no rio, quando o fomos cercar."

E eis o que era então o Rio Grande do Norte!...

Sete annos mais tarde, após os massacres do Cunhaú, do engenho de Lostau e do Uruassú, a elle se referia nestes termos uma memoria conhecida (69):

"Os indios brasilienses e os tapuyas mataram a todos os Portuguezes que poderam haver ás mãos em

(69) "Diario ou Breve Discurso", citado na nota 66. Brasilienses eram chamados os potyguares e os indios das tribus tupys.

uma redondeza de vinte leguas, de modo que aquelles logares estão muito assolados (*desolat*); os selvagens tapuyas querem agora fazel-o duramente á sua vontade como donos."

Donos eram elles, de facto, porque, sem pouso certo e em continuas migrações, preferiam á obediencia duradoura, que não lhes podia ser imposta em terras despovoadas, a vida errante de senhores dos campos.

Os dominadores tentaram dar-lhes organização á parte, convocando para isso uma assembléa que se reuniu na aldeia de Tapisserica (70) em 30 de Março de de 1645 e apresentou aos membros do supremo conselho (3 de Abril) varias propostas, que foram approvadas e pelas quaes ficaram com o direito de eleger os seus governadores e camaras (71).

Essa concessão não collimava, porém, effeitos praticos. Era uma mystificação. O gentio do Ceará havia morto, no anno anterior, os seus algozes para subtrahir-se á condição de servo a que estava reduzido e os Hollandezes, para acalmar agitações que

(70) Provavelmente nas visinhanças do riacho deste nome affluente do Ipojuca, em Pernambuco (vol. XII, pag. 413, da Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pern. cit.)

(71) Nessa occasião foram escolhidos governadores dos indios, com assentimento do supremo conselho: Domingos Fernandes Carapeba, de Goyana e seu districto; Pedro Poty, de Parahyba, e Antonio Paraupaba, do Rio Grande do Norte, cuja camara, com séde na aldeia Orange e tendo sob sua jurisdicção as aldeias de Pirari, Jaragoa e Bopeba, ficou composta de Gaspar Ajacui, Francisco Urupema, Francisco Vaz e Diogo Nhaetinga (*da aldeia de Aurancium*), João Inabú e Domingos Urutiba, (de *Monpebú*), Balthazar Colbatinga e Mathias Sabina (de Itaipe), Simão Paeama e Balthasar Tapicura (de Ihapua). Vide sobre este assumpto os "Fastos Pernambucanos", citados, do Dr. Pedro Souto Maior (Rev. do Inst. Hist. Bras., primeira parte, pags. 397 e seguintes.)

não eram improvaveis em outras capitanias (72), tiveram que transigir, afim de não perderem um auxilio que tão precioso lhes era nas lutas de exterminio em que se vinham empenhando com os insurgentes.

Estes, tomados de desvairamento e de delirio, sentiam-se fortes para as vindicações com que os acompanhavam em suas allucinantes orgias de sangue. E é assim que, confirmada a noticia do que succedera de Julho a Outubro, fazem seguir para o Rio Grande o capitão Barbosa Pinto, que se detem com suas forças no engenho Cunhaú. Ahi é procurado pelo inimigo. Não lhe vira as costas: fortifica-se em um logar elevado, no meio dos alagados, acceita o combate e repelle a investida, retirando-se depois para a Parahyba, onde, em Dezembro, chega Camarão com poderoso reforço. Unem-se os dois, batem os tapuyas e marcham para o Cunhaú, assignalando a sua passagem por profundos vestigios.

O supremo conselho, vendo ameaçadas as campinas rio-grandenses, d'onde tira gado e farinha para o abastecimento do Recife, organiza um corpo de exercito que manda contra o invencivel chefe potyguar.

A 27 de Janeiro de 1646, trava-se a peleja sobre o mesmo terreno em que se ferira a anterior — uma ilha não muito distante do engenho (73) — e no qual fôra cuidadosamente ordenada a defesa.

---

(72) Os invasores receiavam que o levante do Ceará se ramificasse por outros pontos e, para evitar que isto se desse no Rio Grande, mandaram guarnecer *Mipibú* (é hoje a cidade de S. José de Mipibú) com 25 soldados e um official, sob o pretexto de que os indios daquella capitania vinham mover guerra aos desta ultima (Acta do Supremo Conselho, publicada pelo Dr. Guilherme Studart, nas "Datas e Factos da Historia do Ceará", vol. I pag 56. Vide tambem documentos publicados pelo Dr. José Hygino na Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, tomo LVIII, parte 1ª pag. 316).

(73) E' a *ilha do Maranhão*, onde existe actualmente uma importante usina de fabricar assucar, no municipio de Canguaretama.

A victoria sorri, mais uma vez, ás armas insurgentes; e os invasores, lamentando a perda de cento e tantos mortos, e com um grande numero de feridos, buscam abrigo á sombra do forte Ceulen, esperando soccorros, que com presteza lhes são enviados (74).

Quatro dias estiveram ainda os vencedores no Cunhaú; mas, não convindo, por prudencia, avançar em perseguição dos vencidos e não devendo manter inactivas forças que eram mais necessarias em outros logares, retiraram-se para a Parahyba, d'onde Camarão mandou o capitão João de Magalhães a Pernambuco, comboiando duzentas cabeças de gado e encarregado de conduzir armas e munições de que havia falta.

A importancia da campanha ao norte era cada vez maior, e para alli partiu Vidal de Negreiros (24 de Fevereiro de 1646), levando seis companhias. Sua marcha foi rapida e seus golpes certeiros. Em poucos dias, eram batidos os Hollandezes, que se recolheram aos seus fortes, e destroçados os indigenas: o interior estava calmo e o mestre de campo, dando reforços consideraveis a Camarão, fal-o seguir novamente para o Rio Grande e volta a reunir-se ao grosso das forças pernambucanas, a que já em fins de Março se achava incorporado.

Como sempre, Camarão cumpriu fielmente a commissão de que fôra incumbido e, em começo de Abril, chegara ao Recife a noticia de que elle "entrara segunda vez na campanha e talara de tal maneira a terra de todo o reconcavo, que não deixara edificio que não consumisse o fogo, pessoa que não degolasse o ferro, gado de que se não aproveitasse o roubo, mantimento que não destruisse o braço, e den-

---

(74) Santiago dá uma descripção muito completa desse combate (Rev. do Inst. Hist. Bras., tomo XLI, parte primeira, pags. 407 e seguintes.

tro da mesma fortaleza coração que não intimidasse a ira"...

Esse desastre não veio só. Seguiu-se-lhe o assassinato de Jacob Rabbi, o feroz conselheiro e cumplice dos tapuias, que ameaçadoramente reclamaram a entrega de Gartsmann, para vingar nelle a morte de seu cruel alliado. O supremo conselho não podia deferir semelhante reclamação; mas, inquieto pela attitude que elles poderiam assumir, teve de prender aquelle militar e commissionar os capitães Moucheron e Deniger para, no Rio Grande, syndicarem do facto (75).

Apurou-se do inquerito que, cumprindo ordens de seu superior, coronel Gartsmann, o alferes Jacques Boulan mandara dois soldados executarem o crime, que teve logar na noite de 5 de Abril de 1646, a tres leguas de Natal, quando a vicitima sahia da casa de Johan Miller, onde estivera com o refrido coronel e outras pessoas. Quanto ás suas causas, porém, subsistem ainda hoje duvidas bem fundadas, apezar da opinião dos que attribuem ao roubo o movel do homicidio (76).

Rabbi era uma allemão aventureiro que estava havia longos annos no Brasil e que, vivendo no meio dos tapuias, que o estimavam, descera com elles, após a conquista da capitania, para as proximidades do forte Ceulen, onde residia com uma india que tomara por mulher. Devia ter um rico espolio, adquirido nos mortisinios e rapinagens em que se celebrizou, mas esse espolio não era por certo de ordem a fascinar

---

(75) Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pern. n. 32, cit. pagina 187.

(76) O Dr. Pedro Souto é dessa opinião, que diz estar de accôrdo com a prova colhida nas investigações judiciarias (Rev. do Inst. Hist. Brasil., tomo LXXV, cit. parte primeira, pags. 272 a 275.)

Gartsmann, que, desde 1634, exercia no Rio Grande influencia preponderante e decisiva (77). Alli constituira familia, casando com uma portugueza que, depois da matança de Uruassú, fôra amparo e protecção das viuvas de alguns dos trucidados (78), e se tor-

(77) Gartsmann, ainda capitão, fôra o primeiro commandante do *Forte dos Reis*, depois da occupação hollandeza. Em 15 de Junho de 1637 comprara com Wyntges, por 60.000 florins, o engenho *Cunhaú*, que pertencera a Antonio de Albuquerque e fôra confiscado (relação annexa ao relatorio de Nassau em 1638 — Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pern. n. 34), não se descuidando dahi em diante de sua propriedade, apezar de continuar no commando do forte. Em 1640 era ainda o governador, tendo sido preso e levado á Bahia por Luiz Barbalho. Voltara depois ao seu posto e, a não ser no desempenho de commissões militares, raramente se afastava da capitania, onde tinha sempre forças numerosas ás suas ordens. Facil lhe seria, tirar em todas as occasiões os melhores proveitos, sem recorrer ao assassinato de Rabbi, um docil instrumento nas mãos dos invasores.

(78) ... "Succedeu que, mortos estes homens, levou a mulher de Gusmão, governador da fortaleza do Rio Grande, a algumas das viuvas para sua casa, obrigando-se a entregal-as, que se demoveu a compaixão dellas por ser portugueza; logo naquella noite, ouvindo esta mulher do Gusmão uma suavissima musica, chamou ao marido que, com alguns hollandezes com que estava, ficou em grande maneira admirado, e a mulher tambem accordou as outras, se é que dormiam, estando com tanta tribulação e tristeza, e tambem as suas escravas para que ouvissem a musica que ia no céo, e tanto celestial para aquella parte de onde haviam morto a seus maridos (cujos corpos ficaram sobre a terra sem sepultura nenhuma, e os membros tão divididos em partes, que não se conheciam quaes eram os de cada um), do qual caso milagroso testificou a sobredita mulher e as mais que alli estavam, como cousa certa e manifesta, a todos que ouviram a musica por algum espaço de tempo.

Na cerca de onde tinham sahido os moradores a padecer, estava entre outras uma menina, filha de Diogo Pinheiro, de idade de oito annos, chamada Adriana, e dando-lhe vontade de chorar entrou para uma casinha por não ser vista, aonde achou uma mulher com azorrague na mão, e lhe disse: Cala-te, filha, que com este açoute que aqui vês hão de ser castigados estes que fazem estas crueldades, como logo saberás. Afflicta a menina sahio para fóra, e vendo as mulheres a mudança della lhe perguntaram o que tinha, e ella como assombrada contou o successo , e dahi e pouco chegou a nova dos innocentes mortos, que certo bem parece que a Virgem Senhora Nossa mostrava ter tomado a seu cargo o castigo destes malfeitores; e é para considerar que dentro de poucos mezes foram os flamengos que executaram estas tyranias mortos quasi todos pelos nossos ca-

nou grande proprietario, sendo, portanto, mais natural que mandasse eliminar aquelle facinora, ou para punir a morte dos parentes de sua mulher, que elle sacrificou, ou para desaggravo da offensa que soffrera em sua autoridade e interesses com a destruição do engenho *Cunhaú*, que lhe pertencia.

Qualquer que fosse a razão, o que é incontestavel é que o facto contribuiu para afrouxar a dedicação dos indigenas aos invasores, cuja situação peiorava dia a dua. Desde 1º Janeiro que o novo *Arraial do Bom Jesus*, construido nas immediações de sua capital e dispondo de forte artilharia que fôra transportada de Porto Calvo e Penedo, tolhe os seus movimentos e offerece uma base segura para a concentração do exercito libertador, que os asphixia com uma linha de defesa, desenvolvia em semi-circulo desde Afogados até Olinda.

"Um anno depois que rompeu a insurreição, todo o dominio hollandez está conflagrado. A campanha, principalmente no sul, está em poder dos insurrectos. Apenas nas duas capitanias do norte (Parahyba e Rio Grande) as maltas de selvagens, que os intrusos insuflam, ainda senhoreiam parte do interior. Mas ainda por alli, Camarão e os capitães da terra affrontam os dominadores e seus alliados. Todos os districtos do sul, do Recife para baixo, estão sob o dominio dos patriotas. A cidade está quasi sitiada.

---

pitães e pelo Camarão, que foram á campanha do Rio Grande a vingar esta maldade, e o mesmo fizerão a muitos indios *pitiguares* e *tapuyas*, não se eximindo do castigo divino o cruel hollandez Jacob, que no mesmo Rio Grande dentro de breve tempo foi morto por mãos de Gusmão, o qual, como era casado com portugueza, extranhou suas crueldades e permittio Deus que um mesmo flamengo de sua nação o matasse". (Santiago, cit. Rev. do Inst. Hist. Bras., tom XLI, parte primeira, pag 178). As chronicas daquelle tempo estão cheias de lendas e milagres, como estes. Não é de admirar, porque o espirito simples e inculto dos camponios acceitava, sem exame, tudo que era sobrenatural e tocava á sua fé sincera e ardente.

Os proprios caminhos de Olinda estão tomados. Sentindo crescer o perigo em torno, concentram-se os Hollandezes na ponta do isthmo e nos fortes da ilha, isolando-se do continente, destruindo a ponte da Bôa Vista e os edificios que lhes eram inuteis na guerra. O Recife agora está reduzido á condição de presidio militar (79)."

Mas os Hollandezes têm sempre uma porta aberta para o mar, e aos patriotas não é dado contrapôr-lhes alli a sua acção.

Demais, as delicadas relações politicas de Portugal com a Hollanda não permittiam uma manifestação franca de D. João IV em favor do levante. Impunham-lhe, pelo contrario, a obrigação de, apparentemente, procurar abafal-o, expedindo ordens que, si cumpridas, seriam a derrota inevitavel dos insurgentes. Entre estas, figura a da retirada de Martim Soares Moreno e Vidal de Negreiros, com os seus terços. E' exacto que o ultimo destes mestres de campo não se submetteu, assim como não se submetteram os soldados; mas o afastamento de Moreno foi uma nota de desanimo.

O proprio governador geral, Telles da Silva, recommendava, ás vezes, providencias absurdas, como a da destruição dos cannaviaes, para incorporar ao exercito os moradores que trabalhavam nos engenhos e aproveitar em seu sustento o grande numero de bois que nelles existiam. Essa medida, embora executada apenas em parte, foi um grande erro, porque os recursos que esses engenhos offereciam não estavam mais ao alcance dos invasores, cujas necessidades eram de tal ordem que a chegada de dois navios — o *Falcão* e o *Izabel* — em fins de Junho, trazendo alguns soldados e mantimentos, dava logar a que a

---

(79) Rocha Pombo, obra cit. vol. IV, pag. 547.

multidão, "chorando de contentamento", corresse á praia e a que cada um dos capitães recebesse uma medalha com esta inscripção: *O Falcão e o Izabel salvaram o Recife.*

Já então, porém, as contrariedades não detinham os bravos combatentes, a quem os estos do patriotismo e o calor de uma fé religiosa, que não arrefecia nunca, alentavam na convicção de que a victoria final havia de pertencer-lhes fatalmente. Fazem, por toda parte, a guerra volante, mas não cedem jamais das posições occupadas; e quando Sigemundt von Schkoppe e Hinderson voltam ao Brasil (80), é nellas que se fortalecem, para enfrentar o inimigo.

Sigemundt estava convencido de que a resistencia ia tornar-se impossivel e só quando se vê abandonado da fortuna, que o bafejara outr'ora, é que acredita não ser uma simples nuvem o que empanava o brilho das armas flamengas, mas o empallidecer da estrella que as guiara em dias idos.

Os insurgentes haviam deixado o interior e — reunidas todas as suas forças — é nos suburbios da propria capital que affrontam o poder dos invasores. Schkoppe não se demora em iniciar contra elles as escaramuças e, no dia 5 de Agosto, á frente de 1.200 homens, tenta reconquistar Olinda. E' derrotado e ferido. Dias depois, manda fazer outra investida; egual é o insuccesso. Volta-se para Afogados; repellem-n'o. Consegue occupar a Barreta, mas d'ahi não lhe permittem passar. Ás promessas de garantia, com que acenam os novos conselheiros

(80) Variam os autores sobre a data da chegada dos reforços hollandezes. Alguns fixam o dia 20 de Julho e outros 1 ou começo de Agosto de 1646. E' possivel que todos tenham razão, pois, tratando-se de uma frota, uns navios podem ter chegado antes de outros. Igual divergencia ha quanto á força de terra, que veio com Schkoppe, parecendo certo que ella era de 2.000 soldados ou pouco mais. Vide Netscher, Porto Seguro, Rocha Pombo, Galanti, Santiago, etc.

que com elle vieram áquelles que se quizessem submetter, responde Fernandes Vieira com orgulhosa repulsa (81). O terreno está todo minado. Reconhece que é necessario dar nova direcção á guerra e recorre ás diversões. Mas para o norte ellas são inuteis: a Parahyba e o Rio Grande estão desertos. Os moradores que escaparam ás carnificinas se haviam retirado para Iguarassú, Goyana, Varzea, Cabo e terras do sul. Ordena a Hinderson que siga para Penedo. Este parte, levando oito barcos, protegidos por dez navios do almirante Lichthardt. A guarnição da villa, apanhada de surpreza, procura refugio no acampamento de Francisco Rabello, que guarda a fronteira da Bahia, e, uma vez por outra, vem perturbar a obra do forte que se esforçam por construir alli. Perdas repetidas, em encontros diversos, forçam-n'os em Abril de 1647, a abandonar aquelle ponto, onde grandes revéses os feriram, não sendo dos menores a morte de Lichthardt, que falleceu pouco depois de sua chegada.

Schkoppe nada adeantara ainda em Pernambuco; e volve suas vistas para a Bahia, em cuja barra entra com alguns navios e um total de 2.500 a 3.000 homens a 8 de Fevereiro daquelle anno, desembarcando na ilha de Itaparica. "Os soldados — diz Moreau, cuja narração deve ser insuspeita, como amigo dos Hollandezes — (82), não pouparam ahi uma só vida, mataram até mulheres e crianças, saquearam tudo quanto quizeram, e só o incendiar lhes foi prohibido; de modo que duas mil pessoas que contava esta ilha pereceram, umas pelo ferro, outras afogadas nos barcos, em que a tropel se lançavam, afim de passarem á cidade da Bahia, quando chegaram os Hollandezes"...

---

(81) Rocha Pombo, obra cit. vol IV, nota á pag. 560.
(82) Porto Seguro, "Hollandezes no Brasil", cit. pag. 321.

A permanencia destes foi alli de dez mezes; mas os damnos e prejuizos causados na ilha e no Reconcavo só indirectamente se reflectiram na cidade e em nada influiram para serenar o arrojo dos insurgentes de Pernambuco, que apertavam cada vez mais o cerco do Recife, obrigando o supremo conselho, por isto e pela noticia da proxima chegada de uma esquadra portugueza, a chamar Schkoppe, que deixou a Bahia em 14 de Dezembro de 1647 (83).

Durante a ausencia de Schkoppe, isto é, durante quasi todo o anno de 1647, os patriotas, conservando-se fortes e ameaçadores nos seus acampamentos do *Arraial* e da Varzea, não se esquecem do norte. "E' de lá, da Parahyba e do Rio Grande, que ambas as parcialidades belligerantes recebem munições de bocca; e nunca deixou, por isso, de ter grande valor a posse daquellas capitanias. Mesmo não podendo reconquistal-as e menos ainda mantel-as, preferem ter abertas, como senpre tiveram, aquellas vastas paragens ás incursões que por alli faziam, não só para inquietar o governo do Recife, como para se proverem do gado e de outros artigos de consumo".

Em Maio chegaram avisos de que na Parahyba os invasores estavam cultivando as terras e aproveitando os cannaviaes que não tinham sido inteiramente destruidos quando os moradores se retiraram, e no Rio Grande de que estavam em vesperas de fazer moer o engenho Cunhau'. O sargento-mór Antonio Dias Cardoso é incumbido de tirar-lhes esses recursos e segue a 16 daquelle mez acompanhado de 337 homens, dos quaes destaca 160, sob o commando do capitão Cosme do Rego Barros, para assaltar aquelle engenho e todo o seu districto. O inimigo resiste; mas Rego Barros

---

(83) Rocha Pombo, obra cit. vol. IV, nota á pag. 570. Corrige um engano de Porto Seguro.

lança fogo ao engenho, arrebanha o gado que póde, volta a Parahyba, encontra-se com Dias Cardoso, que alli fizera consideraveis estragos, e juntos regressam ao *Arraial,* conduzindo muitos prisioneiros, principalmente escravos foragidos e mulheres extraviadas, "a quem libertaram da força e da injuria", e cerca de tresentos bois.

Pouco mais de tres mezes depois, a 24 de Agosto, Vidal de Negreiros invade novamente o Rio Grande; e, emquanto se bate com o inimigo no Cunhau', ordena ao capitão João Barbosa Pinto que retire do Ceará-mirim o gado que fosse encontrando. Este desempenha a commissão, vindo em seguida operar a juncção de suas forças com as de Negreiros, que logo retorna a Pernambuco, sem grande exito na incursão. Henrique Dias, porém, vai ser mais feliz. A 23 de Novembro, parte com o seu terço e algumas companhias do terço de Camarão. "Primeiro era descoberto pelo damno que pelas noticias" e, em começo de Janeiro de 1648, "avistou um sitio, que chamão as Guarairas (84), onde o inimigo sustentava uma casa forte no centro d'uma lagoa larga e funda, dentro da qual, como em ilha, se alojavão todos os indios e escravos que o hollandez occupava nas roças e lavouras daquelle terreno; e se recolhião os fructos e os roubos de que se sustentavão, guardados e defendidos de quarenta hollandezes, que com outros soldados indios guarnecião a fortificação: constava esta de casa forte cercada de duas trincheiras bem obradas. Depois de exortar seus soldados com palavras de confiança e rosto socegado, disse-lhes o caminho e o modo como havião de avançar e ganhar a fortificação; e, não lhes interpondo duvida entre o investir e o vencer os metteu no assalto. Lançarão-se á agua, e com ella pela cinta acom-

---

(84) Fiça no municipio de Arez.

metterão á escala. Defenderão-se os Hollandezes com ardor favorecidos da vantagem do sitio: mas não poderão impedir que os nossos tomassem terra, e ganhassem a primeira trincheira. Entre esta e a segunda se travou renhido combate; mas o furor dos nossos levou o inimigo de vencida, e bem depressa cahiu a segunda trincheira em suas mãos. O cabo hollandez, vendo perdida toda a esperança, se metteu com cinco companheiros n'uma canôa, furtado aos olhos dos seus, para salvar as vidas. Escalarão os nossos a casa forte com tibia resistencia, e levarão tudo á ponta de espada, não perdoando o sexo nem a idade. Durou o conflicto desde a primeira noite até pela manhã, e foi com a claridade do dia que se pôde conhecer o estrago. Morrerão nesta occasião todos quantos hollandezes, indios e negros havia na fortificação, excepto os cinco que fugirão. Dos nossos perderão a vida tres soldados, e ficarão muitos feridos. Gastou-se o dia, que foi o de 6 de Janeiro de 1648, em recolher os despojos, curar os feridos, enterrar os mortos, e tomar refeição do trabalho entre as congratulações da victoria.

"Em 7 do mesmo mez marchou o governador Henrique Dias para o engenho de Cunhaú, onde achou o hollandez bem fortificado, com muita gente de presidio, e não menos soberbo pela ditosa resistencia com que se havia defendido do mestre de campo André Vidal, nos dias passados. Fez alto em frente do inimigo, e á cara descoberta mandou por um trombeta uma embaixada ao flamengo, dizendo-lhe que sem dilação se rendesse, e se lhe faria bom partido, antes que os seus chegassem a desembainhar a espada, porque com ella na mão nem a obediencia os obrigava nem a commiseração os detinha; que achava testemunha desta verdade no successo do dia antecedente, acontecido nas Guarairas, exemplo com que desenga-

nadamente se poderia aconselhar sua deliberação; que se aproveitasse com prudencia da escolha que em sua mão punha a fortuna. Perplexo ficou o flamengo com um tal proposto; com palavras equivocas respondeu ao enviado, pensando ganhar tempo com sagacidade; porém Henrique Dias, que conheceu o ardil, mandou segunda embaixada ainda mais terminante; e como tardasse a resposta, sem mais gastar palavras, mandou a seus soldados que toda a lenha que estava junta para o serviço do engenho, chegassem á fortificaçãc inimiga em circulo. Executou-se a ordem com estranha presteza; e sem duvida que tudo ardera, se, ao tempo de se lhe pôr fogo, não sahira de dentro uma mulher portugueza, casada com flamengo, pedindo a Henrique Dias quartel para os cercados. Concedeu-lhe as vidas, e lhe abrirão as portas. Saquearão os nossos as fazendas, munições e armas, arrasarão a fortificação e o engenho; levarão prisioneiros a todos os rendidos; e, assolada a campanha, voltarão para o Arraial, onde chegarão com prospero successo, e fizerão entrega aos governadores dos captivos e das armas, ficando-se com os mais despojos (85)".

Estes e outros factos que se deram, ao tempo, em pontos diversos não passavam, entretanto, de episodios secundarios da campanha. Em Pernambuco é que esta se tem de decidir e, para isto, se preparam uns e outros.

Schkoppe, de volta da Bahia, faz escaramuças em Itamaracá e autoriza investidas contra Iguarassú e Goyana, com resultados favoraveis; mas só depois de 18 de Março de 1648, quando chega ao Recife uma expedição de soccorro, sob o commando do almirante Corneliszoon de With, é que elle, investido da suprema autoridade da colonia, por conselho de Nassau, que recusara voltar ao Brasil, se resolve a activar a guerra,

(85) Fr. Raphael de Jesus, obra cit. pags. 473 a 476.

dando cumprimento a ordens vindas da Hollanda. Ahi já ninguem se enganava com os processos dilatorios da diplomacia portugueza; e a côrte de Lisbôa, apprehensiva ante a marcha das negociações entaboladas entre os governos de Haya e de Madrid para um tratado definitivo de paz—que veio a assignar-se naquelle mesmo anno — procura dar arrhas de sua sinceridade e desviar o golpe de que estava ameaçada, mesmo na Europa, substituindo o governador geral, Antonio Telles da Silva, pelo conde de Villapouca, Antonio Telles de Menezes, que aportara á Bahia em 22 de Dezembro do anno anterior. Os reforços que o deviam acompanhar não eram de grande monta: umas companhias destacadas do exercito do reino e algumas forças organizadas nas ilhas pelo mestre de campo Francisco Figueirôa, que em 1630 fôra capitão do forte de S. Jorge, em Pernambuco, onde, mais tarde, viria operar com os seus regimentos ao lado dos insurgentes. A estes se deparou, pouco depois, um poderoso auxiliar na pessoa de Francisco Barreto de Menezes, que, enviado da metropole, cahira em poder dos Hollandezes, sendo transportado ao Recife, onde permaneceu preso durante muitos mezes (86), até que, em

(86) Lê-se o seguinte na *notula* de 12 de Maio de 1647, Archivo de Haya: "Chegou o capitão Slickman, trazendo uma presa capturada perto da Bahia, sendo a capitanea da esquadra vinda de Portugal chamada *São Francisco*. Foram aprisionados nella o mestre de campo Francisco Barreto de Menezes e alguns outros individuos de posição. Refere o capitão ter empenhado com ella violento combate, tendo o inimigo soffrido a perda de 25 mortos e muitos feridos. Slickman teve cinco mortos e 15 feridos. Deu-se ordem para desembarcar os prisioneiros e guardal-os em logar seguro".

Este Slickman devia estar sob o commando do almirante Joost van Trappen (appellidado Banckert), que nessa occasião se achava cruzando na Bahia, mas, como fôra elle quem atacara e capturara a *São Francisco*, levou-a ao Recife... Depois de ser interrogado, Barreto de Menezes ficou preso no forte do Brum. Durante sua prisão no Recife fez algumas reclamações. A primeira, em 18 de Maio de 1647, foi pedindo que lhe con-

23 de Janeiro de 1648, conseguiu fugir, em companhia de Francisco de Brae, filho de seu carcereiro.

Francisco Barreto era militar destimido, cuja capacidade e valor já haviam sido comprovados mesmo nas capitanias do norte, pois fôra dos capitães que com Luiz Barbalho fizeram a travessia de Touros á Bahia em 1640; e a metropole, nomeando-o, em 12 de Fevereiro de 1647, mestre de campo general para pôr-se á frente dos patriotas, tivera em vista dar-lhes unidade de commando e imprimir ás operações de guerra a direcção mais conveniente. A sua prisão impedira-o de cumprir as ordens que recebera, e chegando ao *Arraial* teve de aguardar novas instrucções do conde de Villapouca, limitando-se "a acudir com as advertencias necessarias a que os governadores dis-

---

cedessem, para o seu serviço, tres prisioneiros portuguezes, que eram criados. Solicitava ao mesmo tempo que o removessem daquelle forte, queixando-se de estar privado da vista dos elementos. Tambem mostrou desejos de escrever para a Bahia, sendo-lhe concedido um joven portuguez para o seu serviço, e permittiram que escrevesse para a Bahia, sendo as cartas inspeccionadas pelo conselho. Em 14 de Agosto de 1647 foi removido para o forte Ernestus. O conselho deu ordens severas ao major Beier sobre a guarda do preso. No dia 8 de Novembro achava-se elle preso com o seu tenente Philippe Bandeira de Mello, Rodrigo de Barros e outros no antigo convento dos Capuchos. Como nessa noite os Pernambucanos dessem um assalto ao convento, transformado então em fortaleza, o conselho entregou Menezes e seu tenente provisoriamente á guarda do secretario Hermit, até que se encontrasse logar seguro. No dia 18 de Novembro de 1647, o mestre de campo e o tenente foram removidos da custodia de Hermit para a casa de Jacques de Brae, a qual fôra preparada de forma a não haver receio de fuga. Em 24 de Janeiro de 1648, pela manhã, o conselho recebeu aviso de que o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes e o seu tenente Philippe Bandeira de Mello haviam fugido da casa de Jacques de Brae, com um filho deste. (Dr. Pedro Souto Maior "Fastos Pernambucanos, cit. pags. 379-381).

pozessem com prevenção em todas as cousas que necessitavam della". E' elle mesmo quem o diz (87).

A 16 de Abril estavam em suas mãos as instrucções esperadas da Bahia e, de accôrdo com ellas, era logo reconhecida a sua autoridade de general, sem que o facto "despertasse susceptibilidades entre os chefes da guerra, como seria de temer".

Tres dias depois, a 19 de Abril, fere-se a primeira batalha dos montes Guararapes (88), em que dois exercitos — um de dois mil e duzentos homens e outro de quatro mil e quinhentos (89) — se batem com inexcedivel bravura, obrando os insurgentes um dos mais fulgurantes feitos das nossas armas (90).

---

(87) Carta de Francisco Barreto, dando conta da victoria alcançada nos Guararapes em 1648 (Rev. do Inst. Hist. Bras. tomo LVI, primeira parte, pags. 71 e seg.) Porto Seguro já havia transcripto este documento, existente na Bibliotheca de Evora.

(88) O Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, em seu "Diccionario Pernambucano" assim descreve estes montes: "Situados na freguezia de Moribeca, cerca de 15 kilometros ao sul da cidade de Recife, no meio de duas planicies, prolongando-se de leste para oeste. São tres, separados por grutas e mattas, e chamados: o do lado do norte, *Telegrapho*, por ter em 1817 Luiz de Rego mandado collocar signaes para transmissão de noticias entre o Recife e o Cabo; o do lado occidental, *Oitiseiro*, em virtude das arvores desses fructos que nelle existiam, e deita suas encostas para as varzeas do engenho Guararapes; e o do lado oriental, em cuja eminencia se ergue a igreja de N. S. dos Prazeres, mandada construir por Francisco Barreto de Menezes, ficando o monte conhecido pelo mesmo nome da igreja. Guararapes é vocabulo indigena, e significa "som produzido por queda ou pancada"; querendo aqui exprimir o bramir das tormentas cahindo nos concavos e cavernas daquelles montes". F. Raphael de Jesus (Castrioto Luzitano, pag. 498) diz: "Guararapes, na lingua do gentio, é o mesmo que estrondo, ou estrepito, que causam os instrumentos de golpe, como sino, tambor, atabale, e outros; e o rumor que fazem as aguas pelas roturas e concavidades delles lhes deu o nome de Guararapes".

(89) E' Netscher quem dá este numero, que os autores portuguezes e brasileiros exageram, elevando até 7.000.

(90) Sobre esta batalha leiam-se as publicações das Revistas do Instituto Historico Brasileiro, e Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, os chronistas da guerra, e mais Netscher, Porto Seguro, Rocha Pombo, Galanti, Souto Maior, etc.

Os Hollandezes tiveram fóra de combate, entre mortos e feridos, mais de mil e quinhentos homens; perderam os seus coroneis e muitos officiaes superiores, ficando ferido o proprio general Sigismundo; e deixaram no campo uma peça de bronze, trinta e tres bandeiras e estandartes, muitas armas e munições, além de outros despojos. Os vencedores tiveram oitenta mortos e cerca de quatrocentos feridos. A victoria fôra estrondosa e enche de pasmo a toda gente. Ninguem duvida mais do resultado da campanha. O governo de Lisbôa repelle qualquer proposta que não exclua a entrega das capitanias occupadas pelos Flamengos e o governador geral, que fizera guarnecer a fronteira de S. Francisco por algumas companhias para proteger a fuga dos Pernambucanos, convencido como estava de sua inevitavel derrota, apressa-se em mandar que a elles se vá reunir o mestre de campo Francisco Figueirôa com o seu regimento de ilhéos.

Recolhidos ao Recife, os vencidos deixam-se tomar de desanimo. Tortura-os a maior incerteza, domina-os um geral esmorecimento. Haviam se apoderado de Olinda, mas perdem-n'a depois que Barreto de Menezes volta ao *Arraial*, tendo de lamentar a morte de cento e cincoenta soldados, sacrificados pelo terço de Henrique Dias. Tentam algumas sortidas por Santo Amaro e pelo forte da Barreta, e são repellidos. Instam por auxilios da Europa e de lá chega a noticia de que Salvador Correia de Sá retomara Angola e de que a ilha de S. Thomé cahira em poder dos Portuguezes. Appellam para o mar. De With consegue fazer diversas prezas nas costas, de Maio em deante, e, em fins de 1648 ou começo de 1649, alguns navios devastam o *Reconcavo* (Bahia), destruindo vinte e tres engenhos. Mas, mesmo no oceano, a sorte lhes vai ser adversa, porque approxima-se o dia em que

as nossas aguas territoriaes serão sulcadas pelas frotas da Companhia Geral do Commercio do Brasil, destinada a dar aos insurgentes, em opportuno ensejo, a collaboração de que precisam para apertar, por terra e por mar, o cerco do Recife até a evacuação da praça.

O anno de 1648 é, pois, um anno propicio á causa dos patriotas. Poucos são os acontecimentos que annuviam as suas alegrias e enthusiasmos, e destes o maior é, incontestavelmente, o fallecimento de Camarão, occorrido em fins de Agosto, na sua estancia junto á cidade sitiada. A morte como que engrandece o valente filho das encantadoras margens do Potengy, e é depois que elle baixa ao tumulo que aos olhos de todos se apresenta, na plenitude de sua magestade, a imponente figura do heróe potyguar (91). Choram-n'o com inexprimivel pezar e prestam-lhe, com piedosa magua, o tributo da mais imperecivel saudade. Não se deixam, entretanto, abater pela dôr immensa e continuam a honrar a memoria veneranda do guerreiro cahido, imitando as suas nobilissimas acções nas pelejas que se vão seguir.

Em começo de 1649, discute-se no Recife o que ha a fazer. Os officiaes aconselham uma diversão ao Rio de Janeiro; mas o supremo conselho prefere um feito d'armas no interior. E esta opinião prevalece, entregando-se o commando das forças — no impedimento de Schkoppe, ainda doente em consequencia do ferimento recebido no anno anterior e que fôra contrario á deliberação tomada, — ao coronel Brinck que

(91) Depois que Porto Seguro reinvindicou para o Rio Grande do Norte a naturalidade de Camarão vão desapparecendo, pouco a pouco, as divergencias dos que a disputavam para o Ceará e Pernambuco.

O Desembargador Luiz Fernandes, em meticuloso estudo publicado na Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Norte, exgottou, por assim dizer, este assumpto.

a 17 de Fevereiro sae da capital com um corpo de exercito, composto de quatro mil homens, mais ou menos, caminho de Guararápes. Avisado desse movimento, Barreto de Menezes parte do *Arraial*, na mesma direcção, levando dois mil e seiscentos homens. A 19 trava-se o combate e mais uma vez os Hollandezes mordem o chão de derrota, perdendo o seu commandante, cento e muitos officiaes, oitocentos e cincoenta e cinco soldados, noventa prisioneiros, cinco peças de campanha, varias bandeiras, armas e munições. A perda de Barreto foi avaliada em quarenta e cinco mortos e duzentos feridos.

Os invasores marchavam agora para a sua completa ruina, e razão tinha Schkoppe quando se oppuzera ao temerario projecto. Elle sabia, por experiencia pessoal, que Vidal e Vieira não blasonavam ao estabelecer a differença entre os seus soldados e os da companhia: "aquelles acautelavam o proprio, estes conquistavam o alheio; os primeiros pelejavam por honra, os segundos serviam por paga; uns defendiam a vida, outros venciam o soldo".

A datar da segunda batalha de Guararapes, o seu viver é um constante agonizar de força e de poder. Para elles estava virtualmente perdida a colonia. Os cinco annos que lhes restam de dominio escoam-se tristemente por entre afflições e fadigas. Não são assignalados por factos memoraveis: embates e encontros periodicos, sempre mal succedidos, nos arredores da cidade, mallogro de um desembarque no São Francisco em 15 de Janeiro de 1651, devastações levadas a cabo no Rio Grande por Pinto Barbosa e Dias Cardoso, em Julho daquelle anno e Maio de 1652, e nada mais. Da Europa é impossivel que venham recursos; a guerra da Hollanda com a Inglaterra, de

que foi causa occasional o *act of navigation* (92), absorve a attenção do governo de Haya até 1654.

Os Flamengos ficam isolados e impotentes para a reacção. E' então que os insurgentes combinam e desferem o golpe mortal, srvindo-se do concurso de uma esquadra da "Companhia Geral de Commercio do Brasil" (93) que appareceu, em 20 de Dezembro de 1653, ao norte do Recife, comboiando, com trese navios de combate, sessenta e quatro embarcações mercantes. Eram almirante e vice-almirante dessa esquadra Pedro Jacques de Magalhães, depois primeiro visconde de Fonte Arcada, e Francisco de Brito Freire, mais tarde governador de Pernambuco (1661-1664), os quaes, no mesmo dia e proximo a Olinda, assentaram com Francisco Barreto e os mestres de campo Vidal, Vieira e Figueirôa, bloquear a praça por mar, emquanto elles, com o seu exercito de tres mil e tantos homens, a atacariam por terra.

As operações foram conduzidas com rapidez e felicidade. A esquadra distendeu-se, desde logo, em linha, de Olinda até á confrontação da Barreta, impedindo a entrada e sahida de quaesquer barcos no Recife, e o exercito — feitos com precisão e urgencia os estudos e as obras para a execução de um plano regular de assedio — iniciou o ataque na manhã de 15 de Janeiro pelo forte das Salinas (ou Casa do Rego,

---

(92) Cromwell assumira o governo da Inglaterra, com o titulo de *Protector*, em 1649, depois de prender e fazer executar Carlos I: e, em 1651, expediu esse celebre acto, "segundo o qual nenhum producto da Asia, da Africa ou da America podia ser importado na Inglaterra senão em navios inglezes ou em navios pertencentes ao paiz productor". Era uma medida aggressiva, visando o engrandecimento da marinha mercante e a supremacia maritima. A Hollanda não se conformou com ella e declarou a guerra, sendo forçada, em 1654, a concluir a paz em condições desvantajosas.

(93) Creada por Alvará de 6 de Fevereiro, teve estatutos a 8 de Março de 1649 (Porto Seguro, "Hollandezes no Brasil", cit. pag. 358).

em Santo Amaro). Combateu-se durante todo o dia e parte da noite, com pequenos intervallos, e, pela madrugada de 15, rendiam-se os inimigos. A 19 é tomado o forte de Alternar, que dominava inteiramente a cidade Mauricia, e os sitiados recolhem as guarnições de todos os reductos, despejando as fortalezas do lado do sul e as do isthmo, que vai para Olinda, e concentram-se no forte estrellado das Cinco Pontas e numa posição abandonada que delle distava umas duzentas braças (denominava-se Amelia ou Melhou, tinha quatro baluartes e era cercado de um fosso que se enchia d'agua na preamar, difficultando a escalada). Essa posição é tomada a 22. Schkoppe tenta inutilmente reconquistal-a. E' o ultimo combate que se fere. Depois delle, a 23, o general hollandez julga improficua toda resistencia e confessa-o ao supremo conselho, que, submettendo-se ás contingencias do desastre, solicita a nomeação de tres delegados que com outros tres por elle indicados, tratem das bases da capitulação. A proposta é acceita, sendo suspensas as hostilidades em terra e expedidas recommendações para que não cesse a vigilancia pelo lado do mar, donde poderiam vir soccorros de gente de Itamaracá, Parahyba e Rio Grande.

A 24, na campina do Taborda, na visinhança de Cinco Pontas, reunem-se os seis delegados, que eram: por parte dos Hollandezes, o conselheiro Gilbert de With, o capitão van Loo e Huybrecht Brest, presidente da camara de escabinos do Recife; por parte dos insurgentes, Francisco Alvares Moreira, auditor geral, Manoel Gonçalves Corrêa, secretario do exercito, e o capitão Affonso de Albuquerque. A esses delegados foram aggregados pelas duas partes contractantes o coronel van der Wall e Vidal de Negreiros, incumbidos de discutir as negociações no que

dissessem respeito a assumptos propriamente militares.

A 25 era assignada a capitulação, estabelecendo em resumo (94): — que a cidade do Recife, todas as demais povoações e todos os fortes e armamentos existentes nas quatro capitanias que tinham estado em poder dos Hollandezes seriam restituidas immediatamente ao rei de Portugal; — que se esqueceria a guerra, concedendo-se amnistia plena e inteira aos proprios portuguezes e judeus ou subditos de qualquer outra nacionalidade que tivessem tomado partido pelos Hollandezes; — que, no tocante á religião, todos seriam tratados no Brasil do mesmo modo que o eram em Portugal; — que os capitulados sahiram com armas e bagagens, devendo, no entanto, as armas ficar depois sob a guarda da autoridade portugueza até o momento em que os vencidos embarcassem para a Hollanda; — que todo e qualquer subdito da Hollanda poderia ficar e viver no Brasil nas mesmas condições em que vivem os Portuguezes; e os que se quizessem ritirar poderiam conduzir todos os seus bens e liquidar em Pernambuco os seus negocios, por si mesmos ou por seus procuradores.

A 28 de Janeiro de 1654 entrava triumphalmente no Recife — occupado na vespera pelo exercito insurgente — o general Francisco Barreto, que, a 1 de Fevereiro, mandava que Francisco Figueirôa, com 850 soldados, seguisse por terra para tomar conta dos fortes da Parahyba e Rio Grande, os quaes foram encontrados abandonados por terem os Hollandezes, prevenidos a tempo, podido fugir em alguns barcos de

(94) Rocha Pombo, obra cit. vol. IV, pag. 635. Neste autor e em Porto Seguro devem ser de preferencia lidos na integra os artigos da capitulação.

que dispunham. Itamaracá foi entregue ao capitão Manoel de Azevedo, e do Ceará — onde governava Gartsmann, que embarcou para a Martinica, morrendo alli pouco depois, — tomou posse o capitão Alvaro de Azevedo Barreto.

Em Maio todas as capitanias anteriormente dominadas pelo invasor estavam em poder dos patriotas, que haviam realizado corajosamente o ideal por que se bateram durante cerca de nove annos, empenhados numa campanha trabalhosa e aspera para reconquistar a integridade da terra, que novas gerações transformariam mais tarde em uma nacionalidade independente e forte.

Da luta que terminara restava apenas para perturbar a reconstrucção da obra colonial um germen de discordias; a revolta dos indios alliados dos flamengos, que, desde 1646, tinham começado a retirar-se para o Rio Grande do Norte. Foi dahi que, após a expulsão dos intrusos, marcharam para o Ceará (95), em numero superior a quatro mil, internando-se nos sertões de Ibiapaba (Cambressive), donde desciam, ás vezes, em companhia de hordas selvagens daquellas regiões, para atacar os estabelecimentos portuguezes, trazendo em continuas desordens o interior do nordeste brasileiro. A reacção para atalhar essas desordens deu-se immediata e energica, e com ella foi iniciado o periodo de porfiadas lutas contra os *janduys* e *cariris*, principalmente, lutas que passaram á historia norte-rio-grandense, constituindo um dos seus capitulos mais interessantes, sob a denominação de *guerra dos indios*, que veio a ser a preoccupação constante de todos os que governaram a capitania até os fins do seculo XVII.

---

(95) "Fastos Pernambucanos" pelo Dr. Pedro Souto Maior, citado (Rev. do Inst. Hist. Bras. primeira parte, pag. 445).

Parece que á crueldade que caracterizou essa guerra não foram extranhos, pelo menos no começo, os conselhos dos aventureiros hollandezes que continuaram a viver entre os indigenas. E a exposição que, em Agosto do mesmo anno em que se deu a expulsão dos invasores, fez na Hollanda o ex-governador dos indios do Rio Grande, Antonio Paraupaba, fornece uma prova de que a semelhante supposição não falta fundamento, pois não é crivel que elle tenha emprehendido a viagem apenas commissionado pelos de sua raça.

Diz essa exposição (96);

"Altos e Nobres Senhores, etc.

Antonio Paraupaba, ex-regedor dos indios do Rio Grande, faz ver com todo respeito a VV. EExs. que todos os indios (ainda não ha muito tempo habitantes naquella região do Brasil e obedientes ao governo deste Estado até a ultima conquista feita pelos perjuros portuguezes), como subditos bons e firmes na sua fidelidade para com este Estado e a Religião reformada de Christo, a unica verdadeira, têm vivido e perseverado até agora nesses sentimentos.

Sendo por isso o supplicante enviado a V. EExs. por aquella Nação que se refugiou com mulheres e crianças para *Cambressive* no sertão além do Ceará, afim de escapar aos ferozes massacres dos Portuzes; para asseverar a VV. EExs. em nome daquellas infelizes almas, não sómente a constancia da sua fidelidade, como tambem que procurarão a sua subsistencia pelo espaço de dois annos, e mesmo mais nos sertões, no meio de animaes ferozes, conservando-se á disposição deste Estado e fieis á Religião Reformada que aprenderam e praticam; comtanto que VV. EExs.

---

(96) "Fastos Pernambucanos", cit.

se dignem garantir-lhes egualmente que no fim do dito prazo poderão esperar auxilio e soccorro de VV. EExs.

Si lhes faltar esse auxilio, aquelle povo tem necessariamente de cahir afinal nas garras dos crueis e sanguinarios Portuguezes, que desde a primeira occupação do Brasil têm destruido tantos centenares de mil pessoas da sua nação, e especialmente depois que ella procurou a protecção das armas deste Estado e adoptou o verdadeiro culto divino, e que agora, si fôr abandonada, terá de fazer penitencia extirpando-o.

Aquelle povo não póde acreditar que VV. EExs. o recompensem dessa fórma por seus fieis serviços, e tantas e tão longas miserias, fome e massacres, nem que permittam que aquelles que foram uma vez trazidos ao conhecimento da verdadeira religião se retirem della, e seja cortado o caminho que lhes apontaram para o Reino de Jesus Christo; nem deixem que elles recaiam na selvageria entre as feras nos sertões bravios, pois teriam de prestar contas ao Grande Todo Poderoso Deus que é contra os que por usura enterram a sua libra com medo de a gastar.

Portanto confiamos firmemente que VV. EExs. (que sempre se mostraram como verdadeiros pais e defensores dos opprimidos e desamparados, e sinceros paladinos da verdadeira egreja de Deus) mandarão o mais depressa possivel para lá o soccorro sufficiente para a subsistencia da infeliz nação de indios e para a conservação da Egreja Christã reformada, a unica verdadeira. E, como o supplicante, deixando pai e mãe, filhos e parentes, trazendo apenas consigo, para o consolarem em sua tristeza, dois filhos creanças, tenha chegado aqui quasi nu' e sem recursos, solicito muito humildemente, confiado no bom coração de VV. EExs. se dignem mandar fornecer a roupa necessaria e

pensão a si e seus dois pobres filhos, afim de poder esperar que, em tempo opportuno, sejam despachados os seus requerimentos anteriores.

Haya, 6 de Agosto de 1654.

(Assignado) ANTONIO PARAUPABA."

Em uma segunda exposição, de 1656, Paraupaba, recordando longamente os serviços prestados pelos indios, até em expedição á Africa—e na qual se refere ao martyrio de Pedro Poty, que foi governador dos indios da Parahyba e cahiu prisioneiro dos insurgentes na segunda batalha dos Guararapes — insiste em pedir auxilios para os seus, o que indica que, si promessas foram feitas em 1654, não chegaram a ser cumpridas. Os Hollandezes, apezar do appello que lhes foi dirigido em nome de Deus, *que é contra os que por usura enterram a sua libra com medo de a gastar,* preferiram conserval-a, sem se lançarem em emprezas inviaveis. E', entretanto, de presumir que estimulassem a luta, aproveitando-se da circumstancia de serem numerosas as uniões entre hollandezes e portuguezes e entre hollandezes e indios, tão numerosas que sobre ellas o supremo conselho do Recife tomou em 23 de Dezembro de 1645 a seguinte deliberação (97):

"Presente os Srs. Hamel, Bullestraten e Bas. Os escolteto e escabinos do Rio Grande notificaram-nos que muitos neerlandezes se casam com viuvas de portuguezes e depois sustentam que os bens daquelles lhes pertencem, e por conseguinte procuram chamal-os a

(97) "Fastos Pernambucanos", cit.

si. Os soldados e indios, que estão de posse de muitos animaes e negros, incluidos naquelles bens, julgam, pelo contrario, que são sua preza e lhes pertencem de direito.

Não sendo possivel arrancar-lhes taes prezas sem causar grande desgosto, os escabinos pedem-nos que resolvamos a respeito.

Tendo sido consultado o conselho de justiça para ver o que convinha fazer, ficou resolvido communicar ao esculteto e escabinos que tudo que fôr adquirido na guerra, no primeiro ataque, pelos soldados e homens livres, como sejam os indios, deve ser deixado com esses, e que lhes cumpre ver que as outras partes se accommodem tanto quanto fôr possivel; quanto aos bens de que ainda ninguem se apossou e ficaram fóra da preza, devem ser arrolados em nome da Companhia, e, si os que casarem com as ditas viuvas os quizerem resgatar, têm de os comprar á Companhia".

Dada a situação que esta consulta faz entrever, era provavel—quando ainda se arrastavam na Europa as negociações para ajustes internacionaes — que os ex-dominadores mantivessem insidiosamente os fermentos de agitação na colonia, para delles tirar partido, assim como que incitassem os ambiciosos a virem para o Brasil fazer causa commum com os revoltados. Talvez esteja mesmo no maior cruzamento então operado entre elles e os indios a explicação para a differença de typo que, não raro, se observa entre os sertanejos e os habitantes do littoral norte-rio-grandense. No meio dos primeiros, vê-se ás vezes, homens alourados, fortes, de olhos azues, que lembram os Hollandezes; e quem viaja pelo interior encontra a miudo, brincando na porta dos casaes, criancinhas louras, de

inquietos olhos côr de saphyra (98). Como quer que seja, o facto é que a guerra dos indios em nada aproveitou aos Hollandezes: a sua expulsão tornou-se definitiva. Foi um bem ou foi um mal? Si a questão fosse posta em outros termos, isto é, de saber si, conquistado primitivamente por outro povo, o Brasil teria tido sorte differente da que teve, ainda admittimos que podessem ser discutidas as excellencias illusorias da colonização dos Flamengos. Mas não foi isto que se deu. Quando elles aqui chegaram, foi para apoderar-se de uma colonia em franco desenvolvimento, colhendo os fructos do trabalho e dos esforços de outros. Raça, religião, lingua, costumes, familia, interesses, tudo nos prendia já aos Portuguezes: a sua acção seria, pois, necessariamente perturbadora. E, si realizaveis os seus designios, que chamariamos hoje de imperialistas, não cremos que melhor tivesse sido o nosso futuro.

Ninguem contesta que os processos usados pelos governos da metropole deixavam muito a desejar; mas os dos intrusos não lhes eram superiores. O erro vem de se querer comparal-os com os que foram postos em pratica por Nassau, que constituiu uma excepção. A regra, antes e depois delle, foi sempre outra; e, a julgar pelos resultados — unico criterio seguro— o parallelo é inteiramente desfavoravel aos Hollandezes. Estes, até agora, nada fizeram como povo colonizador: as suas colonias ahi estão para attestar a sua obra negativa. Basta olhar para Java com a sua população dividida em castas e transformada em campo de exploração, donde se drenam para a Europa as suas ri-

(98) Esta observação é de Gustavo Barroso (João do Norte), em seu interessante livro "Terra de sol", e feita em relação ao Ceará; mas Henrique Castriciano e outros já a fizeram tambem quanto ao Rio Grande do Norte. E' absolutamente verdadeira.

quezas. A America, ao contrario, offerece toda ella a prova da energia com que Portugal, Hespanha e Inglaterra prepararam, com a fusão de raças diversas, Patrias novas para a vida da civilização e da liberdade.

Mesmo sob o ponto de vista dos melhoramentos materiaes, o legado dos invasores foi quasi nullo. A não ser no Recife —onde tudo que se fez foi devido á iniciativa pessoal de Nassau — os traços e vestigios de sua passagem ou permanencia em terras brasileiras não ficaram assignalados sinão pela reconstrucção de fortes ou por algumas obras de defesa. O Rio Grande do Norte é bem um exemplo disto.

Em Natal, a que denominaram Amsterdam (99), nada existe do tempo dos Hollandezes: alli apenas fizeram concertos e reparos no *Forte dos Reis.*

Existirá, porventura, alguma coisa no interior?

Tambem não. Os nucleos de população mais importantes da capitania, além da capital, eram os dos engenhos *Cunhaú* e *Ferreiro Torto;* mas estes transmudados em theatro de innominaveis carnificinas e indescriptiveis devastações, não passavam, por fim, de montões de ruinas.

Diz-se que velhas muralhas que se encontram na lagôa de Guarairas são restos de projectadas obras de saneamento e demonstram seu espirito emprehendedor. Engano manifesto: destinavam-se á defesa da casa forte que alli havia e a que recolhiam as guarnições quando atacadas, como se verificou, conforme vimos, em uma das occasiões em que os negros aguerridos de Henrique Dias as levaram a completo aniquilamento.

A ponte que se começou a construir na lagôa de Extremoz, si data dessa época, não visava egualmente attender á commodidade dos povos: era talvez exigida

---

(99) "O Principe de Nassau", cit., pag. 152.

pela necessidade de facilitar a mobilização de forças de soccorro para o Ceará-mirim, onde os insurgentes iam, uma vez por outra, prover-se de gado e cereaes.

Afóra isto, não resta nem mesmo a noticia de quaesquer outros melhoramentos effectuados pelos intrusos. Si elles existiram, devem ter sido tão modestos e improficuos como as suas decantadas expedições ao interior, cuja importancia se póde avaliar pelas que deram em resultado a descoberta das *salinas*. Destas, as de Mossoró eram conhecidas desde o começo do seculo, quando Pero Coelho de Souza e outros as atravessaram a pé, depois do fracasso da colonização do Ceará; e as de Macau, comprehendidas na sesmaria concedida a Antonio e Mathias de Albuquerque e seus filhos, em 20 de Agosto de 1605, são, provavelmente, as de que falam Fr. Vicente do Salvador em sua *Historia,* concluida em 1627, e o brabantino Verdonck, na memoria que escreveu em 1630. E, não obstante, relatorios e cartas publicados em nossos dias (100), dão as honras do seu descobrimento a Gedeon Morris e Smient, que dellas souberam tirar proveitos immediatos para melhor servir aos interesses da companhia, cuja politica na America foi sempre a de locupletar-se com o labor extranho, sem preparar vantagens futuras. Assim foi tudo e por toda parte.

Na terra gloriosa onde nasceu Camarão — e que os invasores reduziram ao extremo de não ter um escabino ou um colono que a representasse na assembléa que Nassau reuniu no Recife, de 27 de Agosto a 4 de Setembro de 1640 — sómente fiocu, como lembranço inapagavel do jugo flamengo, a tradição, que não morre, de provações tremendas.

---

100) Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo LVIII, parte 1ª, pags. 237 e seguintes.